

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

Volume 38

2/99

6/1997

Natal
1997



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

VOLUME 38 - NÚMERO 26 - JULHO DE 1997



**Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. V. 38, n. 26, julho/1997.**

1 - Literatura

CDU: 820



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

VOLUME 38 - NÚMERO 26 - AGOSTO DE 1997



DIRETORIA ATUAL DA ACADEMIA

Presidente: Diógenes da Cunha Lima

Vice-Presidente: Paulo Macêdo

1º Secretário: Nilson Patriota

2º Secretário: João Batista Pinheiro Cabral

Tesoureiro: Enélio Lima Petrovich

Diretor da Biblioteca: Dorian Gray Caldas

Diretor da Revista: João Wilson Mendes Melo

Comissão de Contas: Sanderson Negreiros, Gilberto Avelino e Maria Eugênia Montenegro

Comissão de Sindicância: Jurandir Navarro, Alvarado Furtado de Mendonça e José Melquíades de Macêdo

ESTA EDIÇÃO DA REVISTA DA ACADEMIA MERECEU O APOIO FINANCEIRO DO **BANCO DO NORDESTE DO BRASIL**, EM CUJA GRÁFICA FOI IMPRESSA.

A ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS AGRADECE À DIREÇÃO DO BANCO NAS PESSOAS DO PRESIDENTE BYRON QUEIROZ E DO DIRETOR ERNANI MELO POR SEU INTERESSE TAMBÉM PELAS INICIATIVAS CULTURAIS DA REGIÃO.

CAPA do artista plástico norte-rio-grandense
DORIAN GRAY CALDAS

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

PATRONOS E ACADÊMICOS

Cadeira nº	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
01	Padre Miguelino	Adauto Câmara	Raimundo Nonato da Silva; Sylvio Piza Pedrosa
02	Misia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão; Grácio Barbalho
03	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra - Falecido em 16.03.96	
04	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich
05	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida; Manoel Onofre de Souza Júnior
06	Luis Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva; João Batista Pinheiro Cabral
07	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho; Nestor dos Santos Lima
08	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley; Nilson Patriota
09	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas; Humberto Dantas; Peregrino Júnior/ Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cico	Onofre Lopes da Silva; Miguel Seabra Fagundes; Fagundes de Menezes
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo Pinheiro de Melo - Falecido em 18.08.96
13	Luis Fernandes	Luis da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antônio Pinto; Eloy de Souza; Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Chaves Wanderley; Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluisio Alves
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	Dom Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira; Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacir Porto
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luis Rabelo – Falecido em 29.11.96
22	Leão Fernandes	Padre Luis Monte	Dom José Adelino; Padre



23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Jorge O'Grady de Paiva Othoniel Manezes; Jaime dos Guimarães Wanderley; Iaperi Soares de Araújo – Eleito
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcanti	Antídio Azevedo; Antônio Soares Filho - Falecido em 03.08.96
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires; João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Falecido em 01.07.96
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandir Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo - Falecido em 29.02.96	
31	Padre Brito Guerra	José Melquiades	
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza - Fale- cido em 20.02.95	
34	José da Penha	Alvamar Furtado	
35	Juvenal Antunes	Ednor Avelino	Gilberto Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães (eleito)
38	Luís Antônio	José Tavares	Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernan- des	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

SUMÁRIO



Três Grandes Centenários.....	1
I - O Pensamento Acadêmico sobre Vários Temas	9
1 - Homero e Castro Alves.....	11
Acad. Jorge O'Grady de Paiva	
2. Octavio Paz em Estocolmo.....	15
Acad. Nestor dos Santos Lima	
3. Raízes Gregas da Cultura.....	23
Acad. Sanderson Negreiros	
4. Bertha Lutz e o Rio Grande do Norte	29
Acad. João Batista Cascudo Rodrigues	
5. Mito da Verdade ou da Possibilidade do Ser.....	43
Acad. Dorian Gray Caldas	
6. Augusto do Anjos, Nosso Vizinho-Eterno e Universal.....	47
Acad. Murilo Melo Filho	
7. A Desigualdade em Prosa e Verso.....	51
Acad. João Wilson Mendes Melo	
8. Fundamentos do Direito. Platão? Kelsen? Marx?	53
Mário Moacyr Porto	
II - História.....	55
1. Banditismo no Nordeste.....	57
Acad. Raul Fernandes	
2. Touros sob a Ótica do Pe. Antônio Vicente da Costa	61
Acad. Nilson Patriota	
3. Os Três Reis Magos: a Verdade e a Lenda.....	73
Acad. José Melquíades	
4. Meio Século de Atividade Forense	79
Acad. Raimundo Nonato Fernandes	
III - Nosso Poetas	89
1. Charles Chaplin - A Vida, suas Intrigas	91
Acad. Diógenes da Cunha Lima	
2. Dois Poemas de Luís Rabelo.....	92
Ex-acad. Imortal Luís Rabelo	
3. Três Baladas de Gilberto Avelino	94
Acad. Gilberto Avelino	
4. Três Poemas de Luís Carlos Guimarães.....	98
Acad. Luís Carlos Guimarães	

IV - Necrologias	101
1. Necrologia de Oswaldo de Sousa.....	103
Acad. Olavo de Medeiros Filho	
2. Panegírico de Otto Guerra	109
Acad. Jurandir Navarro	
V - Novos Acadêmicos	115
1. Discurso de Posse de Sylvio Piza Pedrosa	117
2. Saudação do Acad. Alvarar Furtado de Mendonça ao Nos- so Acadêmico Sylvio Piza Pedroza	131
3. Discurso de Posse de Oriano de Almeida	139
4. Saudação do Acad. Enélio Lima Petrovich ao Novo Acadê- mico Oriano de Almeida.....	153
VI - Colaboração dos Amigos da Academia	163
1. Homenagem Póstuma a Otto Guerra	165
Prof. Múrcio Vilar Ribeiro Dantas	
2. Trinta Anos de Economia e Contabilidade.....	179
Economista Geraldo Guedes de Moura	
3. “Os Partos da Fantasia” em Diógenes da Cunha Lima	183
Crítico Literário Hilberto Barbosa Filho	
VII - Os Poetas Bissextos	187
Nota Explicativa	189
Soneto Saudade de Benício Filho	190

TRÊS GRANDES CENTENÁRIOS

Apresentando aos leitores brasileiros e riograndenses do norte, principalmente, esta vigésima sexta edição da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, juntamo-nos aos demais órgãos de divulgação do Estado ao registrar a aproximação de três centenários de importância relevante para a região e para o Brasil

No próximo ano (1998) ocorre o IV Centenário da construção da Fortaleza dos Reis Magos e o centenário de nascimento do escritor, historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo. E em 1999 o também IV Centenário da Fundação da Cidade do Natal.

A alegria pelos eventos de valor inestimável para a História e para a Cultura, começa a manifestar-se sobretudo nesta capital, pelos Governos do Estado e do Município, associações culturais e pelo povo.

A Academia confirma, desde já, sua presença.

Natal, julho de 1997

A Direção da Revista

I

**O Pensamento
Acadêmico
Sobre Vários Temas**

HOMERO E CASTRO ALVES
(No sesquicentenário do nascimento do poeta baiano)
1847-1997

Pe. Jorge O'Grady de Paiva

A maior influência que se fez sentir sobre a poesia de Castro Alves, bem como de boa parte de poetas franceses e brasileiros do século XIX foi, a consenso geral, a de Victor Hugo. Mas... perguntemos: poderia o vate de "Os Escravos" haver recebido, também, algum influxo de Homero? Defendeu o grande épico grego causas justas e sociais, como a liberdade, a dignidade humana e a fidelidade conjugal heróica (Penélope). No Brasil oitocentista a batalha de Castro Alves por motivos nobres e patrióticos não pode deixar de ser considerada como eco, longínquo embora, da Ilíada e da Odisséia, que em Castro Alves foi mais direta e objetiva (histórica) e, em Homero, menos concreta e mais subjetiva (mítica). e chegou, aquele, a dar rasgos épicos a alguns de seus vôos de condor andino, ele que disse:

"É a hora das epopéias
 Das Ilíadas reais..."

Coincidências de imagens e de palavras revelam, quase sempre, reminiscências de leituras e não podia desconhecer Homero e sua obra quem, ainda, assim se expressou:

"Os marinheiros helenos
 Que a vaga iônia criou,
 Belos piratas morenos
 Do mar que Ulisses cortou;
 Homens que Fídias talhara
 Vão cantando em noite clara
 Veros que Homero gemeu..."

"E que, assim, inspiraram
 O gigante Briareu"...
 (como, em tom menor, podemos acrescentar).

A poesia de Homero, bem como a de Castro Alves, pôs a Musa em prol de um ideal, de uma raça, de um povo. E que apóstrofes ousadas! lembremos a que interpretou o próprio Deus:

"Deus, ó Deus! Onde estás que não respondes?
 Em que mundo, em que estrela tu te escondes
 Embuçado nos céus?
 Há dois mil anos te mandei meu grito
 Que, embalde, desde então, corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?"

Tal apóstrofe só encontra símile na do Pe. Antônio Vieira, no sermão em favor das armas portuguesas, proferido na Bahia, em 1640 e que remonta, por seu turno ao salmo 43 de Davi, que, assim, invectiva a Deus:

“Levanta-te, por que dormes, Senhor?

Por que afastas a tua face,

Esquecido de nós?

Levanta-te e ajuda-nos

Por causa de teu nome” (Salmo 43, 23-26)

Não é, porém, só sob o aspecto finalista que Homero inspirou Castro Alves. Passemos a ver, agora, um tipo de influência mais sutil e que se refere à palavra que a Homero era mais cara. Trata-se de nome próprio pessoa e que passou, depois, a mero apelativo: AURORA. Originária do grego **Ausos**, por sua vez oriundo de **Éos** (brilhante) e através do latim **Ausosa**, por último rotacismado em Aurora, alça-se esse nome à endeusada irmã do Sol, já que o precede e anuncia, abrindo as portas do Oriente e descerrando, com “dedos de rosa”, as pálpebras do dia. Atrelava os cavalos ao carro do Sol e seguia, em seu próprio carro ou trono áureo, conduzido por quatro corcéis brancos. Belo era seu manto cor de açafraão e seu cabelo bem trançado. Depositava numa urna o orvalho matinal e, com ele, aljofrava o solo, deixando os caminhos juncados de rosas. Retiravam-se só então, as estrelas do firmamento para surgir, glorioso e soberano, o Astro-Rei.

Por aí se vê quanto é poético o nome de Aurora (Rosicler) e como se presta a expressivas metáforas, quais se encontram no épico Homero e que delas, como vimos, tanto usou na *Ilíada* como na *Odisséia*. Na primeira daquelas epopéias empregou o termo menos de vinte vezes e, na segunda, mais de vinte. Atente-se para alguns exemplos. Na *Ilíada*:

“Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina”

“De crôção manto já a Aurora, do seio do oceano, se alçara”

“O cróceo manto já abria na terra a solítita Aurora”

“Alça-se a Aurora do leito onde dorme o preclaro Titono!

E, na *Odisséia*:

“Mas quando a Aurora, de tranças perfeitas, fez que viesse”

“Logo que a Aurora, do trono dourado, surgiu no horizonte”

“No tempo em que a Aurora surgiu no seu trono dourado”

Em nenhum caso, porém, acentuou tanto os **dedos róseos** da Aurora como na *Odisséia* e não poderia deixar de influir nos poetas pósteros, de qualquer gênero ou nação, ele que empregou, antes da Bíblia, o nome que lhe era tão doce e familiar.

Na Sagrada Escritura só três vezes se fala em Aurora: em Jó, num salmo e no Cântico dos Cânticos (respectivamente em 34, 12; em 76, 16 e em 6, 9). Homero, Jó, Davi e Salomão foram do mesmo século IX a.C. e, por certo, evitou o Livro Santo referir-se mais ao nome por ser o de uma deusa pagã. Mas a Igreja, logo que julgou conveniente, chamou à Virgem-Mãe de “Aurora da Redenção”, ela que precedeu ao Redentor que é o Sol de Justiça, Jesus Cristo.

Consideremos, agora, como reponta e brilha, na poesia castro-alvina, a Aurora, suas metáforas e seus sinônimos:

“Da aurora lavada nos pálidos raios
A Musa da Itália
Eras tu, Consuelo”

“Vem, formosa mulher - camélia pálida
Que banharam de pranto as alvoradas”

“Teu sorriso é uma aurora
Que o horizonte enrubesceu”,

“Quiseste a luz das boreais auroras
Tingindo as asas no levante rubro”

“Tu, que fechaste as pétalas
E os raios do arrebol,
Também fecha-se as pálpebras”.

São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol
Vivendo no mesmo galho
Da mesma gota de orvalho
Do mesmo raio de sol”

“E o belo enxame de sutis abelhas
Que vem lembrar à flor o mel d’aurora”

Nos lábios dos horizontes
Há um riso de luz... é Deus!

“A alvorada se eleva do horizonte
E, ao mirar na lagoa seu semblante
Julga ver sua irmã”

“Mocidade, és a aurora da existência
Quero ver-te brilhar”

“Senhor Deus, que após a noite
Mandas a luz do arrebol”

“Molha-te fria geada...
Que importa? A loura alvorada
Virá beijar-te amanhã”

“Estrela que anuncia a luz da aurora...”
“Toda noite tem auroras,
Raios - toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção”.

Em abono de nossa tese, que ressalta a importância que pode ter uma simples palavra, na poesia, queremos assinalar que o amazonense Chico da Silva, partindo de uma toada do “Bumba-meu-boi” (que Renato de Almeida considerava “o mais notável bailado do Brasil”), fez uma composição, com letra e música populares, em que repete cerca de quinze vezes, mas sem causar enfado, a palavra “Estrela”, com suas múltiplas conotações metafóricas. É que tanto os grandes como os pequenos aedos, quando lidam com uma palavra que os encanta, dela extraem todo o dulçor de seu sortilégio e todo o fulgor de sua beleza artística. São, assim, as vozes que se elevam: caem sobre a terra qual chuva poética, ao parecer, ainda, do nosso condoreiro bardo:

“... Do céu a cúpola azulada
Como uma taça para nós voltada
Lança a poesia a flux!”

BIBLIOGRAFIA

Iliada, de Homero. Cia. Melhoramentos SP, em tradução de Carlos Alberto Nunes, 1967, 24 Cantos, 538 págs.

Odisseia, de Homero, idem, idem, 24 Cantos, 375 págs.

Castro Alves, Obra completa. Cia. Aguilar Editora, 1966, 794 págs.

OCTÁVIO PAZ EM ESTOCOLMO

Nestor dos Santos Lima

Em 8 de novembro de 1990, Octávio Paz, o insigne poeta e ensaísta mexicano, ao meu ver hoje o maior dos escritores da América Latina, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura e na ocasião pronunciou um vasto discurso abrangente cobrindo todos os ângulos de suas preocupações intelectuais, uma verdadeira mensagem aos intelectuais latino-americanos e ao mundo, aproveitando a irradiação daquela prestigiosa tribuna que lhe fora aberta na ocasião de receber o mais respeitado dos prêmios literários do mundo contemporâneo.

Desde então, em vão tenho procurado obter o texto daquele discurso junto à Embaixada da Suécia aqui que prometeu ajudar-me, mas só agora, depois da minha mudança para Brasília e já há seis meses de me haver radicado às margens do Lago Parancá, é que me foi dado obter uma xerox do dito discurso, no seu texto em espanhol, retirado da revista "Carta" (n.3/dez 91) que em boa hora o Senador Darcy Ribeiro criou para permitir uma maior repercussão aos assuntos culturais tão menosprezados no estreito sistema de prioridades econômicas do Brasil do ano 90. Assim poderemos inseri-lo na nossa revista da Academia onde todos poderão apreciá-lo posteriormente. E porque tenho a mais larga admiração por Octávio Paz e até cheguei a conhecê-lo pessoalmente, quis fazer os comentários que se seguem para que o não iniciado possa melhor apreciar a estatura do intelectual mexicano em questão.

O discurso é o próprio Octávio Paz e sua longa vida dedicada ao seu encontro consigo mesmo, com seu contraditório país México, com a América Latina, sua busca pela modernidade onde tratamos todos de nos inserir mais ou menos exitosamente. Mas não fez dele uma autobiografia. Apenas aqui e ali introduziu trechos de sua experiência de vida desde criança para dar uma idéia dos caminhos já percorridos, menino jovem e homem sempre empenhado na permanente busca de expressar as angústias de sua alma mestiça, em plena consciência das contradições que desembocariam na sua obra "El Laberinto de la Soledad" que o consagraria como um dos maiores ensaístas e pensadores latino-americanos.

Foi nessa época, pela década dos 50, quando ele já era uma figura exponencial nos meios literários mexicanos é que fui encontrar Octávio Paz, na margem esquerda do rio Atoyac, nas proximidades de Vera Cruz, na costa oriental mexicana onde ele estava em pesquisas sobre o passado precolombiano do México, uma das paixões de sua vida. Finalmente conhecia, pessoalmente, o admirado autor de

“El Laberinto de la Soledad” que tantas luzes projetara sobre minhas perplexidades diante do espetáculo da cidade de México no ano de 1954 onde eu já iniciava um período aproximadamente de quatro anos. O encontro foi casual e curto mas permitiu-me um acesso mais livre ao grande escritor quando o solicitasse posteriormente no exercício de minhas funções.

Desejara muito conhecer o México, onde eu sentia estarem enterradas as raízes mais profundas da alma americana. “Tãñ lejos de Dios y tan cerca de Estados Unidos” como lamentavam os radicais nacionalistas sul-americanos. Havia chegado a Vera Cruz, pouco tempo antes do encontro com Octávio Paz, no final de uma longa viagem de Belgrado a México, por via terrestre/aérea e marítima que me deixara naquele porto à espera que outro navio trouxesse o meu carro para com ele subirmos as encostas conducentes à capital asteca.

Grande, dinâmica, curiosa, misteriosa em sua alternância da visão simultânea dos traços das duas culturas que no planalto de Anahua se enfrentaram em 1552, a cidade do México era, em 1954, borbulhante de vida e de cultura, como logo começaria a perceber não em toda sua complexidade desde os primeiros meses de minha adaptação biológica ao viver naquelas elevadas terras, eu, um típico produto da vida ao nível do mar. Faltava-me ar a qualquer esforço. E isso me angustiava. Mas seria curto, logo passaria como todos me diziam e como efetivamente se deu.

Lancei-me desde logo a ler tudo o que me pudesse esclarecer sobre aquela complexa cultura que eu sentia enterrada debaixo dos meus pés, apenas aflorando nos restos dos vestígios arqueológicos visíveis por toda parte. Era muito diferente do Brasil, país ao raso da terra, sem profundidade sensível. Ali havia arraigo à terra, como se os antigos deuses soterrados estivessem permanentemente exigindo a restauração dos velhos laços e formas de vida destruídos a ferro e a fogo pelos cavalheiros espanhóis companheiros da saga de Hernan Cortéz. Mas na verdade o que eu buscava não estava na vasta historiografia mexicana clássica e mesmo moderna. Eu queria algo mais porque a realidade estava frente a mim e não fazia pé com cabeça. Era muita informação a digerir. Precisava de um sumário, um exercício de interpretação que se juntasse à minha experiência visual, com as aulas do Colégio Nacional onde pontilhavam Samuel Ramos, Zea e outros ilustres estudiosos aferrados à idéia de compreender o México pelos aspectos parciais de suas especialidades individuais. Nessas alturas foi que topei com “El Laberinto de la Soledad”, editado em 1950, que satisfaria minha sede de compreensão da inquietante realidade mexicana pela visão de Octávio Paz, a quem o afastamento,

digo a perspectiva do afastamento na qual ele tinha trabalhado seus conceitos, durante suas experiências na Espanha e noutros países da Europa, permitiu-lhe chegar à visão da solidão do mexicano entre anglo-saxônicos ávidos de terra e espanhóis enlouquecidos pela busca do ouro, do poder e da imposição de uma nova religião naqueles afastados rincões da América Latina recém-conquistada. Essa solidão, Octávio Paz a definiria assim:

“La história de México es la del hombre que busca su filiación, su origen. Sucesivamente afrancesado, hispanista, indigenista, “pocho”, cruza la historia como um cometa de jade que de vez em cuando relampaguea”...

“Nuestra soledad tiene las mismas raíces que el sentimiento religioso. Es una orfandade, uma escura consciência de que hemos sido arrancados del Todo, y una ardiente búsqueda: uma fuga y un regreso, tentativa por restabelecer los lazos que nos unian a la creación.”

O Octávio Paz que eu conhecera naquele ano de 1955, às margens do Atoyac, era um belo homem, uma bela cabeça de mestiço de espanhol e índio mexicano, de olhos verdes, perspicazes. Ainda nos encontraríamos outras vezes, posto que Dom Octávio era chefe do Departamento de Organismos Internacionais da Chancelaria mexicana e em uma delas, convidei-o a vir a minha casa, para uma noite festiva. Mas ele, que não era homem de muita conversas fútil, veio. Era um perfeito intelectual, ensimesmado como todos os mexicanos. Na época, tinha uma bela mulher que lhe dera uma filha então moça. Posteriormente se divorciaria de sua primeira mulher e não sei se voltou a casar-se.

Naquele ano, Octávio Paz beirava os quarenta, posto que nascido em 31 de março de 1914. Já era então um escritor maior nas letras mexicanas nas quais se iniciara aos 19 anos publicando “Luna Silvestre” de 1933. Segue para a Espanha em 1937 para dar suporte à causa republicana na guerra civil peninsular. Lá mesmo seus poemas refletiriam seu engajamento político ao lado dos republicanos no livro “Bajo tu clara sombra y otros poemas”. Para completar sua formação Octávio Paz viveu algum tempo em Paris, freqüentando os meios intelectuais sendo então fortemente influenciado pelo “surrealismo” que povoaria toda sua obra poética da idade madura.

De volta ao México, Paz foi atraído pelo serviço diplomático mexicano ao qual se juntou em 1946, galgando rapidamente os escalões superiores devido a sua experiência e cultura. Mas não se acomodaria. Em 1962 é designado Embaixador do México em Nova Dalhi, um posto apaixonante para qualquer latino-americano inteligente. Na medida em que Paz aprofundava sua meditação sobre

México mais sumentava sua inconformidade com os rumos do país guiados pelo Partido Revolucionário Institucional, o PRI, oriundo da revolução mexicana dos anos 20 que caiu depois em mãos de grupos minoritários que institucionalizariam a revolução e se apossariam das rédeas do poder absoluto no México, há quase um século, sob o disfarce de uma democracia unipartidária. E em 1968, não podendo justificar a chacina dos universitários mexicanos na plaza do Tlatelolco pelo Exército por ordem do governo a que servia, o do Presidente Dias Ordaz, Octávio Paz renunciou espetacularmente a sua função de Embaixador do México em Nova Delhi para poder expressar livremente seu desacordo com os abusos do governo do PRI ao qual dirigiu os melhores ensaios de sua produção de 1971 a 1978 constantes do "El ogro filantrópico de 1979". Octávio Paz assumia sua independência intelectual em cujo exercício atingiria em 1990 o reconhecimento universal subindo ao pódio em Estocolmo no dia 8 de novembro de 1990.

Na verdade, enquanto poeta surrealista, Octávio Paz fora bem-visto pelo regime de partido único vigente em seu país. A partir de 1950, com a publicação de sua obra máxima de ensaísta, "El Laberinto de la Soledad", Paz entraria em linha de colisão com o Governo ao qual passara a servir desde 1946, pelo crescente nível de suas críticas ao processo político mexicano que ele passou a ligar com o passado colonial do país no qual ele continua a ver a fonte principal dos defeitos de estrutura e de atitude para com a coisa pública em nossos países latino-americanos de idêntico passado colonial. Sua descoberta menos aceita pelo Governos era precisamente o papel predominante da "mentira" na prática da coisa pública que foi institucionalizada na vida latino-americana, particularmente em seu país. A agudez de suas críticas e a sólida base histórica de seus ensaios rapidamente ganharam a opinião pública latino-americana e mundial. Nesses processos se vai alargando a insatisfação de Don Octávio com a situação política interna do seu país em mãos do PRI. Estava em gestação a crise.

O incidente de Tlatelolco foi a gota d'água. Centenas de estudantes foram trucidados sob as balas das tropas do Exército mexicano, com enorme repercussão internacional. Octávio Paz pediu formalmente sua demissão e o Governo concedeu. O rompimento de Paz era com seu Governo o que o obrigava a permanecer por prudência fora do México. Ele aproveitou sua liberdade e sua nomeada internacional para visitar diferentes países e regiões inclusive o Brasil, o Japão (1984) e sua fama e reputação foi crescendo, mundialmente. Seus magistrais ensaios escritos entre 1971 e 78 constantes do "El Ogro Filantrópico" seu melhor testemunho de como passara a com-

preender a impalatável situação política interna mexicana que ele tivera de apoiar enquanto chefe de missão em Dalhi. Agora ele navegaria em altos mares a independência intelectual que o levariam, com a admiração de gregos e troianos, ao prêmio Nobel da Literatura de 1990, tanto pela criatividade de sua arte poética quanto pela profundidade e absoluta sinceridade de sua obra de ensaísta pela qual é reconhecido unanimemente pelos escritores latino-americanos como o melhor deles atualmente.

Octávio Paz veio resgatar a tradição latino-americana de poetas e romancistas que já demos muitos. Mas vale ressaltar que a poesia e a ficção mesmo enriquecidas pelo engajamento político ou pela visão mágica da vida tem sido a marca dos intelectuais latino-americanos desde o Rio Bravo até a Patagônia, englobando o Brasil. Mas é no ensaio, na meditação crítica é que se revela a maturidade da intelectualidade de uma região e de um país, porque adere estritamente aos fatos e à verdade interior de cada um. O Paz é grande poeta e exímio ensaísta. Por isso mesmo, tenho a maior consideração pelos ensaístas latino-americanos, os Euclides da Cunha, Os Gilberto Freyre, os Sérgio Buarque de Holanda, os Vianna Moura, e do lado de lá, os Zea, Carlos Rangel, Rodó por que esses nos compreendem melhor que os ensaístas europeus, que ignoram o período crucial para os nossos países que são os últimos quinhentos anos. E nesse particular Octávio Paz excede a todos, porque sua visão abraça toda Latino América, com uma forte presença de Brasil, de língua portuguesa, até hoje ausente das cogitações da maioria dos intelectuais latino-americanos, à exceção de um Alfonso Reyes e de um Vargas Llosa.

Vale lembrar que foi em México, pouco depois de terminar a leitura edificante do "El Laberinto de la Soledad" em 1955, que decidi acelerar meus trabalhos para soltar um livro capaz de fechar o hiato de compreensão entre esses dois mundos. Ali, em México, foi que me veio a cabeça o intrigante e original título de "A Terceira América" ao meu livro de 1967 que desde então tem servido a debates e discussões intermináveis. Refiro-me a "A Terceira América" que, escrito na direção do público latino-americano de língua espanhola, somente em 1984 teria lançada sua versão em castelhano, editada em São Domingos, onde está sendo centralizada a celebração da chegada de Colombo à América, há 500 anos atrás.

Neste particular, esclareço que o choque de México, onde uma intensa busca de conscientização americana me entusiasmara, alguns fatos já me haviam indicado a conveniência de haver um ou muitos livros que ajudassem à compreensão do Brasil no continente, além das caricaturas do carnaval, da nudez nas praias e do futebol.

Foi nesse contexto que não deixei passar impune o prêmio Nobel, Don Miguel Angel Asturias, quando em Copenhague, em 1963, fez duas conferências sobre literatura latino-americanas sem mencionar sequer um dos nomes brasileiros, atendo-se à contribuição dos autores de língua espanhola. Desafiado por mim, Asturias desculpou-se e reabriu sua fala para discorrer uma hora sobre os autores brasileiros mais destacados.

Outra vez, essa no México, em 1956, na celebração do 12 de outubro, o embaixador Bernardo Reyes, filho de Alfonso Reyes grande figura de poeta e ensaísta brasilianófilo mexicano conhecido, Don Bernardo solta um largo discurso aos diplomatas em que fala dos fatos e dos homens da América toda, à exclusão do Brasil. Não esperou muito. No outro dia, com uma carta, enviei-lhe cópia da primeira versão da Terceira América, ainda uma conferência, passando-lhe o troco pelo seu discurso do dia anterior. Essa conferência havia sido feita no curso de português da Universidade Autônoma de México, dirigido por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e assistida pelo ensaísta e acadêmico Vianna Moog, que logo passaram a estimular-me a expandir a conferência em livro, o que gostosamente fiz.

Por isso, entre outras razões, é que sendo Octávio Paz o intelectual latino-americano "primus inter pares" tem mais minha admiração pela sua visão sem preconceitos do mundo americano no qual ele vê três vertentes literárias, a anglo-saxônica, a hispano americana e a luso brasileira, exatamente como o deixei claro na Terceira América.

Em seu discurso notável em Estocolmo, Octávio Paz consagra a inteira personalidade de todos os nossos países americanos nessa visão ampla e realística de um mundo de três faces. Ademais, deixa nele os traços de sua vida de começos humildes e sua luta pela busca da autocompreensão, meta muito procurada pelos melhores cérebros de México. E no final, como era de esperar de um intelectual universal do séc. XX, ele abriu as portas para suas preocupações pela preservação do meio ambiente, problema que certamente de hoje em diante se porá como um fantasma permanente diante de qualquer enfoque que se faça ao futuro de todos nós. Assume ali, Octávio Paz, finalmente sua grandeza universal.

Estes meus comentários, que já vão longos, servirão apenas de introdução para que iniciados ou não na literatura de Don Octávio, possam todos lê-lo, na sua hora Zenite, com as preocupações e visões de um intelectual que reputo ser a maior contribuição latino-americana para o campo da cultura, tendo em vista sobretudo que o ano de 1992, estando na mira de todos nós, serve a recordarmos o quinto centenário do explosivo encontro das culturas européias e

americanas nas praias deste continente, com reverberações sobre o presente de todos os nossos países em crescente interrelação.

Salve Octávio Paz, Prêmio Nobel de Literatura 1990!

Nestor dos Santos Lima
Brasília, dezembro 1991

RAÍZES GREGAS DA CULTURA

Sanderson Negreiros

I - RESUMO

A investigação de sentido transcendente começa na Grécia através da poesia: Homero e Hesíodo compõem em verso o que se pode definir como naturalismo mítico-religioso: era a primeira resposta ao problema cosmológico. Os deuses, além de serem representações míticas de forças naturais, eram a encarnação dos mais elevados ideais da vida grega. A *arete* (virtude), consubstanciada na valentia, na beleza, na astúcia, etc., era o *ideal* que os deuses revelavam aos homens. E essa revelação se dava por intermédio do culto (preces e sacrifícios): a reconciliação do homem com seus numes.

Esse culto, contudo, era praticado por razões exclusivamente utilitaristas. Não se reclamava, então, da discussão da sobrevivência da alma e de uma justiça além-morte.

Dai, o advento das religiões iniciáticas, de *aspiração ético-religiosa*, de definição realmente espiritual; da idéia da *palingênese* (concepção cíclica do Cosmos) com os deuses sendo evocados através dos nomes de Orfeu e Dionísio. A fase, portanto, de exteriorização. Segundo o *orfismo*, o conhecimento (a palavra *filosofia* ainda não havia se fixado) é um caminho ascendente de purificação e libertação. O nascimento da filosofia se fazia, em resumo, através da poesia, da religião mística e o progresso das ciências da natureza, sobretudo das investigações astronômicas, que serviram, nessa última fase, para levar a filosofia, de um conhecimento mítico, à expectativa sobre o universo que nos cerca. Investigação que se polariza em dois termos: princípio (*arché*) e natureza (*physis*).

O que se convencionou chamar de filosofia pré-socrática abrange os séculos VII e V a.c., desde os nomes tutelares, na escola jônica, como Tales de Mileto (um dos sete sábios) a Heráclito de Éfeso (ver a notável obra de Damião Berge sobre o "Logos Heraclítico"). (4)

A reflexão do eterno *devir* do sábio efésico ainda perdura como influência na filosofia atual, depois de ter impregnado substancialmente a filosofia de Hegel e de um Nietzsche. É também a fase pitagórica, a doutrina dos números, não só no sentido matemático, mas religioso e metafísico. O número como *arché* (princípio): os números para Pitágoras não são entidades abstratas e fixas, mas a força do devir da natureza e, ao mesmo tempo, harmonizadora.

A escola eleática, ainda dentro desse ciclo de investigação cosmológica, é representada por Xenófanés (crítica do antropomorfismo); Parmênides (o Ser é o Não Ser Não é); Zenão (crítica da multiplicidade e do movimento) e Melisso (crítica da mutação). Sem esquecer que, na escola jônica, para Tales de Mileto o princípio e substância das coisas é a água (hydor); Anaximandro considerava esse princípio como o *indeterminado* (apeirón); para Anaxímenes era o *ar* e, finalmente, Heráclito entendia que o *fogo* era a causa geradora e determinante de tudo.

Ainda dentro desse período, caracterizado por uma significativa reflexão filosófica, onde hoje muitos filósofos dizem encontrar as origens do materialismo - ou dos vários materialismos -, incluem-se ainda os sistemas pluralístico: o princípio é eterno e imutável mas não é uno. Seus maiores nomes são Anaxágoras e Demócrito. O primeiro acreditava que as coisas são formadas por partículas pequeníssimas - qualitativamente distintas, invisíveis - ou *sêmenes* (spérmata). O movimento e separação dessas partículas se dão por meio de uma *Mente* (Noûs): a ordem do mundo, portanto, é um princípio inteligente, separado da matéria original. Demócrito, por sua vez, funda a teoria atomista: um vazio infinito e uma multiplicidade infinita de átomos são os dois elementos primitivos.

Com Anaxágoras e Demócrito, encerra-se o período da filosofia pré-sofista, ou como mais comumente se define: o período pré-socrático. Um período caracterizado, sobretudo, por uma procura de explicação racional para a origem, formação e finalidade do Cosmos. Mas a filosofia está inserida obviamente no tempo e na história: entre a segunda metade do século VI e no fim século IV, Atenas vivia seu tempo de esplendor, que alcançaria seu epicentro na época de Péricles. O grego vivia e absorvia o imenso espetáculo de grandeza existencial - a alegria de viver sob o fascínio de formas novas de beleza, de crescimento e busca de maior felicidade (eudemonia), que tanto concentrou a visão grega em sua existência comunitária. Assim, a especulação dos seus cimos desceu para se preocupar com os problemas antropológico: o homem e seu questionamento político, moral, jurídico e estético. Protágoras, o maior dos sofistas, criou, a essa época, a máxima que ainda hoje perdura: "o homem como medida de todas as coisas: das que são, enquanto são, das que não são, enquanto não são". Um fragmento que evidencia e ilumina, daí por diante, a presença dos sofistas na história da cultura grega, marcada quase sempre por um conceito depreciativo (vide Platão), mas que teve a grande significação de trazer o homem para o centro das investigações filosóficas. Leonel França, de maneira precisa, define essa época e essa presença:

“Embora sendo um sintoma de degenerescência e anarquia intelectual, o aparecimento dos sofistas foi de incontestável utilidade para o progresso da filosofia. Analisando e criticando os sistemas precedentes, mostraram-lhe a inanidade das generalizações ambiciosas e precipitadas. Abusando da dialética, revelaram-lhe o valor e a importância de se lhe estudarem as regras e leis fundamentais. Impugnando a certeza e a veracidade das faculdades cognoscitivas, fizeram sentir a necessidade de aprofundar, ao lado das questões cosmológicas, a análise psicológica dos nossos instrumentos de conhecimento. Sem os sofistas não se compreende Sócrates. A reação dos primeiros preparou a reação do segundo com todas as suas salutares conseqüências.”(4)

Jacques Maritain lembra, em admirável síntese, esse período, importantíssimo para nosso estudo, exatamente porque dele resultou o “nascimento” de Sócrates. Diz o mestre de Meudon:

“Com os sofistas, ainda não temos uma filosofia moral. Eles lidavam com toda matéria-prima da moralidade humana, investigando-a com uma inteligência e uma penetração por vezes superiores..., mas trabalhavam com essa matéria apenas com os instrumentos do empirismo. Temos para com eles, entretanto, uma dívida de gratidão. Tornaram Sócrates possível”(6)

2. SÓCRATES - CONCEITO HISTÓRICO

É uma figura que se fixa na galeria carlyleana da História, tornando-se símbolo, mito supremo, um dos momentos mais altos da consciência humana. Elevado a essa categoria, muito pouco dele ficou gravado para a posteridade, erguendo-se assim uma mitologia socrática, estudada e reinterpretada exaustivamente, pois ele se tornou, como já se disse, um dos “representantes” inesquecíveis da condição humana, no que ela tem de tangível, misterioso e aproximativo com o ideal da existência.

Pensadores cristãos deram-lhe a roupagem de mártir pré-cristão e, na Idade Média, onde brilhou, intensamente, através dos escolásticos, a estrela do pensamento aristotélico, nos tempos posteriores a Santo Anselmo e Santo Tomás de Aquino (os grandes divulgadores do Estagirita), Sócrates torna-se o guia de todo Iluminismo e da filosofia moderna: no que foi chamado de “apóstolo da liberdade moral”, avesso aos dogmas e ao imobilismo da tradição das ortodoxias fechadas, na única clauriaudiência permitida senão aos ditames do coração - governo pessoal e intransferível - a essa voz interior que a consciência de cada um revela e consente.

Tornou-se o “quinto evangelista” de uma bela mensagem cristã, muitas vezes condicionada e modificada aos interesses temporais de sobrevivência política - responsável por um inaugural conceito de bem-aventurança, perfeitamente adequado e adaptado às necessidades cotidianas e possível de ser realizado, nesta existência, graças ao aperfeiçoamento moral do ser e seu incessante reclamo interior de evolução. Por isso, depois da Idade Média, foram numerosas as seitas e escolas religiosas que lhe cultuavam o nome. Tudo isso nascia de uma admiração inquestionável, direta, diante da personalidade daquele homem que os novos estudos da cultura grega revelavam. E isso não se devia a um tipo de reação contra o Cristianismo. Não. Era apenas acrescentar-se o filósofo pagão ao nível das aspirações mais altas do que fora pregado e exemplificado pelo Cristo, identificando o Nazareno com os traços mais expressivos do ideal do homem helênico.

Até que, como advento da Reforma, na ânsia e busca de se voltar com urgência às “fontes puras do Cristianismo”, confrontando-se abertamente contra o oficialismo teológico, viciado por mil erros e distorções, Sócrates reaparece, mais uma vez, como catalizador de todas essas sintonias, firmando-se mesmo como um ideal cristão a ser cultivado e vivenciado, confundindo-se, na força de admiração, no mesmo tipo de versão interpretativa, as figuras de Cristo e Sócrates.

Isso veio até os tempos modernos, com o aparecimento de Frederico Nietzsche, que, a partir do seu livro "Crepúsculo dos Ídolos"(7), construiu o que seria a maior catilinária contra o que Erasmo chamava de "Sancte Sócrates". De protótipo de "anima naturaliter christiana", passou a ser, na voz do recriador de Zaratustra, um **tipo de decadência**, como afinal todos os que fossem imbuídos do ideal cristão da vida, convertendo-se no primeiro grande invectivador do "pai espiritual" da filosofia do Ocidente. A Nietzsche repugnava qualquer aspiração que fugisse aos cânones do "super-homem". Erradamente, o pensador alemão via em Sócrates uma como revivência da ojeriza erasmiana; o estuário do humanismo conceptual dos escolásticos, trocando as figuras de Aristóteles pelo paciente marido de Xantipa.

Daí, partiu mais outra interpretação equívoca: começou a se supervalorizar os pré-socráticos - Nietzsche e outros historiadores alemães - na intenção de revitalizar o sentido do **dionisíaco** e do **apolíneo**. Para todos esses interpretadores, Sócrates representava o apolíneo-racional, contra exatamente o dionisíaco-irracional. Sócrates tinha vindo, portanto, para escolastizar, moralizar, intelectualizar a concepção trágica a Grécia antiga. Além de Nietzsche, vamos encontrar em Hegel e Schopenhauer toda uma presença poderosa a favor dos pré-socráticos: a teoria hegeliana da contradição tem seu *gêrmen em Heráclito e a teoria da vontade de Schopenhauer tem sua fonte em Empédocles*, sem esquecer a do "eterno retorno", nietzscheana, mas de origem tipicamente heraclitiana.

Tornando sinal e medida de decadência, incapacitada sua imagem para uma compreensão justa pelos anti-racionalistas furiosos tipo Nietzsche, Sócrates chegou aos nossos tempos, vigoroso e ainda com a força atlética, física e de exemplo espiritual, que tanto fazia a admiração de seus discípulos.

Podíamos citar, somente com pretensão didática, o ressurgimento de estudos sobre o filósofo ateniense, através de livros e monografias das melhores figuras da filosofia e da história da filosofia contemporânea: a começar de Rodolfo Mondolfo, com seu livro clássico sobre "Sócrates", além de "O Pensamento Antigo", e "O Infinito no Pensamento da Antigüidade Clássica"; Kerkegaard com "Sobre o Conceito de Ironia com Especial Referência a Sócrates"; G. Grote e "Plato and the other companions of Socrates"; A. Labiolla e "La dottrina de Socrates"; E. Boutroux e "Socrates, fondateur de la science morale"; R. Poehlmann e "Sokrate und Sein Volk"; as biografias interpretativas de G. Melli, Zuccante, A. E. Taylor. H. Maier, A. Busse, E. Dupréel F. Romero, A. Fustugière, Kunh. P. Marinetti, R. Marcel com "Saint Socrate, patrono de l'humanisme", e tantos outros.

Ter-se-ia razão em falar numa como “ressurreição” de Sócrates, numa tutelar da filosofia ocidental? Numa hora tão difícil de contra-racionalização e redescobertas de mitologias ao alcance somente de certo consumismo filosófico? Estudemos as raízes dessa posição filosófica: Sócrates e a revelação da filosofia moral, para que seja fixada uma imagem exata do que ele foi e deixou, perdurando, para tantos séculos depois.

3 - A ÉTICA E O MÉTODO SOCRÁTICOS

Condenando a erudição e o enciclopedismo dos sofistas, Sócrates partia do pressuposto da própria inciência ou ignorância, atribuindo ao método (diálogo), não um conteúdo eventual, mas permanente, o conhecimento de si mesmo, e da essência das coisas, do inteligível, do universal. A dialética socrática inclui três momentos: a hipótese é a definição prévia e provisória do que se pretende conhecer. A ironia, o interrogatório que leva o interlocutor a reconhecer a ignorância do que pretendia saber. A maiêutica, parto das almas, é a arte de dar à luz as idéias, adormecidas no espírito do interlocutor ou discípulo. A dialética socrática é, pois, o método que nos permite, pelo diálogo, proposição da tese, crítica da tese, antítese, chegar à síntese, à essência descoberta em comum, ao longo da controvérsia.(8) Evidencia isso que o socratismo desloca a reflexão do mundo físico para o mundo humano, propondo à indagação filosófica, os temas referentes ao homem, a procura e a definição das essências das coisas.

Já Leonel Franca(9) distingue nas doutrinas de Sócrates duas partes: a polêmica, em combate aos sofistas, e a parte dogmática, em que expõe suas idéias sobre as diferentes partes da filosofia. O método socrático seria a parte polêmica. *“Insistindo no perpétuo fluxo das coisas e na variabilidade extrema das impressões sensitivas determinadas pelos indivíduos que de continuo se transformam, concluíram os sofistas pela impossibilidade absoluta e impossível do saber. Sócrates restabelece-lhe a possibilidade, determinando o verdadeiro objetivo da ciência. O objetivo da ciência não é o sensível, o particular, o indivíduo que passa; é o inteligível, o conceito que se exprime pela definição. Este conceito ou idéia geral obtém-se por um processo dialético que ele chama indução e que consiste em comparar vários indivíduos da mesma espécie, eliminar-lhes as diferenças individuais, as qualidades mutáveis e reter-lhes o elemento comum, estável, permanente, a natureza, a essência a coisa. Por onde se vê que a indução socrática não tem o caráter demonstrativo do moderno processo lógico, que vai do fenômeno à lei, mas é um meio de generalização, que remonta do indivíduo à noção universal”.*(10)

Sobre o diálogo, o grande jesuíta explicita que *“Sócrates revestia esse diálogo com dúplice forma, conforme se tratava de um adversário a refutar ou de um discípulo a instruir. No primeiro caso, assumia a atitude de quem aprende e ia multiplicando as perguntas até colher o adversário presunçoso em evidente contradição e constrangê-lo à confissão humilhante de sua ignorância. É a ironia socrática”.*

A propósito, Jacques Maritain na sua já citada *"Filosofia Moral"*(11) pergunta: *"Não será possível prosseguir um pouco e tentar exprimir uma idéia mais profunda desse movimento em direção à vida interior a que Sócrates submeteu o pensamento grego, além de procurar explicar essa ignorância de que ele se jactava, assim como o sentido de sua ironia? No que refere a esse último ponto, digamos logo que Kierkegaard tem, sem dúvida, razão de considerar a ironia de Sócrates como um dos motivos mais importantes de sua condenação. Esta ironia punha em dúvida, para seus concidadãos, muita coisa, e a eles se apresentava como uma recusa de participação, perigosa para a ordem pública. A Sociedade e a opinião pública detestam naturalmente a ironia"*. Voltaremos ao conceito de ironia em Sócrates, segundo interpretação do filósofo dinamarquês, através de crítica justa de Maritain.

Voltando a Leonel Franca, o perfeito conhecimento do homem é o objetivo de todas as especulações e moral socráticas: a psicologia serve-lhe de preâmbulo, a teodicéia de estímulo à virtude e de natural complemento à ética.

Em psicologia, qual a atitude do filósofo grego? Franca diz que ele professa a espiritualidade e imortalidade da alma, distingue as duas ordens de conhecimento, sensitivo e intelectual, mas não define o livre arbítrio, identificando a vontade com a inteligência.

Em teodicéia, confirma a existência de Deus. Eis os argumentos: tudo que é adaptado a um fim é efeito de uma inteligência (apud as **Memorabilia**); se o homem é inteligente, também inteligente deve ser a causa que o produziu; mais o argumento moral: a lei natural pressupõe um ser superior ao homem, um legislador, que a promulgou e sancionou. E completa: *"Para ele, Deus não só existe, mas é também Providência, governa o mundo com sabedoria e o homem pode propiciá-lo com sacrifícios e orações. Apesar destas doutrinas elevadas, Sócrates acentua em muitos pontos os preconceitos da mitologia corrente que ele aspira reformar."*(12)

E a moral? Foi a partir de Sócrates, na luta que teve de travar contra os sofistas e ser chicoteado injustamente por Aristófanes em *"As Nuvens"* - preço pago por uma cosmovisão necessariamente inovadora - e batalhar contra o que Rafael Gandra na *"Pequena História da Filosofia"*(13) chama de "irracionalistas, filisteus da cultura", foi a começar dele que se pode falar realmente de uma visão ética da filosofia. Se o povo grego descobriu a razão, Sócrates encarna esta delimitação: considera a razão meio adequado para penetrar a realidade, desde o "conhece-te a ti mesmo" - lema socrático que se popularizou através dos milênios - até o "só sei é de que nada sei, mas no entanto supero a generalidade dos homens que nem isto

sabem". A **nesciência** (ignorância), a humildade ante a Verdade em um mundo presunçoso como era da Grécia de então, é a vis, o caminho para se chegar ao limite do Ser, sua verdade real. Que não é criação mental nem habilidade dialética, mas **descoberta** (alletéia). A frase colhida no frontispício do templo de Apolo, em Delfos, serve de pródomo para toda uma concepção moral filosófica. A frase recolhida e vivenciada até a morte.

Sócrates ensina a bem pensar para bem viver, viver retamente como meio de alcançar a felicidade, ou seja, Deus. Não haverá virtude sem sabedoria - daí o raciocínio lógico, equilibrado, identificando-se sabedoria e virtude. Viver para cumprir uma missão divina e ouvir o "daimón" que lhe falava de dentro da consciência. O dever de viver como devia, revelara-lhe o oráculo de Delfos, era-lhe imposto por um Deus a quem devia obedecer. Na sua defesa, segundo se lê na **Apologia de Platão**, é levantada a hipótese de ser ele absolvido desde que passe a viver como os outros homens (transigindo, mentindo, condicionado aos planos inferiores do prazer e imediatismo). Ele, de pronto, recusa tal oferta ou tal equiparação: "*Atenienses: eu vos sou reconhecido e vos quero bem, mas obedecerei a Deus do que a vós*". Em **Fédon**, esse mesmo espírito, essa voz interior volta a falar-lhe em sonho: compor música e examinar-se a si mesmo e aos outros.

Michele Federico Sciacca(14) chama a atenção para o que ele considera "missão divina". A de ensinar, consoante a verdade; a virtude é o bem da alma, superior a qualquer outro. Por toda a vida, o filósofo é assistido por esse "daimón", que lhe sugere não o que deve fazer, mas o que não deve fazer. "*É uma voz impeditiva que, em certo momento, suspende um discurso, impede uma ação e convence imediatamente a não fazer ou fazer diversamente*".

Não foi por acaso que Henri Bergson, que tão bem entendeu a intuição, ou a sistematizou em termos filosóficos, falando sobre Sócrates, conceituava que ele teve uma missão de ordem "mística". Mais do que moral mesmo: de evidência e procedência místicas. Sciacca(15) chega mesmo a afirmar que "*Sócrates age visivelmente de acordo com o conselho eficaz de um personagem invisível que está dentro dele. O filósofo, discípulo de Apolo e custodiado por uma voz interior misteriosa, empenhada numa missão divina a cumprir na sua Cidade, assume também o papel, além de renovador dos costumes da vida civil, também de reformador religioso. É quanto basta para fazer pensar (e Platão o pensou) que sua vida dependia de um contato espiritual com o Além e que, portanto, o problema de significação de sua personalidade seria resolvido acima das condições humanas*

normais, ao nível de suas possibilidades mais altas e como que inacessíveis”.

E completa, de maneira nova, na ótica de julgamento: “As próprias virtudes de Sócrates são consideradas desse ponto de vista: exprimem valores cuja plenitude ultrapassam a ação virtuosa. Toda a **Apologia** de Platão é uma profissão de vida exemplar: fiel à própria missão até declarar-se pronto a morrer, pois é melhor a morte que consentir num mal que se sabe ser mal; fiel à justiça, vota contra a ilegal condenação dos dez estrategas, e depois desobedece às ordens dos Trinta Tiranos. Em Sócrates, a legalidade jurídica é um aspecto da legalidade moral: as leis dos homens e dos cidadãos se correspondem e se integram”.

O sentido de exercício contínuo e exemplar dos seus deveres de cidadão - já aí começa a crescer sua virtude moral - fez dele um soldado de heroísmo comprovado, segundo o testemunho de Alcebiades em **O Banquete**. Sciacca acrescenta: “Soldado também na vida: sempre disposto a guiar e educar os jovens, temperante e grande senhor de si mesmo, capaz de abster-se de alimentos e honrar os banquetes a tal ponto que, quando todos estavam bêbados, continuava ele a conversar serenamente e voltava para casa sozinho. Vestia no inverno a mesma manta que o cobria no verão e, no verão, foi visto certo dia permanecer de pé até a manhã seguinte, concentrado em seus pensamentos, não se sabendo se pensando ou contemplando. A virtude de Sócrates atinge a Idéia de Platão e prenuncia, muitas vezes, a elevação evangélica; não responder com injustiça à injustiça contra si praticada; em qualquer caso, não fazer mal a ninguém. Sócrates quer ser a pobreza que, vestida pela justiça, pela temperança, pela prudência e pela coragem, assim adornada, sabe caminhar pelo mundo serenamente.”(16)

Voltamos a enfatizar um dado que nos parece profundamente significativo na filosofia moral socrática: ele era convencido de que virtude e felicidade são inseparáveis, pois na sua opinião harmônica está o sentido da vida. Exige, contudo, uma virtude que contenha uma disciplina severa, de modo que a coragem não seja um modo diverso de ter medo e a temperança um outro modo de os prazeres serem procuradores (vide Fédon).

Dentro do desenvolvimento dessa temática, lembremos aqui algumas páginas de Humberto Rohden(17). Enfatiza ele que Sócrates jamais teve pretensões de ser um filósofo metafísico - até escarnecia das metafísicas - e seu único objetivo era o de fazer o homem feliz e “como a verdadeira felicidade é impossível sem a bondade (o ser bom), proclamou Sócrates o ser bom como o supremo destino do homem, idêntico ao de ser feliz. Sendo, pois, que o destino do ho-

*mem é ser feliz e a felicidade é essencialmente idêntica à bondade, resta saber o que é “ser bom”. Ser bom quer dizer - ainda segundo o mesmo autor estar e agir em harmonia com a norma suprema da Bondade, que é a Realidade Absoluta. Essa suprema Bondade, ou Realidade, é a própria essência do homem, ou seja, sua alma. A alma humana é Deus mesmo, em forma individualizada. A alma é, pois, eterna em sua essência divina, embora seja temporal na sua individualização corpórea. Sócrates pode ser considerado, na filosofia do Ocidente, como o grande pioneiro da idéia da imortalidade da alma, o primeiro **cristão ocidental** antes de Cristo. Propugnava também pela doutrina das “idéias inatas”. Segundo ele e sua escola, as nossas idéias - pelo menos as idéias espirituais - não vêm de fora, como ensinavam os sofistas e os empiristas de todas as matizes; mas as nossas idéias vêm de dentro, da própria essência divina da alma. As idéias são eternas, potencialmente consideradas, embora sejam atuadas no tempo”.*, ensina Rohden.

Como se vê, a visão ética de Sócrates tinha conotações mais do que evidentes com um sentido que se poderia chamar premonitório, intuitivo e receptivo daquilo que o grande filósofo e místico contemporâneo, Pietro Ubaldi, defendeu em consagrado livro, chamado “As Nôures”: correntes extrafísicas, extrasensoriais, verdadeiros magnetos “místicos” de uma realidade interpenetrada por forças invisíveis, no caso prático, místicas, ao olhar mais objetivo. A visão ética socrática era uma visão “mística” (como enfatizou Bergson) e de inegável certeza religiosa. Religião no seu sentido semântico - **religare**, religar, unir: aqui seria uma equação: virtude mais felicidade igual à Verdade. Ou, no caso, Deus.

Sem querer esquecer livro famoso, de Umberto A. Padovani(18), este autor italiano dá uma interpretação diferente, nas nuances, aos autores até aqui citados em relação ao problema moral e religioso em Sócrates. Diz ele que

“da filosofia religiosa de Sócrates pouco há a dizer, pela razão que pouco a de dizer de sua filosofia, em geral: encontramos mais diante de um método que de um sistema. Como quer seja, desse método poderia surgir uma filosofia religiosa, como surgiu a metafísica platônico-aristotélica. Aceito o princípio socrático de que o particular deva ser reconduzido ao universal e limitada essa racionalização do não-racional às coisas humanas e morais, como Sócrates pretendia, compreende-se facilmente que conseqüências deveriam advir para a religião nacional, plena de práticas absurdas relacionadas com mitos absurdos, pois o culto faz parte, necessariamente, das coisas humanas e morais. Disso deveriam servir-se os inimigos de Sócrates

- embora obscuramente e concentrando sobre ele as culpas religiosas dos meteorólogos, dos sofistas e dos ímpios precedentes - quando o acusaram de não acatar os deuses do Estado, de introduzir divindades novas e de corromper a juventude. Sócrates, como homem, não teve a consciência disso com aquele misto de racionalismo e misticismo que lhe é característico”.

Em livro pouco conhecido, mas que se revela uma súpula perfeita do pensamento grego, e seu ideário, Benjamim Farrington, seu autor(19), esgota esse já longo relance crítico e sua diversa e múltipla compreensão, quando conclui que *“uma longa seqüência de diálogos platônicos mostram Sócrates empenhado na busca dessas definições de virtude, procurando fazê-las surgir no espírito dos jovens, como despertara o conhecimento do quadrado na mente de Ménon. Realizar esse despertar, esse nascimento de conhecimento ético na alma, não como imposto a ela, mas descoberta nela, tornou-se a missão deliberada de Sócrates. Comparou esse trabalho como de sua mãe, a parteira. Esta, parteava os filhos do corpo; ele, os do espírito. Certamente é mais fácil descobrir verdades matemáticas do que éticas. É mais fácil construir aquele*

“Mundo independente

Criado da pura inteligência”.

que os matemáticos habitam, do que descobrir as regras para se viver nesse mundo,

“Verdades autógenas, de alta origem, e solitárias,

Essas terríveis e implacáveis linhas retas

Traças pelo errante sonho vegetativo”.

pelo qual o intelecto espiritual luta. Contudo, por mais quixotesco que possamos achar o esforço de Sócrates, permanece o fato de que ele efetuou uma revolução no pensamento com sua nova filosofia do espírito. Talvez a disciplina mental da matemática não seja o melhor treinamento para a mais difícil da moral. Mas, aqui, devemos ter cuidado para não nos enganarmos a respeito de Sócrates. O seu conceito de virtude não era, como se tem dito, puramente intelectualista. A virtude é conhecimento, diz ele. Mas o conhecimento do qual ele falava só podia ser procurado pelos que por ele ansiavam, só podia ser atingido pela meditação e pelo debate, e conservado pela auto-disciplina. Era um ideal a ser amado, não um jugo a ser suportado, e dependia tanto da vontade como da inteligência”.

E aduz: *“A concepção socrática de alma como sendo não só diferente do corpo, mas sendo, no sentido mais verdadeiro, o próprio homem, cresceu lentamente no pensamento grego; mas, conforme ele anunciava, era espantosamente nova. Platão enlatou essa novidade em sua descrição das últimas horas de vida do seu mestre. Surgira certo*

problema entre seus amigos sobre as disposições a serem definidas após sua morte e, em meio à tristeza de todos, Sócrates ri e diz: “Não posso convencer-vos do que eu que agora vos falo sou o Sócrates real; vós me confundis como cadáver que logo vereis estendido aqui”. Mas, pouco tempo depois, o novo conceito de alma, não apenas como a causa do movimento, mas como a sede da consciência, a fonte da atividade intencional, a faculdade pela qual distinguimos o certo do errado, receberia novo tipo de desenvolvimento. A imaterialidade da alma foi a última a ser categoricamente afirmada”.

NOTA: Três capítulos do livro “Sócrates, o patrono do humanismo”.

BERTHA LUTZ E O RIO GRANDE DO NORTE

João Batista Cascudo Rodrigues

A memória brasileira ganha significado especial com o “Ano Nacional - Centenário de Bertha Lutz”, instituído pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Constitui o registro de uma história-de-vida consagrada à questão da mulher, em marca identificadora de sua consciência crítica.

Bertha Lutz foi, antes de tudo, a brasileira que se confundiu com a cidadã universal, no itinerário de idéias e ações exercitadas em apostolado incomparável.

Expressão singular e plural de líder feminista que teve a iniciativa da inscrição da igualdade de direitos de homens e mulheres na Carta das Nações Unidas, em São Francisco - 1945, sintetizando um dos seus princípios fundamentais.

Afirmação de presença da mulher que mais fez pela mulher, ao ser reconhecida na homenagem que lhe prestaram as Organizações Não-governamentais com *status* consultivo da ONU, no saguão da Conferência Mundial do “Ano Internacional da Mulher”, na cidade do México - 1975.

A brasileira Bertha Lutz, que fora formuladora dos “Treze Princípios Básicos - Sugestões ao Ante-Projeto da Constituição de 1934: racionalização do poder, organização da economia, dignificação do trabalho, nacionalização da saúde, generalização da previdência, socialização da instrução, democratização da justiça, equiparação dos sexos, consagração da liberdade, prescrição da violência, soerguimento da moral, flexibilidade do direito e dinamização da lei”.

A brasileira Bertha Lutz, que se antecipara com a apresentação do Estatuto da Mulher ao Parlamento Nacional, em 1937, estabelecendo em contexto múltiplo regramentos de ordem política, econômico-social, civil, comercial e penal da mulher.

A brasileira Bertha Lutz - cientista e humanista -, que ainda se mostrava preocupada, nos últimos anos de sua existência paradigmática, com as mulheres das tribos indígenas - “a parte mais desamparada da população feminina do Continente Americano”, consoante a sua mensagem ao ser eleita Vice-presidente da Comissão Interamericana de Mulheres, na XV Assembléia Geral, em Bogotá, ela que se devotaria a duas tarefas assinaladoras do seu empenho pela situação denunciada no referido conclave: o Seminário sobre Problemas da Mulher Indígena em San Cristóbal de Las Casas no México - 1972

e o Seminário para Mulheres Jovens Indígenas e Rurais, em Dourados (Mato Grosso), naquele mesmo ano.

Eis porque se tornaria “a primeira feminista brasileira a agitar com inteligência” o potencial emergente da mulher, em especial a sua participação política, no preciso julgamento do Mestre Gilberto Freyre.

Campanha feminista em que avulta o episódio pioneiro do Rio Grande do Norte, incluído por Bertha Lutz, privilegiadamente, em sua trajetória de lutas e percalços, com a sua Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Presença histórica que ocupa o interesse central de uma pesquisa contínua, constante e esparsa: uma busca incessante de elementos informativos, colhidos em fontes escritas e orais, em todo o país.

O Rio Grande do Norte que - desde Nisia Floresta Brasileira Augusta -, a revolucionária da educação feminina e “a mais notável mulher de letras do Brasil Império”, no dizer de Oliveira Lima, se qualificaria, incontrastavelmente, como a matriz dos direitos políticos da mulher brasileira; terra e povo potiguares marcados pela ação precursora de Juvenal Lamartine de Faria e José Augusto Bezerra de Medeiros, protagonistas da legislação igualitária, a nível estadual, entre homens e mulheres - e estas com Celina Guimarães Vianna e Alzira Soriano de Souza, na precedência do seu alistamento eleitoral e sua eleição popular no País.

Neste cenário original é que o livro se adentra, introduzindo a relação inversa de centro/periferia, configurada na posição norte-riograndense: “o largo passo audaz com que traçou regra e norma à Federação”, conforme o juízo político do Senador Lauro Sodré.

Este livro alcança a colheita expressiva de sua terceira edição, após trinta anos do seu lançamento inicial, agora graças à cooperação decisiva do Senador Mauro Benevides, então Presidente do Congresso Nacional, sob a responsabilidade administrativa e operacional do Centro Gráfico do Senado Federal.

A iniciativa conjunta deste lançamento pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Associação das Mulheres de Negócios e Profissionais do Distrito Federal, Clube Internacional de Brasília, registra, ainda, a participação dos Clubes Sorooptimistas Internacionais de Brasília, Brasília Sul, Norte e Taguatinga, neste tributo à memória de Bertha Lutz - fundadora do Sorooptimismo na América do Sul - Clube do Rio de Janeiro e ganhadora do seu Prêmio Heleno Gamble, destinado à cientista e à defensora dos Direitos Humanos.

É de profunda gratidão a minha palavra vinculada ao gesto de apreço desse lúcido representante do Ceará no Senado da República e das amigas dirigentes das instituições promotoras deste ato, que

renova em mim a emoção evocada em torno de Bertha Lutz, a grande líder e amiga de vinte anos; longo e frutuoso aprendizado que me concedeu esta mulher admirável e permitam-me, mais uma vez, o eu pascaliano, de referir-me ao “bom feminista”, em relação à “velha amiga”, grifados em suas manifestações epistolares.

Agradeço, em especial, a V. Exa. - Senhor Ministro da Justiça, Senador Maurício Corrêa, pelo prestígio de sua presença valorizadora do lançamento da terceira edição deste livro.

Ao contexto desta obra eis que se acrescenta um novo capítulo, “na procura, algo ansiosa, da verdadeira identidade”, conforme o seu prefaciador, ex-ministro da Justiça Célio Borja - ou, mais ousadamente, “da natureza própria da mulher, que não se confundiria com a do homem”.

No mais, tão-somente o esforço de garimpagem de um pesquisador - e não de um historiador - que se estende, sempre que possível, à sua transformação em conteúdo temático, tido como valioso.

Enfim, a postura crítica - simplesmente de um pesquisador, que tem seguido a lição memorável do Mestre Pontes de Miranda:

“Não se há de fazer igual o que é diferente. O que importa é desbastar desigualdades artificiais: saber-se até onde são iguais, pesquisar-se a extensão, o valor e o uso das diferenças, eliminar-se o erro de serem tratados desigualmente, o homem e a mulher, onde e quando são iguais.”

Discurso pronunciado pelo Prof. João Batista Cascudo Rodrigues no ato de abertura do “Ano Nacional - Centenário de Bertha Lutz” - Salão Negro do Ministério da Justiça, em Brasília, 3.08.93.

MITO DA VERDADE OU DAS POSSIBILIDADES DO SER

“O objetivo último da busca não será nem evasão nem êxtase para si mesmo, mas a conquista da sabedoria e do poder para servir aos outros.”

Joseph Campbell

Dorian Gray Caldas

O ser sensível se manifesta de preferência no poeta, no pintor, no músico, no artista. Segundo Kant, “ a característica do conhecimento sensível é a intuição”, p. 61 do livro “Introducción Al Estudio de Kant”, de Sofia Vanni Rovighi. Esta “intuição” revelada nos artistas e nos eleitos, nos profetas e nos santos. Diz Sofia Vanni Rovighi, que “a razão só vê o que ela mesma produz segundo seus projetos”, e nos parece que quanto mais sensível o Ser, mais além vê, e vê além dos seus “projetos”. Esta é a característica do Ser sensível. Esta é uma característica também do mito. Sendo a sensibilidade do homem primitivo ou arcaica mais voltada para os seres e as coisas primordiais da vida, dependente da realidade imediata e do fascínio do próprio fenômeno de vida e sendo parte do fenômeno da vida, possuía o homem primitivo ou arcaico este poder de modificar, ampliar e recriar a natureza conforme seus desígnios. O que o atraía era a face aterradoradora do inexplicável, na qual ele trabalhava as suas fantasias, sua *praxis*, seus mitos numa projeção de sua própria interioridade subjetiva/impressiva. No homem sensível também trabalham forças emergentes de uma natureza além dos “projetos”, além do estabelecido pela razão, acontecem no plano mitológico, no dizer de Shelling. Atribuir outras razões e outras propostas a estas condições mitológicas são maneiras particulares de ampliação de uma mesma verdade, de uma verdade **essencial** que repousa além da especulação embora não invalide a reflexão e muito pelo contrário a torna indispensável ao conhecimento mítico. A História da cultura humana todavia está repleta de equívocos lógicos. Deve-se reconhecer que na realidade mítica está sempre pressuposta uma verdade ontológica, portanto, significativa do Ser e bastante. Uma realidade essencial.

“Los mitos de una vision de las cosas n Dios e de cualquier otra forma de intuición sin intermediario sensible no son otra cosa que mitos”. Nos diz Sofia Vanni Rovighi, na sua Introducción Al Estudio de

Prometeu Acorrentado



Desenho de Dorian Gray Caldas, 1996.
Mito da Verdade ou das Possibilidades do Ser.

Kant, página 39. Esta afirmação nos leva a insistir que o mito já é a forma sensível pela qual e na qual se revela o mundo sensível da criação. A visão das coisas em Deus, não é uma pura transferência do incognoscível, daquilo que não se pode explicar. É sobretudo a necessidade que tinha o homem arcaico (sensível a tudo que lhe rodeava) de encontrar (idealmente) as razões de sua natureza. Diz Galileo que “el hombre sólo puede percibir sensitivamente, y no comprender intelectivamente”. E mais adiante diz Sofia Vanni Rovighi no seu trabalho *Introducción Al Estudio de Kant*, pág. 49, que “pensar quiere decir precisamente distinguir com el pensamiento lo que es uno e inseparable en la realidad”, isto nos parece uma realidade mítica. Diz Kant que “o objeto sensível é fenômeno”, para tal temos de recorrer ao Espaço e ao Tempo em que e no qual este “fenômeno” mítico revela-se. O ser necessário partindo deste fato absoluto cria sua verdade mítica. Este é portanto o momento, a convergência, a condição “sensível” para o qual e na qual o ser mítico se revela.

Pois se o espaço é “contínuo e infinito” como pensava Kant, o mito originou-se a um tempo e num espaço sensível a criação do mito. Diz ainda Kant que “o conceito de espaço se deriva por abstração” e mais adiante adotando a teoria de Newton de que “o espaço não é uma realidade em si, mas sim, um ente subjetivo e ideal”. Que é o mito senão no Espaço e no Tempo, uma verdade ideal? Uma verdade sensível e ideal. O mito se manifesta no Tempo e no Espaço de maneira subjetiva. Isto porque toda verdade ideal é uma verdade subjetiva. Isto porque, uma verdade sensível. Assim como o sol e a lua, as estrelas e o fogo eram verdades subjetivas para o homem arcaico ou primitivo. Estas verdades eram portanto verdades sensíveis. Verdades de dimensão mítica. Os mitos nascem sempre nessas dimensões sensíveis. Diz Leszek Kolakowski no seu trabalho. “A presença do Mito”, p. 15, “que o próprio espaço é visto como derivado do ato de percepção”. E Kant reforça esta assertiva dizendo que “o espaço e o tempo são condições dos objetos sensíveis”. Entendemos que o mito se revela no Espaço e no Tempo sensíveis ao seu aparecimento. Em condições e conseqüências sensíveis ao seu aparecimento. “Uma herança de valores engendrados por eles” nos afirma Kolakowski. Uma herança de valores subjetivos da consciência mítica. Ou da autonomia mítica. Portanto, “o valor” no dizer ainda de Kolakowski é o mito”.

* Schelling. pág. 62. Mito e Cultura. pág. 60, Mito e Cultura. M. Eliade.

* L. Concilio. Mito, Semântica y Realidad.

AUGUSTO DOS ANJOS, NOSSO VIZINHO ETERNO E UNIVERSAL

Murilo Melo Filho

Este texto não é dedicado a um grande político, a um bravo general, a um admirável empresário ou até mesmo a um brilhante escritor.

Mas a um simples poeta, nascido há mais de 113 anos a 20 de abril de 1884, no Engenho Pau D'Arco, próximo de um lugarejo humilde, a Vila do Espírito Santo, no município de Sapé, região da várzea nordestina.

Seu nome: Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Ou, simplesmente, Augusto dos Anjos, nosso vizinho, daqui bem junto, da Paraíba.

O Nordeste vivia, então, os últimos anos do século XIX e sofria os rescaldos de sucessivas secas na década de 60.

Filho de Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Córdula (Sinhá Mocinha), teve sete irmãos: Alexandre, Aprígio, Alfredo, Odilon, Artur, Francisca e Juliana.

Bem nascido, com um pai senhor de dois engenhos - o Pau D'Arco e o Coité - não viveu uma infância desamparada e pobre. Ao contrário, chegou a ter professores dos quais recebeu lições de latim, grego, italiano, inglês e francês.

Com a crise provocada pela Abolição da Escravatura, em 1888, ele passou a pertencer a uma decadente família da aristocracia rural: na virada do século, os dois engenhos faliram e foram absorvidos pela Companhia Anglo-Holandesa de Engenhos Centrais.

A poesia de Augusto dos Anjos, a princípio, ficou praticamente incógnita e desconhecida pela crítica indiferente. Não causou, naquele momento, nem notoriedade e muito menos escândalo.

Incompreendido, foi desprezado por um vasto segmento da intelectualidade brasileira, que não entendia o gosto macabro dos seus temas ou o linguajar pretensioso das suas estrofes, tidas como pseudo-científicas e mais apropriadas a um livro de medicina legal. Doí-lhe muito essa indiferença, explicada na época pelo fato de a sua poesia bater de frente com os padrões vigorantes.

Não pertencia a nenhum grupo literário, a nenhuma curriola ou igreja. Era um tipo arredo, receoso, o anti-escândalo, o anti-romântico, o anti-boêmio, o anti-farra (não bebia álcool e fumava pou-

co), meio solitário e desajustado, um admirador da morte, pesado, pobre e desambicioso, que falava o mínimo possível e o estritamente necessário.

Mas era, ao mesmo tempo, detentor de um extraordinário potencial poético, um simbolista, influenciado por Cruz e Souza, Antero de Quental, Antonio Nobre, Sílvio Romero, Martins Júnior, Cesário Verde e a Escola do Recife, que deu uma nova cadência à poesia brasileira, com traços do romantismo parnasiano, de áspera e angulosa musicalidade.

Nele são visíveis as marcas do negativismo e do evolucionismo de Spencer, do selecionismo de Darwin, do monismo de Haeckel, com inspiração em Buschner, Schopenhauer, Spinoza, Kafka e Baudelaire.

Augusto dos Anjos tinha apenas 21 anos de idade quando seu pai morreu. Três anos depois, morria seu tio. Já formado em direito pela Faculdade do Recife, casou-se com Esther Fialho - uma bonita e atraente paraibana - rompeu com o governador do Estado, João Machado, demitiu-se do Lyceu Paraibano e, um pouco na base do desespero, veio no navio "Maranhão" para o Rio, onde passou muitos apertos financeiros, dando aulas particulares de filosofia, direitos civil, romano, constitucional e internacional, mudando várias vezes de pensão e de residência, até conseguir um emprego de professor-interino de geografia e cosmografia na Escola Normal e outro emprego de professor no Internato Pedro II, em substituição a João Carlos Lisboa, um político da Paraíba, que muito o ajudou.

O ano de 1912 marcou o lançamento do seu único livro **Eu**, custeado por ele e pelo irmão Odilon, com 58 poemas e uma tiragem de mil exemplares. Nesse mesmo ano, nasceu sua filha Glória e, no ano seguinte, seu filho Guilherme.

Esse nordestino lírico extravasou em versos imortais todo o conflito de sua alma atormentada, aflita, agnóstica e materialista, retratando o cotidiano cruel e revoltando-se contra o tradicionalismo da poesia brasileira daquele tempo, que, justamente por isto, não o aceitou de saída.

Mas hoje se reconhece que foi um desbravador da metodologia poética, um pioneiro dos novos versos, um poeta da paixão, com a

coragem e a ousadia próprias de um jovem paraibano, que decidira implodir as falsidades do seu tempo e as máscaras da sua sociedade.

Escreveu uma obra de revolta e de protesto contra o niilismo, as mistificações, as doenças, a miséria e a pobreza. Suas imagens têm uma admirável seqüência, num mesmo desdobramento de delírios, fantasias, pesadelos e alucinações.

Foi no seu tempo um profeta, que previu o futuro da ciência em geral e da astronomia em particular, da qual era um entendido.

Alguns do seus poemas ficaram célebres e são hoje muito declamados: "Monólogo de uma Sombra", "Tristezas de um Quarto Minguante", "Gemidos de Arte", "Engenho", "Vítima do Dualismo", "Debaixo do Tamarindo", "Sonetos ao Pai", "O Corrupião", "Canto de Onipotência", "A Árvore da Serra", "A um Carneiro Morto", "Uma Noite no Cairo", "Versos Íntimos", "Solilóquio de um Visionário", "Sonho de um Monista", "Lamento das Coisas", "Budismo Moderno", "As Cismas do Destino", "Os Doentes", "Mistério de um Fósforo", "Queixas Noturnas", "Vandalismo", "Último Credo" e "Alucinação à Beira-Mar".

Ao longo desses poemas, desfilam versos científicos, quando se fala em epigênese, filogênese, larvas, moneras, macacos catarriños, necrófagas, rutilândia, uberdade, transcendentalismo, templários, gládios, hastas, armaríssimas, cosmopolitismo e pólipos de recônditas reentrâncias.

Suas rimas são perfeitas, decassilábicas, sonoras e harmoniosas. A cadência é própria de um gênio rústico da poesia métrica, numa linguagem renovadora e revolucionária, com uma teatralidade musical e uma nova estética.

Ele teve a obsessão por mensagens de enorme conteúdo científico e filosófico. Usou e abusou de rebuscadas estruturas, de expressões singulares e incomuns, recursos estilísticos, temática original, lirismo agressivo e construções escatológicas.

Augusto dos Anjos morreu no dia 12 de novembro de 1914, pouco mais de dois anos depois de ter publicado a 1a. edição do **Eu**. A 2a. edição só viria a público em 1920, por iniciativa de Orris Soares, numa iniciativa do governo da Paraíba, com mais 48 poemas, que Augusto dos Anjos produzira e publicara esparsamente. Já então o livro tinha o título de **Eu e Outras Poesias**.

Somente aí, depois de morto, passou a ser respeitado, conhecido e admirado.

Seu único livro, nos últimos 70 anos, já vendeu cerca de 400 mil exemplares, ao longo de 39 edições consecutivas - um recorde em livros brasileiros de poesia.

Por que demorou tanto o seu reconhecimento, que ele esperou ansiosamente em vida, mas que só sobreveio anos depois de sua morte?

Pergunta-se ainda: como pode sair lá de uma modesta vila perdida na várzea nordestina, um talento tão forte e tão prodigioso?

Pergunta-se também: como pode finalmente ser aceito pelo povo simples um poeta tão complicado em suas palavras, tão ininteligível em seus versos e tão rebuscado em seu vocabulário?

Fisicamente era débil e fraco, alto e franzino, braços longos e pendentes, olheiras pronunciadas, olhos grandes e meio parados, passos indecisos, andar desarrumado e hesitante, moreno pálido com um bigodinho fino.

Chamavam-no "Doutor Tristeza". E era realmente um homem triste.

No dia 25 de julho de 1914, quando começavam a troar na Europa os tiros iniciais da Primeira Guerra Mundial, Augusto dos Anjos já era diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, na cidade mineira de Leopoldina, para onde se mudara com a família e onde, três meses depois, era acometido de uma forte gripe.

Certo dia, debaixo de chuva, acompanhou o enterro de um amigo. Continuava gripado, mas assim mesmo, permaneceu no cemitério até o fim da cerimônia. Quando chegou em casa, a gripe já era uma perigosa pneumonia que lhe corroeu os pulmões e terminou matando-o numa fria madrugada, do dia 12 de novembro de 1914. Seus restos mortais foram enterrados inicialmente numa cova rasa em Leopoldina e, depois, num túmulo construído mediante subscrição pública promovida por Paschoal Carlos Magno. Até agora, baldaram-se os esforços e gestões para levá-los à Paraíba, sua terra natal.

À semelhança de Baudelaire, com "Flores do Mal", ele foi o poeta de um livro só, mas que ascendeu a um patamar inigualável, legando-se uma obra compacta e inteira.

Augusto dos Anjos pode até não ter sido um poeta moderno. Mas foi eterno, inimitável e universal.

A DESIGUALDADE EM PROSA E VERSO

João Wilson Mendes Melo

Os leitores mais acurados e constantes, que fazem anotações à margem dos textos e comparações sobre os temas dos autores que mais os fascinam, notam, às primeiras reflexões, a presença maior de alguns assuntos e a maneira mais ou menos brilhante com que são tratados e cantados.

É difícil que num conjunto de escritores ou poetas de quilate equivalente, algumas composições não se assemelhem e até palavras não sejam iguais.

Os que tratam do amor, do sofrimento, da alegria, da tristeza, da amizade, da fraternidade, da vida social e econômica, das desigualdades sociais, dos deserdados e dos miseráveis, têm que escolher palavras e até frases, abrindo passagem no labirinto de tudo que já se disse sobre o assunto, para que tragam algo de novo em expressões que ainda não foram ditas.

Nas Obras Reunidas de Olavo Bilac, um estudo de Alexei Bueno faz notar que o soneto O Acendedor de Lampiões, de Jorge de Lima "não passa, na verdade, da versificação de um trecho em prosa de Bilac, na conferência O Dinheiro", constante do seu livro Conferências Literárias.

É o tema social que, fora os sermões de padre Antônio Vieira, raras vezes aparece na literatura brasileira do passado romântico ou simbolista, excetuando-se e destacando-se Castro Alves no problema da escravidão.

No trecho de Olavo Bilac, fazendo uma comparação, diz o poeta conferencista: "são como esses pobres acendedores de lampiões públicos, esses abnegados **profetas** que, ao cair da noite, percorrem toda a cidade, iluminando todas as ruas, dando luz brilhante a toda a população, e, acabando o serviço, vão descansar numa toca escura, numa alcova humilde onde às vezes não há sequer a luz vacilante e dúbia de um miserável coto de vela..."

No soneto de Jorge de Lima, nos dois tercetos, lemos:

Triste ironia atroz que o senso humano irrita:
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como esse acendedor de lampiões da rua!

Parece-nos irrelevante a semelhança no enfoque social do fato. É no caso da pobreza extrema, a ausência de condições mínimas de um viver decente que assola o mundo inteiro e que tem sido e sempre será notado pelas pessoas de sensibilidade, levando-as simplesmente da lástima conformada e consoladora à revolta ativa e revolucionária. Milhares de escritores, poetas, oradores devem ter dito e continuarão a dizer o “caso” do homem que trabalha anos seguidos construindo residências confortáveis e luxuosas e não tem onde morar; do homem que mora em palafitas sobre a lama ou nas encostas das elevações que já denominamos em outra oportunidade de “barreiras do inferno” que todos os anos soterram famílias inteiras e continuarão a soterrar até que o **próximo** não seja visto da distância e o problema não seja apenas da responsabilidade dos **outros**.

Os personagens modernos do triângulo riqueza-pobreza-miséria, superados em toda a literatura por aqueles do triângulo amoroso atraentes e agradáveis, não são mais acendedores de lâmpadas da rua; são de outras categorias de profissões e trabalhos.

Contemplando num fim de tarde o término das tarefas da construção civil, mais freqüente porque presente em quase todas as ruas das nossas cidades, sentimos que aqueles operários, sobretudo os de menor categoria, que fizeram ou ajudaram a beleza e o conforto de tantos, tenham que ir repousar em casas de lata e papelão, naqueles lugares inóspitos ou proibidos pelos donos ameaçadores.

Eles não acendem lâmpadas, e sim chamam muito vivas nas consciências que “perdem tempo” em pensar “nessas coisas”. O cristianismo em toda sua doutrina tem erguido um clamor de muita luz por uma justiça iluminada pelo amor aos semelhantes acendedores de lâmpadas da rua, construtores ignorados das próprias ruas e do progresso. Outras doutrinas acendem seu facho ou sua estrela por um sentimento de humanismo ou de critério político mais humano.

No meio de todo esse tumulto que tende para uma solução dentro da paz, as palavras de escritores ou os cânticos de poetas tão perto de nós ou das pequenas distâncias do mundo atual, iluminam consciências e abrem caminhos.

FUNDAMENTOS DO DIREITO. PLATÃO? KELSEN? MARX?

Mário Moacyr Porto

Cedo percebi ao contato da admirável eurritmia que caracteriza a construção jurídica, que o Direito é, essencialmente, uma obra de arte, o necessário afinamento que deverá existir entre a disciplina jurídica e a realidade social, a harmonia que se impõe para que o Direito se revele uma verdade de quilate válido, uma identificação entre o fato social e a regra jurídica que o disciplina, expressa, essencialmente, uma revelação ou êxito da Estética, uma similitude entre o belo e o justo. Ao gênio clarividente de Ihering não escapou a natureza estética da construção jurídica, ao incluir, como regra, na elaboração das normas, **“a lei do belo jurídico”**, isto é, a regra que subordina a conduta do legislador aos padrões estéticos da ordem, simetria, adequação e conformidade. A Estética, assim, é que fornece a medida do ordenamento legal, comportando-se como um metrônomo que acerta o passo da vida gregária pelo compasso da norma disciplinadora. No plano do Direito positivo o justo se constata através da satisfatória adequação da regra às realidades humanas, do mesmo modo que, na Estética, o belo se revela na eleição da forma que traduza a medida do justo na interpretação da natureza. Razão tinha Platão quando proclamou que o **“belo é o justo”**, e razão tem o povo quando exclama: **“Uma bela ação”**, para exprimir uma ação meritória, nobilitante. O verdadeiro, na arte como no Direito, é o que sentimos e cremos. O céu azul do Nordeste, que tanto admiramos, não é céu e nem é azul. Uma ilusão dos sentidos, ponderam os prosaicos sabedores do conhecimento livresco. Mas que pode negar que o azul do céu é uma aparência com toda a força convincente de uma realidade? No Direito não é diferente. A máxima jurídica **“error comunis facit jus”** é o reconhecimento de que, em Direito, a ilusória generalização de um equívoco vale mais que a realidade equivocada do fato. Herdeiro aparente, mandatário aparente etc. São consagrações jurídicas da aparência como realidade jurídica. Direito e Estética, pelo visto, se confundem em suas revelações finais, na identidade dos seus valores, na similitude dos seus resultados. Convém esclarecer, entretanto, que a verdade, tanto no plano da Estética como no Domínio do Direito, não se traduz em repetir ou exprimir, com o máximo de fidelidade, o objeto representado ou o fato normativo. Se assim fora, o artesanato dos fotógrafos teria liquidado a arte dos pintores. A lei jurídica não é perfeita quando exterioriza, fotograficamente, a realidade social. Para que se realize na plenitude da sua eficácia, é mister acolher o interesse preponderante do fato normativo, seguir a ten-

dência vitoriosa. Na abolição da escravidão, por exemplo, a maioria da população brasileira era contrária à emancipação dos escravos. Teria sido um erro, então, a abolição da escravatura? Ninguém ousaria, hoje, responder afirmativamente. Pelo visto, no campo do Direito como nos domínios da Arte, o certo não é copiar o ostensivo, seguir o juízo da maioria, mas adotar o interesse maior ou prevalente.

Segundo Hans Kelsen, da Escola de Viena, o direito é a lei, a norma, o ordenamento positivo. Em sua **“Teoria Pura do Direito”**, a ética, a sociologia, a filosofia, não interferem na elaboração do Direito Positivo. O Direito, assim, seria um mero esquema de organização social. O jurídico, destarte, exprime um **“dever ser”** e não um **“ser”**. Há muita verdade na **“Teoria Pura do Direito”**, de Kelsen, mas é inocultável as demasias conceituais do genial jurista-filósofo, nascido em Praga. Sem dúvida, a Ética, tão sensível às influências do tempo e do espaço, não é lastro que deva embasar o positivismo jurídico. O que é bom além dos **Pirineus**, é mau a quem dos **Pirineus**, como diz **Pascal**. Uma abordagem epistemológica dos fundamentos do Direito, sem prevenções sectárias, leva à conclusão de que a hipótese marxista do Direito como simples expressão ideológica das forças da produção econômica, é mais racional e convincente. O direito positivo, em qualquer época, comporta-se como projeção dos interesses econômicos prevalentes. Vejamos, ainda, o caso da escravidão. Impossível imaginar-se situação mais violentamente incompatível com a dignidade humana, mas acintosamente contrária aos princípios da Ética, que o trabalho servil. Não obstante, somente com a revolução industrial operada no século passado, com o advento da máquina, que tornou o trabalho mais eficiente e barato que o realizado pelo braço servil, é que a escravidão se extinguiu, com a revogação da lei que a permitia.

A lei não esgota o Direito, como a partitura não exaure a música. Interpretar é recriar, pois as notas musicais, como os textos da lei, são processos técnicos de expressão e não meios inextensíveis de exprimir. Há **“virtuosos”** do piano que são verdadeiros datilógrafos do teclado. Infiéis à música por excessiva fidelidade às notas, são instrumentistas para serem escutados, e não intérpretes para serem compreendidos. O mesmo acontece com a exegese jurídica. Aplicá-la é exprimi-la, não como uma disciplina limitada em si mesma, mas como uma norma que se flexiona às sugestões da vida. Daí porque o Direito não é e nem será jamais um mero esquema de organização social, como pretendem Kelsen e seus adeptos. Algo há de existir além da norma, delimitando-lhe o raio de ação, e algo de espiritual há de lastrear o fundamento do sistema jurídico, para que as imposições da sua disciplina não degradem o homem à condição de instrumento irracional da vontade do Estado.

II

História



















BANDITISMO NO NORDESTE

Raul Fernandes

Banditismo, fenômeno universal, existiu em todos os tempos, nos continentes, nos mares e presentemente no ar. Ausência de repressão aos transgressores da lei possibilita o seu desenvolvimento. Delinqüentes reincidem. Tornam-se profissionais. Organizam quadrilhas. Expandem-se. Sociedades amedrontadas sofrem sua influência. Noticiários fazem sensacionalismo, transformando-os em heróis ou monstros.

Iniciou-se entre camponeses. Posteriormente, instalou-se nos grandes centros populacionais por oferecer melhores condições à clandestinidade.

Em tempos pretéritos, aventureiros do Velho Continente cruzavam oceanos em caravelas. Países concediam-lhes carta de corso - o direito de saquear e apresiar navios.

Grupos de criminosos faziam correrias pelo Nordeste. A lei não alcançava o sertão. O abandono das populações interioranas era absoluto. Proprietários de terras mantinham homens em armas.

Atribuiu-se o banditismo, em o Nordeste, às mais variadas causas. Responsabilizou-se a raça - a mestiçagem. A população afro-ameríndia foi dominante nos primeiros séculos do Brasil. A incidência africana acentuou-se na Bahia, Pernambuco e Maranhão. Portugueses e holandeses não se preocuparam em trazer imigrantes para trabalhar na lavoura. Buscavam-nos em Angola e Nigéria. Vários intelectuais esposaram a doutrina - Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Cruz Filho e Alcides Bezerra(02-03). Teoria, contudo, anti-social.

Estudiosos apresentaram outras razões - inexistência de estradas - fome - secas periódicas - influências remotas do processo bárbaro de conquista da terra, das revoluções populares e da escravidão - inimizades e choques de liderança entre famílias - falta de instrução - proteção dispensada aos delinqüentes pelos proprietários que garantiam a impunidade dos delitos - perseguições políticas - pobreza - escassez de trabalho - falta de justiça - ausência de meios preventivos da segurança pública - fracasso dos métodos repressivos - costumes trazidos por migrantes cearenses, que retornaram da Amazônia (4) - banditismo político e o coronelismo.

A má nutrição na primeira infância acarreta prejuízos físicos e mentais irreversíveis - a síndrome Kwashiorkor. Enfermidade responsável pelo número crescente de menores marginalizados, a caminho da delinqüência(05).

No estudo de criminosos não podemos desprezar as personalidades psicopatas, criadoras de problemas. Adaptam-se mal ao ambiente. Promovem conflitos. Fazem sofrer a sociedade. Não olham meios para obter determinado fim. Apresentam baixa tolerância às frustrações. Falta-lhes a crítica dos próprios atos. Queixam-se da sorte. Declaram-se incompreendidos. Censuram instituições estabelecidas e, no fundo, acham que se os outros mudassem, tudo estaria bem. Às vezes, já na primeira infância, pais e professores referem-se à criança difícil, insubordinada, insensível às repreensões. O criminoso psicopata é reincidente e quase sempre faz carreira ascendente, de ligeiros delitos a crimes mais graves(06).

O sociólogo E. J. Hobsbawm encontrou vocações criminosas. Cita no livro "Bandidos", a ladra bávara Schattinger que mantinha a tradição familiar de duzentos anos. Vinte dos parentes, inclusive pai e irmã, estavam na cadeia (07).

O paulista Narciso é exemplo de criança - liquidou, a machado, o patrão, que dormia à sombra de uma árvore. Fugiu e em São Vicente, SP, trabalhou com certo cozinheiro. Em breve, o matou com forte paulada.

Andava com marginais. Preso e internado na Escola de Aprendizagem de Marinheiro. Sempre rebelde, escapuliu com outros companheiros.

Provocava desordens nas ruas. Fugindo da polícia, embarcou para Recife. Corria o ano de 1903 e estava com 18 de idade. Entusiasmado com as histórias de Antônio Silvino, saiu a procurá-lo. No bando, adotou o nome de Tenente Baianinho. Após praticar vários assassinatos, deixou a quadrilha e voltou a São Paulo.

Detido diversas vezes. Passou cinco anos na cadeia. Depois de solto, adoeceu. Levado à Igreja Evangélica, converteu-se. Tornou-se pregador. Fez gravações em discos, narrando sua própria vida. Faleceu em 1938 (08).

Mas, a insanidade não justifica o fenômeno social. Seria inconsistente atribuímos uma só causa ao banditismo. Fatores convergentes, em tipos predispostos determinaram sua existência.

O cangaceirismo, último remanescente da herança tapuia, teve, em Antônio Silvino, seu maior representante. Realizou, a pé, marchas e correrias exaustivas em três Estados. Lampião, em ambiente diverso, encerrou esse tipo de vida. Governos tiveram condições de reprimi-lo. Forças Públicas fixadas no interior deram segurança ao sertanejo. A instrução, a justiça e os meios de transporte asseguraram nova ordem social.

Retirantes andavam pelo interior com pequena bagagem - roupas, lençóis, talheres, pratos, copos de flandres, mezinhas e algum alimento. Arrumavam esses teréns em trouxas, sacolas de pano e de couro. Era o “cangaço” que carregavam às costas.

Conduziam armas de fogo e cartucheiras à cintura. Cabaças d'água, cantis e bisacos a tiracolo. Chamados “cangaceiros”, saíam a pedir comida nas casas. Com o tempo, passaram a assaltar tornando-se bandidos. Agiam por conta própria. Estar no “cangaço” significava esse tipo de vida. “Capangas” quando trabalhavam por dinheiro. “Jagunços” serviam em atividades políticas e usavam o nome do chefe ou do lugar. Assim eram conhecidos - os capangas de Fulano de Tal e os jagunços do Padre Cícero ou do Juazeiro.

TOUROS SOB A ÓTICA DO PE. ANTÔNIO VICENTE DA COSTA

Nilson Patriota

Em 8 de novembro de 1920, em resposta a um questionário sobre Touros, destinado ao **Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil**, o Pe. Antônio Vicente da Costa, 22º vigário da Freguesia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, com sede na referida vila, fez do Município uma descrição tão sucinta, minuciosa e realista, que até o presente continua válida. De modo geral, aquele homem inteligente e culto, talvez já de todo esquecido pelos paroquianos e munícipes atuais, exerceu naquela ocasião o papel do historiador que até então não tivéramos. Queremos iniciar este livro rendendo-lhe justa homenagem.

Tentemos, no decorrer deste capítulo, interpretar-lhe o pensamento enquanto acompanhamos a objetiva e interessante lição que ele nos transmitiu.

De modo claro e singelo o Vigário responde ao **Questionário** informando: "O Município de Touros tem 180 quilômetros de litoral - da Barra do Maxaranguape ao Pontal de Água-Maré, nos limites de Macau, e 80 quilômetros de leste a oeste, o que bem vale dizer - de largura e para o centro, onde finda a Serra Verde".

O lugar da cidade - com simplicidade ele prossegue - é plano, com alguma depressão, situado entre o Oceano e os tabuleiros.

O Município divide-se em duas partes - litoral e central. O litoral apresenta o grande recurso da pesca e do coqueiro, e a parte central, o da agricultura e da criação de gado.

Tinha sido realizado um recenseamento naquele ano, segundo o qual a população tourense não chegava a 16.000 habitantes. Para as dimensões do Município, logo se entende que a sua ocupação demográfica achava-se bastante rarefeita. O quadro atual é bem diferente, e, não obstante as numerosas perdas territoriais, devidas aos seguidos desmembramentos com que o Município foi, ano após ano, amputado em seu território, nada menos que 30 mil habitantes ocupam sua área urbana e rural.

Ao tempo em que foi descrito pelo Pe. Antônio Vicente da Costa, Touros limitava-se ao norte com o Oceano Atlântico e o Município de Macau, a leste, com o Oceano Atlântico; ao sul, com o Oceano Atlântico, os Municípios de Ceará-Mirim e Taipu, pelo rio Maxaranguape e o riacho Seco, e a oeste com os municípios de Macau e de Lajes, pela fazenda São Pedro e o rio Camurupim.

Conforme se depreende das informações oferecidas pelo Vigário, na segunda década do século XX o atraso crônico predominava na região. Mas Touros ainda dispunha de vastas áreas de terras desabitadas, praticamente virgens e em via de serem exploradas. As mesmas se situavam em zonas de matas e de tabuleiros de agreste, com distância de 4, 5, 6 e mais léguas para o centro e para o oeste.

Espírito empreendedor e dado às pesquisas tanto geográfica quanto etnográfica, observando *in loco* e com natural interesse o homem e os animais em relação aos ecossistemas ambientais, que ele procurava estudar e entender, ao Pe. Antônio Vicente não passaria despercebido um só detalhe da situação social e econômica da região de Touros, sustentada em frágil mas variado manancial de recursos naturais, em sua maior parte escassamente explorado. Chama-lhe a atenção a fertilidade da terra nos pontos em que se desenvolvia a agricultura e abundava, por exemplo, a reserva calcária, bem como o suporte da pecuária, prestes a se transformar numa das principais atividades econômicas da região. A pedra calcária, matéria-prima utilizada na preparo da argamassa de construção, vinha sendo explorada de forma tosca e rudimentar, mas já representava uma atividade econômica que absorvia mão-de-obra pouco especializada.

Tampouco escapariam ao Vigário as nuances da fauna local, naquele tempo ainda tão rica de animais silvestres, que ele, sertanejo que era, nascido em Martins, admitia fossem, praticamente, os mesmos que habitavam o solo cretáceo dos sertões do Estado.

Com argúcia e o faro próprio do naturalista curioso, o Vigário percorre, na sua lide sacerdotal, o território da Freguesia em todas as direções, observa que o litoral tourense, constituído por pequenos vales, tinha por balizas tabuleiros e morros altaneiros, conquanto em direção ao centro, já nas extremidades norte/noroeste do Município, o panorama geográfico fosse marcado pela presença de chapadas conhecidas pela denominação de serras. Embora tais serras se elevassem apenas uma ou duas centenas de metros acima do nível do mar, constituíam, dada a influência da altitude em correlação com os constantes alísios, um privilégio tanto geográfico quanto climático para a região, além de oferecer àqueles que a habitavam uma belíssima perspectiva de matas ainda verdes e densas entremeadas por vastos ariscos e tabuleiros bons para a lavoura e a criação.

Em constantes andanças, palmilhando as veredas que subiam por aquelas chapadas de aclave suave e paisagens repousantes, ele conhece a virgem e luxuriante mata, que, começando nas proximidades da orla marítima, estendia-se para o sul e o centro do município. Deleita-se em apreciar a abundância de nobres espécimes vegetais

cujo porte elevado acaba legando a toda uma extensa região, hoje em dia repartida entre muitos municípios, a denominação de **Mato Grande**. Tais espécimes vegetais outros não eram senão o pau-ferro, a imburana, o cumaru, a aroeira, o mororó, o angico, o pau-d'arco, a braúna que, juntamente com exemplares de espécies menores e inúmeros cactos e cipós formavam ecossistemas integrados e mantenedores de uma fauna rica e variada de seres de pêlo e de penas, infelizmente tão próximos de extinção. Com a derrubada do mato e o uso inadequado, tantas vezes, e ininterrupto do solo, os animais que constituíram a caça grossa e foram, em certa época, de grande importância para a dieta alimentar dos desbravadores da região em que tanta evidência teve a cultura algodoeira da espécie arbórea, acabaram sofrendo impiedosa perseguição e foram em grande parte dizimados. E o próprio algodão, que chegou a ser a principal riqueza e a garantia de vida do homem do **Mato Grande**, depois de implantado nos ermos por heróicos agricultores que de seu apenas possuíam "a coragem e a cara", como na gíria se dizia, atualmente nada mais representa.

Na condição de vigário responsável por uma Paróquia extensa mas incipiente e pobre, por ele percorrida a cavalo (o meio de transporte possível em sua época) para levar a fé e a assistência eclesíastica a todos aqueles rincões distantes e isolados entre si, o Vigário constata que, em regra, o solo das ditas serras, que ainda se achavam protegidas pelo mato alto, mantinha-se preservado em suas virtudes indispensáveis ou essenciais ao manuseio da exploração agrícola, pois se destacava acima de tudo pela fertilidade.

Nem tudo, porém, eram flores naquele Município de gente rude, lugarejos longínquos e habitados de forma tão rarefeita. Pois a par dos terrenos argilosos e bons também existiam solos ásperos e pedregosos, como na Serra da Escadilha, em sua maioria imprestáveis à agricultura.

Naquela região sertaneja, tão surpreendente pela proximidade do oceano, o Vigário não se contenta em passar ao largo, e ali penetra com o intuito de tudo conhecer bem de perto. Fica surpreso ao averiguar as condições ambientais. Conclui que o solo da Escadilha, apesar de empedrado apresenta-se razoavelmente aproveitável, grandemente útil, porquanto apropriado à criação de gado. Conversa e discute com a pouca gente da região. Aconselha, procura transmitir sua experiência de sertanejo, e sente-se feliz por verificar que suas opiniões são ouvidas com gosto e até apreciadas pelos moradores das brenhas, caboclos descendentes de tapuias reconhecidamente refratários à adoção de novos métodos e hábitos.

Em viagem nas proximidades da costa, indo de uma a outra povoação ou arruado, o Vigário averigua que os tabuleiros litorâneos são levemente ondulados, pontilhados de arbustos retorcidos, enfezados, que parecem pretender inutilmente preencher os espaços em que a mata fora vilipendiada, destruída. Em grandes extensões eles se acham cobertos de capim áspero e ferruginoso e que serve todavia para “despasto” do gado que desce das chapadas atingidas pela soalheira dos verões prolongados ou mesmo pelo ciclo repetido das estiagens.

O Vigário também se certifica que os rios e riachos que ele atravessa em suas viagens e que lhe parecem translúcidos retêm matéria orgânica ou pauis em suas calhas, e são fertilizadores naturais de várzeas e vales litorâneos, exercendo papel fundamental na economia da região. Verifica que ao longo de seus cursos nasceram fazendas, engenhos, arruados, agregados humanos de inestimável valor para o povoamento, e que no decorrer do tempo até se transformaram em povoações pioneiras, muitas das quais levando adiante os objetivos da sobrevivência e da colonização, garantindo com a expansão da atividade agroaçucareira **status** para uns e empregos para outros menos afortunados que os primeiros.

Na costa de Touros, onde nos vales mais férteis a cana-de-açúcar se expandira com base no exemplo do Ceará-Mirim, ele constatara que o rio principal era o Maxaranguape, cuja nascente ocorre em Pau-Ferro, hoje Pureza, numa fonte perene, seguindo dali por diante, através da planície costeira, até encontrar o oceano e nele desaguar através de uma barra. Impressiona-o a atividade agro-industrial ao longo de seu curso, onde quarenta engenhos garantiam trabalho, fartura e riqueza para uma operosa população ribeirinha, que expandiu seu estilo de vida baseada na produção de açúcar mascavo, mel de furo, rapadura, aguardente. Verifica que funcionam a vapor e já apresentam o gérmen da decadência. Suas denominações lhe parecem soar qual **background** tristonho que se repete como para quem de todo não se deixe morrer a lembrança de uma civilização que, embora modelada pela opulência, encerrou em seu selo mais misérias que alegrias. Seus nomes ainda transmitem certo encanto: **Pureza, Boa Vista, Poços, Ubaieira, Riacho, Paz, Soledade, etc., etc.**

Em seguida ele se refere ao rio Jiqui, que nasce no lugar outra chamada Alegria, forma, de passagem, o vale de Boa-Cica, as lagoas de Boqueirão e do Jiqui, e deságua após contornar a vila de Tpuros, no oceano, através de uma barra.

O Pe. Antônio Vicente também informa acerca das “notáveis vertentes” existentes no Município, como as do **Saco, Bebida Velha,**

Arrepiado, Carro Quebrado, Fonseca e Catolé, cujo conjunto d'água formava o rio Punaú, que penetra no oceano pela barra do mesmo nome, hoje rente ao bellissimo conjunto de lazer e turismo construído por Antônio Paiva e seus filhos no atual municípios de Rio do Fogo.

Existiam ainda - ele anota - outras vertentes relevantes, como a do **Souza** e a da **Gameleira**, defluindo para o rio Jiqui, curso d'água cuja denominação atual é Maceió.

Os riachos - ele escreve - eram o Seco e o Cabelo. E observa que os rios de Touros corriam de oeste para leste, sendo a exceção o riacho do Cabelo, que se deslocava do sul para o norte.

Depois de expor suas observações sobre as pequenas bacias hidrográficas da região, o Vigário deixa claro que nenhum daqueles rios era navegável, embora talvez tenham sido num tempo anterior, quando a mata densa e impenetrável só permitia acesso através das correntes líquidas vindas do interior. E apresenta a justificativa de que em sua quase totalidade esses cursos acham-se assoreados e têm pouca profundidade. Resultam, em seu conjunto, de fontes naturais e não das águas pluviais do inverno.

Sabemos que o principal responsável pela pouca profundidade do leito desses rios continua sendo o assoreamento que resultou do desmate indiscriminado de suas margens. Protegidos outrora pela Mata Atlântica e um regime regular de chuvas, foram elementos essenciais duma rica biodiversidade, hoje de alguma forma reduzida.

Ao se referir ao clima de Touros, o Vigário não esconde o seu entusiasmo, e registra: "o clima é estimulante, restaurador, sendo cálido pelo verão".

Em seguida ele informa que o inverno na região começa normalmente em março e termina em julho. Também anota que as secas no âmbito do Município incidem mais sobre a parte oeste, onde se acha concentrada a criação de gado. Todavia - ele esclarece - mesmo nessa parte afastada do litoral, a vegetação sofre menos com a falta de chuva do que a do alto sertão.

Ao se referir à situação dos rebanhos, ele informa que, "por vezes os gados são afetados pelas mesmas doenças comuns aos do sertão, e estão sujeitos a carbúnculo, mal triste, quarto inchado etc."

Durante os últimos setenta e sete anos, muitas foram as modificações ocorridas em todos os setores da sociedade brasileira e norte-rio-grandense, mas mesmo assim a região de Touros ainda guarda similitude com certos aspectos e modos de vida do passado. E assim, tais informações, fornecidas no final da segunda década do presente século não diferem muito da realidade atual. Pois, conquanto o Município haja perdido uma grande porção de seu antigo

território, a região em que se situa se apresenta em muitos aspectos como se continuasse intocada em seus modos primitivos, conceitos religiosos e vocação primordialmente rurícola. E, em certos aspectos, permanece tão atrasada e tradicional como se fosse a mesma de outrora.

Somente ao se detalhar é que nos damos conta de que por aqui transcorreram algumas transformações. Pois é verdade que em seu interior já se ressentia de várias de suas características de antigamente, tendo o "matuto" vendedor de peixe "salpreso" e o mascate de bugigangas afastado o quartau e mula de sua finalidade primitiva. O vaqueiro, campeador obstinado na pega da rês tresmalhada e na cura do animal doente é hoje apenas uma pálida imagem do que foi, quando os campos gerais enxameavam de infinidade de gado cujos donos eram conhecidos apenas pelo ferro e o responsável dava conta de tudo. Tampouco existem mais as fazendas de algodão, com os seus proprietários comparecendo às feiras numerosas do Paraziho e de Baixa Verde, hoje João Câmara, para contratar trabalhadores e fazer o provisionamento do mês ou da semana. Por outro lado, a agricultura encontra-se quebrada, principalmente a lavoura do algodão, praticamente desaparecida. Quebrada e desestruturada pela política econômica brasileira, pela falta de assistência creditícia e governamental. Há muito que o "ouro branco" foi substituído por culturas em nada rentáveis e apenas de subsistência. O agricultor do semi-árido do **Mato Grande** é hoje um pobre diabo, dependendo de políticas assistenciais viciosas que não levam a nada.

Mesmo as grandes empresas agrícolas, surgidas da necessidade dos empresários citadinos terem como aliviar a pressão do imposto de renda sobre suas indústrias e empórios comerciais, e que trouxeram novidades para o campo, como o sisal e a mamona, vastamente cultivados em determinada época, não resistiram à desestruturação do campo ante a decadência dos preços da produção rural no mercado internacional. Mas de alguma forma nas terras desocupadas pela agricultura prevaleceu a criação de gado, principalmente vacum, nem sempre bem sucedida, numa região onde os invernos são incertos e a água é um bem tão precioso que se oculta a dezenas de metros de profundidade no subsolo calcário.

Por infinitos motivos as fazendas agrícolas do **Mato Grande** foram sendo desativadas e abandonadas. Sem rendimentos compatíveis com as despesas, deixaram de atrair o espírito aventureiro e empreendedor do sertanejo, cujos filhos passaram a se dedicar ao comércio nas cidades ou às profissões liberais após a conclusão de um curso universitário.

De qualquer modo tem que se levar em conta também a constante ameaça das invasões por parte do movimento dos chamados "sem terra", o MST, cada vez mais fortalecido na opinião pública, hoje em grande parte favorável à implantação da reforma agrária, que muitos poucos sabem na verdade o que significa. Na região, que tem sido uma das mais visadas no Estado, várias fazendas já foram desapropriadas e nelas realizados assentamentos de "sem terra". Contudo, tais assentamentos ainda não podem ser devidamente aquilata-dos no tocante ao desempenho ou acerto de sua finalidade. Sabe-se, no entanto, que sem uma política agrária que inclua crédito barato, irrigação permanente e assistência técnica de ponta, dificilmente o povo brasileiro, principalmente no Nordeste, onde se ampliam as zonas de miséria, cada vez mais indivíduos são excluídos de participação efetiva no processo do desenvolvimento. No Rio Grande do Norte, onde até mesmo o litoral norte/noroeste encontra-se dentro da área abrangida pelo Polígono das Secas, o **Mato Grande** não pode desfrutar de condições favoráveis a um bom desempenho agrário.

Sem reservas florestais que permitam precipitações pluviométricas regulares, a aridez norte-rio-grandense tende a se expandir. A monocultura, responsável desde os tempos coloniais pelo desmatamento indiscriminado e contínuo de grandes áreas interioranas, continuará exercendo sua ação maléfica, mesmo não sendo praticada em grande escala. Desde que a exploração agrícola da cana-de-açúcar instigou o abate da mata, porque os engenhos careciam de lenha para queimar nas fornalhas, esta prática jamais deixou de ser adotada. A abertura de vastos campos para o plantio do algodão deu seguimento ao processo. Em seguida veio a estrada de ferro, outra grande consumidora de floresta. Modernamente há quem aponte o criatório de gado participando ativamente desse processo de destruição florestal. Porque para que as fazendas possam manter um elevado número de reses faz-se necessário que grandes áreas de pastagem artificial sejam plantadas, o que só é possível com a derrubada do mato.

Na época em que o Pe. Antônio Vicente da Costa permaneceu como vigário em Touros, a situação era bem diferente, pois os desmatamentos estavam apenas sendo iniciados. Contudo, as perspectivas econômicas oferecidas pelo algodão já deixavam ver claramente que o Município tendia a adotar uma política agrícola apropriada à progressiva desertificação.

O coqueiro, que de algum modo parece compensar o desmatamento, também tem sido responsável pela derrubada das últimas reservas de mata nativa na região. Pois o coqueiro, embora nos dê a ilusão, não refloresta. Economicamente preenche uma lacuna ao

oferecer bons resultados a quem o planta. Se o seu plantio não exigisse a retirada drástica da mata, ele reflorestaria.

Há muito se tem dito que com a extinção da mata a Natureza perde sua finalidade e os animais tendem a se evadir ou perecer. As chuvas se reduzem. Com a perda de sua parcela de Mata Atlântica, desde muito a região de Touros se ressentiu de índices pluviométricos desejáveis.

Ao sul e a oeste perdeu grande parte de sua cobertura vegetal, que foi substituída pela pobre e enfezada vegetação de tabuleiro. Entretanto, Touros não depende tão-só da agricultura e da pecuária. Ao norte e a leste a pesca continua sendo a principal atividade e o meio mais eficaz de se ganhar a vida. Por isso se vive melhor no litoral que no interior. Principalmente agora que a situação do povo interiorano tornou-se ainda mais precária por falta de uma matéria-prima que possa substituir economicamente o algodão, em parte menosprezado pelo mercado, em parte destruído pelo **bicudo**. Enquanto tal substituição não é possível, anseia-se pelo controle da praga, na esperança de que o "ouro branco" volte a operar o milagre econômico de outrora, volte a ser o que era. Novos tipos de algodão estão sendo testados a partir do Açú. Para aquela região os agricultores do **Mato Grande** têm a vista voltada.

Município costeiro, é natural que Touros seja beneficiado com bons portos. O principal foi, sempre, o da cidade, na embocadura do rio Jiqui, embora outros existam e atendam à finalidade a que se destinam, tanto nos pequenos lugarejos quanto em pontos ainda não habitados.

Pelo que descreveu o Vigário, curiosamente se fica sabendo que no antigo Município as ilhas eram duas: Punaú e Pisa Sal. Esta, nos limites do Município de Macau, foi objeto de alteração e de discordância entre ciosos administradores em tempos de nada fazer, que vão longe.

O ponto mais elevado da região é a chapada da Serra Verde, com 300 metros acima do nível do mar. No passado a Serra ostentou luxuriante cobertura vegetal. Mais bonita parecia vista do oceano, quando ponto de referência aos veleiros da cabotagem anteriores ao caminho. Entre a Serra Verde e o Atlântico encontra-se o Serrote do Cutia, que tem sido utilizado, desde tempos históricos, para a criação de gado.

Nas dunas próximas à cidade e em alguns distritos como Caraubinha, Santa Luzia, Cajueiro e Lagoa do Sal, existem algumas lagoas que despejam para o mar. As principais são Boqueirão, Coelho e do Sal. Todas abundantes em peixes. Anteriormente, a Lagoa do Fogo, do Baião, do Junco, do Canto, do Cunha de Três Irmãos e

de São Bento, achavam-se dentro dos limites de Touros. Algumas delas faziam parte da indústria do sal. Quase todas se situam entre meia ou uma légua do oceano. Das que foram acima citadas, só as de Boqueirão, Coelho e Sal hoje em dia pertencem ao Município.

Com relação ao clima, o Município é salubre. No passado parece ter sido menos que agora, pois freqüentemente ocorriam surtos ou epidemias de febres intermitentes, maleitas, sezões, disenterias. Conforme antigos relatos, Touros no século passado viu-se a braços com a epidemia do cólera-morbos, que no ano de 1856 ceifou um terço de sua população.

Não obstante a presença do Hospital Regional do SUS, que já pertenceu à Fundação SESP, assistido por vários profissionais competentes, atualmente as condições sanitárias do Município deixam a desejar. Pois apesar dos recursos e dos esforços despendidos com a saúde pública, os problemas não resolvidos se multiplicam. Dentre as endemias que mais castigam ou prejudicam sobressai a esquistossomose. Mesmo assim o clima tourense pode ser considerado **res-taurador**, como ao mesmo se referiu em 1920, com grande entusiasmo, o Pe. Antônio Vicente da Costa.

Dada sua localização litorânea, o Município de Touros se resente à falta de minerais, e talvez por isso mesmo seu solo seja em grande parte pobre. Segundo antiga **Memória** (1881), "os minerais conhecidos no município dão pedras para construção, barro, e pedra calcária". O calcário tanto é encontrado com abundância no centro do Município quanto no **Parracho** "a 2 léguas no mar".

O Município foi abundante em madeira de construção e de marcenaria. Sem lei que as protegessem, as espécies mais valiosas rapidamente sumiram. As madeiras de lei foram por demais contrabandeadas até para o exterior, como a tatajuba, levada em navios para a Europa. Internamente, porém, tiveram grande consumo o pau-d'arco, o pau-ferro, a sucupira, o pau-de-óleo, o cumaru, o cedro, a carnaúba, a aroeira, o angico, o freijó, o pereiro, a imburana, o pau-amarelo, a peroba, o mangue e o pau-marfim. Com a devastação da antiga Mata e a redução do Município, restaram tão-somente ramos exemplares das melhores espécies dentro das fronteiras municipais.

O desmatamento de grandes áreas de tabuleiro para o plantio de coqueiros tem sido responsabilizado pelo extermínio de várias espécies de frutas regionais. Nem todas, porém, foram exterminadas, aparecendo nas épocas apropriadas.

Das que restaram, as mais apreciadas são o caju, a mangaba, o araçá, o cambuim, a guabiraba, o guajiru, a catinga, o murici, a pitomba, o oiti, a cajarana, a massaranduba, a ubaia, o bacupari, o araçá-de-jacú, a azeitona, o catolé, o jenipapo, o araticum etc.

Bela e invejável pela riqueza de sua variedade foi a fauna tourense. Tantos eram os exemplares que, apesar da caça indiscriminada e predatória, ainda hoje se encontram tatus de diversas qualidades com relativa abundância, mas também veados, raposas, maritacasas, preás, tamanduás, cutias, guaxinins, gatos-do-mato, maracajás.

Até às primeiras décadas do século XX, onças suçuaranas rugiam nos matagais azucrinando os vaqueiros responsáveis pelos rebanhos. Sob a alegação de que estavam dando prejuízo, criadores e vaqueiros moveram-lhes perseguição e caçaram-nas até o derradeiro espécime. Grande tem sido a perseguição ao caitetu e aos cervídeos, e assim dia a dia os animais silvestres vão se tornando mais raros enquanto mais ostensivo transparece o desrespeito do homem à Natureza.

Em relação às aves e pássaros canoros a situação é a mesma. Exterminados em massa pelos defensivos aplicados às lavouras, hoje subsistem em quantidade reduzida: jacús, pombas, seriemas, garças, maçaricos, marrecos, patos, canários, galos-de-campina, corruções, xexéus, verdelinhos, pintassilgos, rolinhas, bem-te-vis, curiós, patativa, canção, graúna, zabelê, nambu etc. No passado foi grande a quantidade de papagaios, jandaias e periquitos. Atualmente essas aves são raras na região. Tantas eram as aves, que a Resolução Provincial nº 34, de 5 de novembro de 1839, aprovando as posturas municipais da Vila de Touros dizia em seu art. 15: "Cada um dos agricultores deste município será obrigado, no mês de julho de cada ano, a apresentar cinquenta cabeças de pássaros devoradores da lavoura, sob pena de mil réis de multa ou de um dia de prisão, na falta de moeda".

O que ontem foi uma necessidade, hoje seria considerado um mau exemplo. Mas a mentalidade nos velhos tempos era esta.

Com a modernização dos métodos agrícolas, os defensivos não abateram somente os insetos nocivos, mas também os benéficos, como as abelhas. Não faz muitos anos, enxames incontáveis de abelhas extraíam o néctar das flores silvestres para produzir nas colmeias variado e saboroso mel. Em qualquer oco de pau, em quase toda imburana ou buraco do chão havia, sempre, um tipo de abelha ou mosquito trabalhando. Seus nomes vivem de forma imorredoura nos topônimos da terra e na memória do povo. Tínhamos a uruçú, a jandaíra, a tataíra, o limão, o jati, a papa-terra, a arapuá, a tubiba, a pimenta, a cupira, a amarela, a cabeça preta e outras mais. Quase todas foram destruídas pelos resíduos de BCG, DDT, Aldrina, Lindana e Heptacloro, com que, segundo Osvaldo Lamartine de Faria,

“macaqueando as técnicas alheias, engajamo-nos na guerra da destruição das pragas pelos defensivos”.

Atualmente os apicultores valem-se de espécimes mais resistentes, como as abelhas de origem africana e italiana, cujo mel, embora nutritivo, tem sabor inferior àqueles que deliciaram o paladar da gente interiorana de outrora, que ia apanhá-los na fonte.

Em Touros a grande reserva natural de abastecimento é o mar. Os produtos marinhos suprem as necessidades das populações litorâneas e, em parte, as carências das interioranas. Por sorte a poluição dos mares ainda não atingiu os níveis que se supõem perigosos à saúde ou mesmo à multiplicação da própria vida, envenenado como vem sendo por poluentes químicos no mundo inteiro. Na costa de Touros o peixe ainda é, seguramente, a proteína mais consumida pelas populações urbanas e rurais. Diversas são as espécies apreciadas pelos consumidores que habitam tanto as cidades quanto as povoações e fazendas da região.

Barcos e jangadas pescam, todos os dias, peixe em quantidade suficiente para atender às necessidades locais e a exportação. Os peixes mais comuns são xaréu, tainha, bicuda, garabebeu, anchova, bonito, arabaiana, galo do alto, serra, pescada, camurupim, cavala, dentão, cioba, garoupa, cação, sirigado, mariquita, mero, pargo, biquara, guaiuba, cangulo, cascão. Toda a costa é rica em lagostas, siris e camarões.

Nos rios e lagoas ocorrem peixes como cará, tapacá, carapeba, camurim, tainha, piau, jacundá, traíra, tilápia, carpa, e também abunda o camarão.

Em tempos mais afastados a agricultura consistia na lavoura da cana-de-açúcar, da mandioca, do algodão, do milho, do feijão, do arroz, da batata-doce. A fruticultura cuidava sobretudo do coco-dabaía, laranja, melão, melancia, lima, romã, banana, pinha, jaca etc., em pequena escala, e de legumes como jerimum. Atualmente a exploração agrícola se acha enriquecida com expansão da fruticultura, e a manga, o mamão, o melão e o abacaxi estão na ordem do dia como produtos que abastecem o mercado interno e enriquecem a pauta de exportação ao lado da castanha de caju, do coco, da banana e também da lagosta, crustáceo que é pescado de maio a dezembro.

Em tempos passados, a criação consistia, basicamente, em gado vacum e cavalar. Todavia, já se acham em andamento alguns projetos da iniciativa privada visando ao desenvolvimento da ovicultura, da caprinocultura e da suinocultura. A apicultura tem no Município seus entusiastas, e não se pode dizer que esteja em atraso. A pequena criação ainda se limita a aves domésticas como galinhas, perus, patos e guinés criados na capoeira. Os projetos para criação

de frangos utilizando métodos modernos começam a aparecer, e a população das cidades e até mesmo dos sítios habituam-se ao consumo de produtos tipo galeto e ovo de granja.

A atividade comercial tem obtido lento porém seguro crescimento, com o campo das exportações se abrindo para quem dele deseje participar. Antigamente, ao tempo do Pe. Antônio Vicente, esta atividade limitava-se ao açúcar, ao aguardente, ao fumo, à farinha de mandioca, ao peixe seco, a cordas diversas, a obras de olaria, como telha, tijolo e ladrilho, bem como a tecidos rústicos fabricados em teares arcaicos.

Já a importação, que consistia na aquisição de vidros, louças, panos, ferragens e objetos de fábricas estrangeiras, agora se diversifica cada vez mais e já inclui eletrodomésticos e eletrônicos fabricados pela indústria nacional e estrangeira.

OS TRÊS REIS MAGOS: A VERDADE E A LENDA

José Melquiades

Os Três Reis Magos têm uma história assaz curiosa, no relato evangélico e na fábula paralela. Jamais foram batizados nem tão pouco canonizados. Quando João começou a batizar no rio Jordão, já não havia mais notícia deles. Nem mesmo se sabe se o primo de Jesus era batizado. Convém esclarecer que o batismo de João era meramente simbólico, sem caráter sacramental: um sinal de arrependimento e nada mais. Nenhum vidente profetizou sobre o Concílio de Trento, onde os sacramentos viriam a se oficializar com a infusão da graça, aquilo que Santo Agostinho definiu como “a forma visível de uma graça invisível”.

A vinda dos **Reis** procedentes do Oriente é bastante vaga. O Evangelho não lhes menciona o número nem os nomes. Entretanto, um pouco antes da Idade Média já rezava uma lenda, baseada numa tradição, de que eram três e de aqueles “astrólogos” eram **reis** e logo receberam nomes. Foram batizados pela imaginação prodigiosa dos crentes. Prevalece outra tradição que um deles era preto. De onde apareceu esse negrinho? Esses confrontos não encontram fundamentos bíblicos ou históricos. Mateus, o evangelista que os menciona, não diz que eram três, não lhes oferece identidade nem lhes define a cor. No cap. II, afirma secamente que **vieram do Oriente**, provavelmente da Babilônia onde se praticava a astrologia e se acreditava no envolvimento de poderes ocultos e fenômenos atmosféricos.

Antes do século III, dominava a crença popular de que eram 4, 5, ou 12. Nessa multiplicação espontânea ou mesmo na incerteza, firmou-se a santa convicção de que eram três e também eram reis procedentes da Pérsia e já agora ligados à gruta de Belém. Essa sábia conclusão numérica nasceu da trilogia das ofertas. Alguns estudiosos e bons exegetas defendem o nascimento de Jesus em Nazaré. Belém era a casa de Cavi (1Sm). Como as duas genealogias arroladas por Mateus e Marcos levam José e Jesus até Davi, nada mais apropriado para a interpolação evangélica. E para Belém a estrela se moveu e levou os Magos. Não nos esqueçamos que São Paulo era contra essas genealogias precipitadas.

Evite discussões insensatas, genealogias e contendas porque não têm utilidade, dez a epístola de Paulo a Tito. Vale lembrar que na vida dos grandes santos há sempre espaço favorável para lendas piedosas e milagres fabulosos, além de cavilosas imaginações. A identificação daquela estrela milagrosa tem dado muita dor de cabeça aos astrônomos, que não são astrólogos. Pois tudo isso

aconteceu para prova de nossa fé; e quis a Divina Providência que fossem encontrados os corpos dos Reis Magos e aí dispomos das belas imagens em trajes pérsicos. A Idade Média foi pródiga em milagres e grandes descobertas: encantadoras revelações. Os cadáveres dos santos são incorruptíveis, o que também contribui para o fortalecimento de nossa fé.

Graças a esse indispensável milagre, moldaram-se as imagens dos Magos com as vestimentas persas à maneira dos astrólogos de Zoroastro, do mesmo modo vestiram Jesus com a toga dos romanos. Os nomes Melquior, Gaspar e Baltazar foram arraçados no século IV mas deste o século III já se sabia que eram reis. **Melquior** (o pretinho) é o único identificado com a realiza; **mélki**, em hebraico, quer dizer rei. Um rei preto, naquela época, seria o mesmo que um esquimó ser identificado como gigante. Se naquele tempo prevalecia a realza trigueira, fica provado que o preconceito de cor é pecado mortal dos cristãos.

De qualquer modo, os três nomes associados aos **reis** se relacionam aos reis de Târsis com vistas ao “rei messiânico”. Suas relíquias encontravam-se em Roma ou Constantinopla, mas, em 1164, foram definitivamente transportadas de Milão para catedral da Colônia onde são muito bem conservadas num santuário de ouro. Marco Polo, que descobriu maravilhas a caminho da China, assegura convictamente que viu os seus corpos, em 1272, na cidade persa de Saveh. Garante-nos ainda que “estavam intactos, conservadas as barbas e os cabelos”. Acreditava-se também que eles tenham sido sepultados naquela cidade. A crença é edificante; a visão é confortante. Mas, o confronto com a verdade é vacilante e não convence. De qualquer modo, Marco Polo bem que poderia ter sido beatificado por tão confortadora revelação. A Idade Média continua responsável por essas transcendentais descobertas.

Por exemplo, Pio II e o cardeal Bessarion andaram se desentendendo sobre o corpo de São Lucas. O Vaticano alegava que possuía a cabeça do evangelista. Os beneditinos contestavam, porque também possuíam outra cabeça. Ora, um santo com duas cabeças é um milagre bicéfalo; a multiplicação dos crânios, o que não deixa de ser milagre digno de veneração. E quase perdiam a cabeça o Papa e o Cardeal. O mesmo Pio II levou, em processão, a cabeça de Santo André, colocando-a num relicário. Maravilhas do cristianismo!

Voltemos com a história à gruta de Belém. A estrela que seguiu os Magos, na concepção bíblica, é outra interpolação da estrela de Jacó extraída do livro dos Números: **nascera uma estrela de Jacó e subirá um cetro**(Num. 24, 17). Os Magos e os astrólogos caldeus esposavam idéias extravagantes e estranhas concebidas através das

estrelas do Oriente. ra rude a astrologia dos sumerianos. Os autores bíblicos eram chegados a visões e se deixavam envolver com essas quimeras: acreditavam cegamente nessas fantasias cósmicas, nesses fabulosos bólides. Lendo-se a escatologia apocalíptica tem-se a impressão que os fenômenos astrológicos expressam a vontade de Deus e se vê também quanto Deus era vingativo através dessas ilusórias fantasias. Concebiam que Deus sentava-se nas nuvens e ignoravam que as nuvens são um agregado de vapores aquosos condensados na atmosfera incapazes de suportar o peso da asa de um anjo.

De qualquer modo, foi essa estrela de Jacó que trouxe os Magos erroneamente a Belém. Entra na narrativa com efeito miraculoso. O nascimento de Jesus em Belém é reflexo do que se lê em Miquéias: **de Belém virá o rei**. As ofertas (ouro, incenso e mirra) baseiam-se nos dons oferecidos pelos reis de Sabá e Társis, conforme atesta o Salmo: os reis de Társis e das ilhas de Sabá oferecerão presentes, e lhe trarão seus dons. Não de adorá-lo todos os reis. De Sabá serão oferecidos ouro e incenso (SL. 72/10 e 12).

Sabá era um centro comercial da península árabe. Negociava ouro, aromas e pedras preciosas com Salomão e Tiro. Isaías menciona esse comércio (IS. 66.6). Társis também mercantilizava com o rei de Tiro. Ezequiel enumera seus artigos e seus comerciantes. Tudo indica que era um arquipélago. São Paulo diz que os navios chegam a Társis pelo mar Vermelho (2 Cor.) O salmista convida **Társis e as ilhas** para “adorarem o rei messiânico”. São exemplos elucidativos.

Incenso queimado como sinal de culto divino já era utilizado nos ritos pagãos. Houve um tempo que a Igreja Ocidental recusou-se a usá-lo na liturgia devido sua aplicação nos ritos iniciáticos. A mirra é uma goma aromática extraída de um arbusto das terebintáceas (*commiphora*) abundante na Arábia e na Palestina.

Essa goma resinosa colocada no braseiro exala o mesmo odor do incenso. Misturada ao vinho tem efeito anestésico. Serviram esse anódino a Jesus, no Calvário, para atenuar as suas dores. Pertence à família das plantas odoríferas: **murr**, em siríaco - amargo. Utilizava-se na confecção de perfumes. Prestava-se a embalsamentos e servia de remédio caseiro; o nosso amaríssimo chá de marcela. Na Arábia tinha grande valor comercial. **Commiphora** (*commi*), esse radical é corruela de **gummis** - goma, a goma aromática que brota da casca furada no arbusto. Na oferta dos Magos, a mirra e o incenso serviam, talvez, para defumação, como as parteiras faziam com a alfazema queimada para anunciar o recém nascido. No rastro dessa tradição, a mirra participou do nascimento e da morte de Jesus. Intercalações bem confrontadas.

Com as belas improvisações da história, encarrega-se o **folklore**, palavra inglesa traduzida do alemão **volksunde**, no sentido de crenças populares. São essas crenças arranjadas que enriquecem o patrimônio histórico na evolução dos mitos e nas lendas imaginosas.

O certo mesmo é que a trilogia das ofertas convenceu os exegetas de que realmente os Magos eram três. Tivessem trazido o metal refundido em Társis e seriam 4 reis coroados. A tradição tardia deu-lhes nomes, reduziu-lhes o número e lhes deu cor, se quiserem uma observação à maneira de Cesare Cantu.

As ofertas foram colocadas em suas mãos e com o triunfo do cristianismo receberam um significado místico e simbólico: **ouro**: a realiza de Jesus; **incenso**, homenagem à divindade; **mirra**, em alusão à humanidade de Cristo. Brilhantes e encantadoras revelações.

Por muito menos, os alquimistas herméticos, que transformavam “o chumbo em ouro” e alteraram a química da Idade Média em pedra filosofal, foram acusados e censurados por terem convertido o tetragrama da cruz (I.N.R.I.) numa forma desvirtuada: **igne natura renovatur integra** - pelo fogo se renova a natureza. Como os alquimistas não gozavam de tradição e caíram na má reputação, pesa sobre eles a artilosa invenção.

Convém lembrar que antes mesmo de Pilatos, ao que nos dizem, ter escrito o “título” no alto da cruz (Jo.19,2), já em hebraico antigo se conhecia coisa semelhante relacionada com os 4 elementos: **lammin**, água; **Nur**, fogo; **Ruah**, atmosfera; **labaschun**, terra (INRA). De tanta antigüidade, não há certeza, advertia Camões, esse mesmo Camões audacioso defensor de Inês de Castro, a “linda Inês de doce fruto, de formosos olhos nunca enxutos”.

O que vale é que a tradição da igreja é um conjunto de verdades reveladas pelo Espírito Santo. Duvidar quem há-de? Essas revelações permanecem inalteráveis no seu admirável simbolismo; e as dúvidas ficam por conta da autopistia. Desse modo, Belém, a gruta e os Magos tomam parte distinta na seqüência do nascimento de Jesus. Quem vai lá se lembrar de Herodes? Muito se tem discutido sobre a autenticidade das informações, sobre a veracidade histórica; nem por isso a tradição ou a lenda deixa de perder o seu encanto.

Como se tudo isso não bastasse, na história desses Três Reis Magos, na **Vida dos Santos** organizada por Jacobus Vorine (Legenda Aurea), Simão Metafrasto, um hagiógrafo bizantino do século X, elaborou um belíssima página de elogiável criatividade. Revela Teofrasto, com muita certeza, que os Três Reis Magos, “eram sacerdotes e bispos”, pregavam a fé com grande fructo, tiveram revelação da própria morte e concordaram entre si o mesmo sepulcro.

O Padre Manoel Bernardes, no tomo IV de sua **Nova Floresta**, acreditou nessa anedota e transcreve, em parte, as revelações de Metafrasto, que afirmava ser o mais velho Melquior e que este morreu na Oitava do Sagrado Sacramento, “depois de dizer missa” (porque era sacerdote), “tendo alcançado a avançada idade de 110 anos bem contados. Os outros dois o sepultaram, o que deve ter sido uma emocionante celebração de exéquias. Baltazar, tinha a idade de 112 anos, morreu 10 dias depois; e Gaspar o enterrou. Seguiu-se daí o mesmo Gaspar, que ficou no meio dos dois “por ser mais moço”. Metafrasto esqueceu de nos dizer quem enterrou Gaspar. Tudo muito bem programado. Mas, faça-se justiça. Bernardes se desculpou dizendo que tirou isso do “sobredito author Methafrasto”.

Não deixa de ser muito edificante e até engenhoso estes Reis Magos terem rezado missa lá pelo início do século II, quando a missa, como celebração eucarística, só foi introduzida na liturgia, no século VI, isso mesmo sem nenhuma unidade de ritos. No ano 962, sofreu outras alterações e só foi ordenada ou unificada com as reformas empreendidas no Concílio de Trento (1545 - 1563), no pontificado de Pio IV. O **Missale Romanum**, responsável pelo **Canon** ou **Ordo Missae**, é resultado desse concílio, “**ex decreto Sacrossancti Concilii Tridentini**” assinado pelo mesmo Pio IV. Esqueçamos Metafrasto. A esse modelo de indiscutível certeza os teólogos classificam como **autopistia**: crença imediata e independente de demonstração. Prevalece a convicção; e isso nos basta. Fiquemos sempre lembrados que, na epifania dos Magos, a piedade popular acrescentou à história hagiográfica certos detalhes improvisados e edificantes. O que vale em tudo isso é a grandeza da natividade divina e, particularmente, aqui, nessa narrativa, as imagens dos Reis Magos vindas a Natal em 1755, responsáveis pela formação de nosso bairro de Santo Reis. O resto deixa a critério dos exegetas. Rezemos ao Senhor...

Capítulo do livro de José Melquiades: HISTÓRIA DE SANTOS REIS: A CAPELA E O BAIRRO.



Fig. 1. The building of the Laboratory of Biomaterials, UFRN.

of the building. The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area.

The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area. The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area.

The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area. The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area.

The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area. The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area.

The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area. The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area.

The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area. The building is a large, multi-story structure with a prominent central tower and a wide facade. The building is surrounded by greenery and a paved area.

MEIO SÉCULO DE ATIVIDADE FORENSE*

Raimundo Nonato Fernandes

No mês de fevereiro de 1995, isto é, daqui a nove meses, estarei completando 50 de advocacia militante, exercida sem interrupção. Isto vem ocorrendo, predominantemente, perante a Justiça Comum do Estado. Tive algumas incursões nas Justiças do Trabalho e Eleitoral, encerradas há algum tempo. Com a instalação da Justiça Comum Federal, em maio de 1967, passei a dividir com ela o meu trabalho estadual.

Como todo principiante, comecei atuando em todas as áreas - cível, criminal, trabalhista, eleitoral, administrativo-constitucional -, tanto na capital como no interior. A não ser uma rápida passagem pela câmara de vereadores de Natal, em 1948, e o magistério na Faculdade de Direito (em caráter regular a partir de 1959, com a primeira turma de Direito Administrativo, mas com substituições em outras disciplinas, a partir de 1950), dedicava à profissão todo o meu tempo, e foi ela inclusive, que me levou a renunciar ao mandato de vereador, pouco mais de um mês após a posse, porque a Lei Orgânica de então, além de prever subsídios, vedava a advocacia contra a Fazenda Pública. Opondo-me a um movimento para a remuneração do mandato, só me restou a renúncia, pois, sem emprego, não poderia sobreviver com uma advocacia restrita ao setor privado, então de limitada proporções.

Aos poucos fui me fixando nas áreas cível e administrativo-constitucional, com interesse constante nas questões contra a administração pública, dada a especialização a que era levado pelo ensino de direito Administrativo. Além disso, a partir de 1956, no Governo Dinarte Mariz e em outros posteriores, passei a exercer o cargo de Consultor - Geral do Estado, onde as questões dessa natureza constituem a regra. Embora sem me afastar completamente do cível, desde cedo me senti sem inclinação para o Direito Comercial (especialmente cobranças, falências, concordatas, advocacia de empresa em geral).

Essa longa experiência me permitiu acompanhar a evolução de nossa vida forense, em seu dia a dia, numa fase da história do país

* Este trabalho não se propõe a uma avaliação dos méritos ou deméritos da magistratura nem dos advogados e membros do Ministério Público do meu Estado. É, apenas, o registro de impressões pessoais, guardadas de memória e, por isso, passíveis de falhas e omissões, pelas quais desde já peço desculpas, por serem involuntárias,

marcada por três mudanças constitucionais (1946, 1967/69 e 1988), uma ditadura de vinte anos, em que se viveu sob Atos Institucionais baixados pelo Presidente da República (1964/1988), seis anistias (1945, 1961, 1969, 1979, 1985, 1988), várias eleições e duas reformas da organização do Poder Judiciário (1977 e 1988), que passou a reger-se por uma lei nacional.

O Tribunal de Justiça da primeira fase de minha carreira era integrado por alguns dos mais destacados juristas do Estado, notadamente SEABRA FAGUNDES e FLORIANO CAVALCANTI. O primeiro já então publicara, desde 1941, o livro que logo teria a consagração da opinião jurídica nacional - "O controle dos atos administrativos pelo Poder Judiciário" -, pioneiro nessa área, como tratamento sistemático da matéria, e que fez escola, estabelecendo em definitivo os conceitos básicos do Direito Administrativo e os limites do controle jurisdicional da Administração Pública. O segundo era um estudioso da Filosofia do Direito, mais voltada para as indagações teórico-doutrinárias do que para os aspectos práticos da aplicação do Direito Positivo.

Não caberia, aqui, analisar individualmente todos os magistrados com os quais me foi dado conviver, no exercício da profissão, tão numerosos foram eles, até o presente (39 Desembargadores, afora juizes falecidos ou afastados antes do acesso ao Tribunal ou ainda em atividade). Permito-me, porém, citar mais alguns, por qualidades diversas, sem despreço aos demais. Citaria, por exemplo, os Desembargadores :

- a) CARLOS AUGUSTO, que não era um estudioso, em um esforçado no trabalho, no sentido de aprofundar a análise das questões e dar maior desenvolvimento aos seus acórdãos, em regra geral extremamente sucintos (às vezes limitando-se a adotar o parecer do Ministério Público); mas sempre se sobressaiu por sua ágil inteligência e um espírito cordial e afável, com freqüentes tiradas de bom humor;
- b) FÉLIX BEZERRA, que impressionava por sua austeridade e pela preocupação em acertar, esmiuçando objetivamente a prova, sempre pronto a reconhecer eventuais erros, chegando a procurar o advogado da parte vencida para aconselhar a interposição de recurso, como fez comigo, certa vez, queixando-se de informações incompletas do relator, era exigente na observância dos prazos, cobrando-a, inclusive, dos próprios colegas; presenciei uma reclamação sua,

* Por uma questão de ética, já que ainda exerço, perante eles, o meu trabalho de advogado, não são feitas referências a magistrados em atividade.

- em plenário, contra relator que apresentou em mesa, para julgamento, embargos declaratórios oferecidos seis meses antes (o prazo, como ainda hoje, era até a sessão seguinte);
- c) JOÃO VICENTE DA COSTA, juiz metódico, estudioso, integralmente devotado ao seu ofício, simples até quase a humildade, extremamente educado no trato com as pessoas, escrupuloso e probo.
- d) OSCAR HOMEM DE SIQUEIRA, também conhecido como um juiz austero e honrado, na mesma linha de conduta e estilo de Desembargador FÉLIX BEZERRA, infundindo nos jurisdicionados respeito e confiança pela firmeza e coerência de suas atitudes.
- e) PAULO LUZ e PAULO SOARES, ambos magistrados de excelente formação, pela conduta irrepreensível, a competência profissional, a independência e um estilo objetivo e claro, bem alicerçado em conhecimentos doutrinários e jurisprudenciais.
- f) VIRGÍLIO DANTAS, um juiz arguto, sem grande lastro doutrinário, mas com um agudo senso de julgar, escrevendo pouco mas dizendo o necessário; dele dizia o Desembargador CARLOS AUGUSTO que possuía antenas aguçadas, pela agilidade com que apreendia as questões em debate; tinha capacidade de liderança, que exercia para apaziguar dissensões entre colegas, o que às vezes ocorria na disputa de cargos.

Dentre os juizes de primeira instância, que não chegaram a ter acento na Corte, dois, já falecidos, merecem um registro à parte. EUTIQUIANO REIS e EDGAR BARBOSA, que se pareciam pela qualidade literária do estilo (o primeiro, antes de ser magistrado, foi crítico de arte, e o segundo era um dos mais brilhantes jornalistas do Estado, ex-Diretor de "A República", ao tempo em que eu ali trabalhava como Repórter-Revisor, e também escritor e membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras). Mas EUTIQUIANO REIS, além do brilho e da competência dos prazos e ao cumprimento dos seus despachos e decisões, para garantir sua rapidez e eficiência (preocupação que, infelizmente, não tem muitos seguidores).

Os juizes JOSÉ AUGUSTO DELGADO e FRANCISCO XAVIER PINHEIRO serviram por pouco tempo à Justiça do Estado, transferindo-se para a Justiça Federal. Somente atuei perante eles quando vieram do interior para a Capital, onde passaram a exercer o cargo de Juiz Substituto, no antigo "Fórum" da Av. Rio Branco. Tiveram, aí, recordes de eficiência, despachando, no curto espaço de cerca de dois meses, alguns milhares de processos que estavam encalhados

em Varas Cíveis. Desnecessário dizer que revelaram, também, competência, assim como autoridade para fazer funcionar, no ritmo por eles desejado, a já então emperrada máquina judiciária. Na Justiça Federal, demonstraram a mesma “performance”, sendo hoje o Dr. JOSÉ AUGUSTO DELGADO, merecidamente, Juiz do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, ao passo que o seu ilustre colega inativou-se e, hoje, advogado militante.

Os advogados em evidência, no período a que me refiro (deixando de lado os ainda em atividade porque, de tão numerosos, não haveria aqui espaço para uma referência a todos), foram (por ordem alfabética) BRUNO PEREIRA, CLAUDIONOR DE ANDRADE, DJALMA MARINHO, GIL SOARES (também Procurador da Fazenda Estadual), HÉLIO GALVÃO, JOÃO MEDEIROS FILHO, JOSÉ ILDEFONSO EMERECIANO, JOSÉ NICODEMUS, NESTOR LIMA, OTTO GUERRA (abro-lhe aqui uma exceção por ser, atualmente, o decano da classe), PAULO LUZ (depois de aposentado do Tribunal), PAULO SOARES (idem), PAULO DE VIVEIROS, TÚLIO FERNANDES, VÉSCIO BARRETO e WILSON DANTAS (até o ingresso no Tribunal).

BRUNO FERREIRA e NESTOR LIMA, já estavam saindo de cena quando eu me iniciava, e VÉSCIO BARRETO logo se mudou para o Recife, onde foi chefiar o contencioso de “Pernambuco Tramways”, concessionária de serviços urbanos (eletricidade, telefones e bondes), do mesmo Grupo da Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil, então concessionária, em Natal, dos mesmos serviços e na qual ele já aqui atuava como advogado. O primeiro, de temperamento áspero e espírito cáustico, distinguia-se pelo emprego de uma linguagem castiça, com adjetivações nada amenas. Tornara-se famoso como jornalista político, pelo estilo candente e contundente de artigos publicados nos jornais “A Tarde” e “A Razão”, ligados a um dos Partidos locais Ex-Procurador-Geral junto ao Tribunal de Justiça (então com o título de Desembargador), alguns dos seus pareceres eram lembrados pela veemência da crítica, nos casos em que opinava contra o ato ou decisão. Cheguei a vê-lo em uma ou duas defesas criminais, pouco antes de ingressar na Justiça do Trabalho.

De NESTOR LIMA pouco tenho a dizer, pois não tive oportunidade de vê-lo em atividade, não ignorando, entretanto, que se tratava de um profissional sóbrio e metódico, com largo tirocinio na área cível. Já o encontrei recolhido à sua mansão da Praça Sete de Setembro, de onde somente saía para um passeio diário à Rua Dr. Barata,

* Dentre os advogados, menciono, somente, os já afastados do foro, bem como os que passaram pela magistratura, em razão, neste caso, da referência que lhes é feita nessa condição.

na Ribeira, no fim da tarde, para encontrar-se com o seu amigo ARNALDO NETO, Juiz Municipal, em frente à “Drogaria Brasil”.

Meu ex-professor de História no velho Atheneu da AV. Junqueira Aires, admirado por todos os seus alunos, VÉSCIO BARRETO pontificava na profissão de advogado como um jurista do mais alto conceito, pelo saber, a habilidade como expositor e o poder de persuasão. As companhias americanas filiadas ao Grupo Light cercavam-se dos melhores advogados do País. Um deles, por exemplo, foi o nosso SEABRA FAGUNDES, contratado como Consultor quando se transferiu para o Rio de Janeiro. Mas coube a VÉSCIO BARRETO a mais importante vitória judicial do Grupo, obtida junto ao Supremo Tribunal Federal, com a reforma de decisão da Justiça do Estado que não lhe reconheceu o direito de cobrar multas dos consumidores por atraso no pagamento de tarifas. Foi ele quem sustentou o recursos extraordinário na Corte Suprema. Quem com ele conviveu, não pode esquecer a elegância, o talento e o senso de humor com que dissertava sobre emas de História e fatos pitorescos, descritos com uma voz grave e uma entonação própria para cada momento da narrativa.

CLAUDIONOR DE ANDRADE vinha de curta experiência no Ministério Público, iniciada em Pau dos Ferros (minha terra natal), por volta de 1930/31. Montou sua banca de advocacia na Capital do Estado, atuando em todas as áreas e também no interior, bem como exercendo importantes funções públicas, inclusive como Secretário de Estado. Profissional inteligente e hábil, com um temperamento cordial, presidiu o OAB/RN por mais de vinte anos.

Uma carreira brilhante foi, sem dúvida, a de DJALMA MARI-NHO. Eu já o conhecera como Deputado Estadual, na primeira legislatura posterior à Revolução de 1930, inaugurada em 1935, quando ele liderava a bancada da Aliança Liberal (partido de Café Filho) e travava acalorados debates com PEDRO MATOS, líder do Partido Popular (de José Augusto, Juvenal Lamartine e Rafael Fernandes, eleito Governador naquele ano), no prédio onde hoje funciona o OAB. Estudante de Atheneu, eu gazeava aulas, com outros colegas, para ir ver esses debates. Ao reencontrá-lo como advogado, a partir de 1944, dominava ele o foro de Natal com o seu indiscutível talento, uma sórdida formação civilística, palavra fácil e eloqüente, uma sagacidade incomum na argumentação. Possuía a biblioteca jurídica mais bem montada do Estado. Para o seu escritório convergia a clientela mais importante, mas não acumulou fortuna, que não ambicionava (deixou, apenas, uma casa residencial à Av. Prudente de Moraes). Era Procurador da Fazenda Nacional e desse cargo, bem como da advocacia (ressalvada curta passagem pelo escritório do eminente DARIO DE ALMEIDA MAGALHÃES, no Rio de Janeiro), afastou-se para

exercer mandatos de Deputado Federal, até falecer. Profissionalmente, seu único defeito era uma certa desordem na condução do próprio trabalho, em que havia uma boa dose de improvisação. No foro, costumava conduzir uma volumosa pasta, na qual havia de tudo: processos, petições, livros, notas promissórias, dinheiro, remédios e até um revólver, de que nunca fez uso, nem saberia como. Vi-o em certa ocasião, numa sustentação oral perante o Tribunal de Justiça, procurando em uma carteira de cigarros (amarfanhada, diga-se de passagem) anotações sobre acórdão do Supremo Tribunal Federal. Por traz dessa improvisação, porém, estava uma inteligência fulgurante, em que os recursos oratórios superavam o método, nada ortodoxo, de consulta às fontes jurídicas.

Não menos respeitáveis eram os advogados GIL SOARES, em quem a Fazenda Estadual teve um defensor zeloso, eficiente e hábil, cujos trabalhos tinham sólida fundamentação de doutrina e jurisprudência, mas que, cedo, ingressou na magistratura do antigo Estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro, onde se fixou definitivamente; JOSÉ ILDEFONSO EMERECIANO, sucessor de GIL no cargo de Procurador da Fazenda, recentemente falecido, ex-Promotor de Justiça e Secretário de Estado, e a quem o Estado deve relevantes serviços; JOSÉ NICODEMUS, criminalista, sagaz argumentador, voz poderosa na tribuna do Júri pelo tom em que falava, sufocando os apertes do adversário, esperto no uso de alguns recursos para confundir-lo (como ocorreu, por exemplo, ao defender uma empregada doméstica que envenenara uma criança com arsênico: levou para o Júri dois pacotes de açúcar de má qualidade e os mostrou aos jurados, dizendo que um era de arsênico, para apoiar sua tese de que a acusada o utilizara por engano ao preparar o leite da criança; nessa ocasião, servido café aos presentes, convidou o assistente da acusação, advogado VICENTE DE SOUZA, para escolher em um dos pacotes o açúcar para adoçar sua xícara; sem disfarçar o seu receio, o colega recusou a oferta; NICODEMUS empolgou-se com o aparente êxito de sua cartada, mas os jurados foram mais espertos e condenaram a ré).

Rendo minhas homenagens à cultura e ao estilo do advogado HÉLIO GALVÃO, um dos profissionais mais apurados na técnica e na substância dos trabalhos forenses, recheados de citações eruditas mas de leitura agradável, pela fluência, a propriedade e a sobriedade da linguagem. Combativo, não hesitava em investir contra juizes para acusá-los de algum desvio de conduta, no processo ou fora dele, e algumas vezes não poupava, também, o patrono da outra parte,

acossando-o com alfinetadas de uma ironia que para uns era um gesto de maldade e, para outros, um simples artifício de retórica, usado como meio de persuasão e não para efeitos morais.

Reservo uma palavra especial para o meu velho companheiro de batalhas travadas na tribuna do Júri, lado a lado ou em pólos opostos: JOÃO MEDEIROS FILHO, desaparecido há poucos anos. Era um criminalista erudito e um debatedor hábil, seguro e poderosamente convincente, que enriquecia seus discursos com informações de cultura geral e de pesquisa histórica. Sempre preferiu a tribuna da defesa, na qual conquistou grandes vitórias. Sua oratória não era um mero jogo de palavras, mas uma argumentação racional e objetiva, com base nos autos e na interpretação dos textos legais. Foi, durante muitos anos, Presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Norte.

Coube a OTTO GUERRA orientar os meus primeiros passos na advocacia, depois de inscrito na OAB. Fui estagiário, por pequeno período de tempo, no seu escritório, instalado numa sala do edifício do antigo Banco do Povo, na Av. Duque de Caxias, esquina com a Rua Nísia Floresta, na Ribeira. Dedicado, também, a estudos de sociologia e problemas sociais, bem como ao jornalismo, na órbita de organizações católicas, esse eminente jurista e escritor não se empenhou a fundo na advocacia, restringindo-se, com a instalação da Faculdade de Direito, em 1950, ao ensino do Direito Civil e, depois, a direção do órgão. Nome respeitado, no Rio Grande do Norte, pela sua estatura moral, saber e espírito público, foi distinguido, muito justamente, com a alta honraria de ser um dos Consultores do Vaticano.

De PAULO LUZ e PAULO SOARES não há o que acrescentar ao que já disse sobre a sua atuação como magistrados, a não ser que, na advocacia, mantiveram a mesma linha de retidão e seriedade. O segundo é, também, professor de Direito Civil no Curso de Direito da UFRN.

Convivi longamente com PAULO DE VIVEIROS, advogado da Estrada de Ferro Sampaio Correio e da Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil, sucedendo a VÊSCIO BARRETO, depois de haver presidido, por alguns anos, o órgão local da Justiça do Trabalho, ao tempo em que a função era gratuita. Tribuno eloqüente, que falava em tom vibrante e com gestos incisivos, encarava a profissão com a maior serenidade, empenhando-se na defesa dos clientes como se atuasse em causa própria. Colocava-se no mesmo nível dos melhores profissionais do seu tempo, havendo, ainda, dirigido a Faculdade de Direito, onde lecionava Direito Romano.

Uma referência final, na lista dos advogados, a WILSON DANTAS, com quem me defrontei, por mais de uma vez, na tribuna do Júri. Dedicando-se, preponderantemente, à advocacia criminal, usava contra seu oponente duas armas poderosas; grande perspicácia no exame da prova (seu recurso tático preferido) e uma combatividade que, de tão persistente, às vezes raiava pela teimosia.

No Ministério Público, parece-me que há consenso em torno do nome de FRANCISCO NOGUEIRA FERNANDES, já afastado da atividade, ex-Procurador-Geral em mais de um Governo, exemplo de comportamento ético, responsabilidade funcional e competência. Sua marca registrada era o estilo conciso e direto, mas denso de conteúdo, objetividade e segurança. Na Procuradoria Geral, apesar de, então, ser um agente da confiança do Chefe do Poder Executivo, atuava com absoluta independência, não hesitando em manifestar-se contra esse Poder para preservar a autoridade da lei. Cito um exemplo nomeado pelo saudoso Governador Dinarte Mariz, este, a certa altura, decidiu revogar isenção tributária outorgada à empresa MOBRASA, cujo titular o ofendera publicamente, numa reunião da Associação Comercial a que ele estava presente, mas o mandado de segurança, concedido pelo Tribunal teve parecer favorável do Procurador, e, melhor ainda, o Governador, num gesto nobre, o manteve no cargo. Eu seria injusto, todavia, se silenciasse sobre os Procuradores-Gerais ANSELMO PEGADO CORTEZ e OCTALÍCIO PESSOA DA CUNHA LIMA, que também se mantiveram no cargo por um longo tempo e o exerceram de forma digna e eficiente.

Recordo, a seguir, alguns fatos pitorescos, por mim testemunhados ou conhecidos por informação de terceiros:

- a) na década de 40, alguns desembargadores (CARLOS AUGUSTO, FÉLIX BEZERRA, SEABRA FAGUNDES e possivelmente outros, cujos nomes não me ocorrem no momento) costumavam, após as sessões do Tribunal, descer a pé para a Ribeira, às vezes com a companhia de advogados, para “bater um papo” em frente à Livraria “Cosmopolita”, de Fortunato Aranha, em duas dessas ocasiões, em que me achava presente, Dr. SEABRA fez duas observações de espírito: uma, a propósito de nota oficial do Interventor no Estado, General Orestes da Rocha Lima, dirigido às “pessoas físicas, jurídicas e cívicas” (sem grifo no original), dizendo o Desembargador “Pessoas físicas e jurídicas todos nós conhecemos, mas, quanto às cívicas, eu só conheço no Estado o Professor Luiz Soares” (aludia à devoção deste ao Escotismo), a outra, quanto a medida do Governador José Varela, suspendendo a circulação do jornal “A República”, por haver

- publicado um soneto ofensivo ao Governador da Bahia, Otávio Mangabeira (dizendo-se, à época, que aquele não teria tido força política para afastar o diretor), assim comentada pelo saudoso magistrado: “É a primeira vez que vejo aplicar-se pena disciplinar a uma coisa”;
- b) contava o Desembargador TÚLIO BEZERRA DE MELO que, quando Juiz da Comarca de Açú, ao substituir o Juiz Francisco Leite, de Angicos, deparara-se com uma sentença condenatória criminal que assim concluía: “expeça-se mandado de prisão contra o réu, se por aí não dever continuar solto”;
- c) no julgamento de mandado de segurança contra a suspensão, pela Assembléia Legislativa, do Governador José Varella (mantido no cargo pelo Tribunal, diga-se logo), lotado no recinto por advogados e políticos, houve demorados debates entre os julgadores na apreciação de várias preliminares e questões de ordem, o que motivou o seguinte comentário do Gerente da Companhia Força e Luz, advogado Guimarães Pinheiro, colocado entre mim e PAULO DE VIVEIROS, advogado da empresa: “Meus caros colegas, dessa confusão toda eu só tenho medo de uma coisa: vão acabar responsabilizando a companhia” (esclareça-se que, a esse tempo, os Tribunais impunham as concessionárias americanas repetidas condenações, em ações de responsabilidade civil, estendendo-lhes a regra da culpa presumida estabelecida pelo Decreto Legislativo nº 2.681, de 07 de dezembro de 1912 em relação às estadas de ferro);
- d) era Presidente do Tribunal o Desembargador ANTÔNIO SOARES, conhecido por sua calma, paciência e fina educação, quando o procurou em seu gabinete uma senhora que, há alguns dias, era vista nos corredores falando só, em voz alta, e dizendo impropérios contra certo advogado de comarca do interior, o Desembargador recebeu-a, delicadamente, mas, surpreendido com as expressões, nada amáveis, que ela foi logo proferindo contra o advogado, apressou-se em dizer-lhe, com a calma habitual: “Minha senhora, diga ao menos *data venia*”;
- e) em uma sessão solene do Tribunal, para ouvir uma conferência do jurista conterrâneo OTACÍLIO ALECRIM, o protocolo incorreu em duas falhas que causaram vexame primeiro, deixou de ser convidado para a mesa da Presidência o Desembargador RÉGULO TINOCO, então Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, que abandonou ruidosamente o

- recinto, em sinal de protesto, jogando a toga sobre a cadeira; segundo, introduzido o conferencista no plenário, por uma comissão de Desembargadores, verificou-se para a cadeira vaga do Desembargador RÉGULO TINOCO, sendo, porém, interceptado às pressas por um dos membros da comissão, decidiu-se, então, remover do seu lugar o Procurador-Geral ANSELMO CORTEZ, para que o ocupasse o conferencista;
- f) nas comemorações ao centenário de RUI BARBOSA, outro conterrâneo ilustre, JOAQUIM MANOEL DE CARVALHO SANTOS, autor da mais importante obra sobre o Código Civil, fez uma conferência, a convite do Tribunal, mas se excedeu no tempo gasto para rever a vida e a obra do grande jurista, chegando, inclusive, a ler poemas que ele escrevera na mocidade (e pelos quais, certamente, não desejaria ser lembrado); o resultado foi que um sono irresistível contagiou muita gente, alguns roncos chegando a ser ouvidos à distância.

Natal - maio de 1994

III

Nossos Poetas

CHARLES CHAPLIN A VIDA, SUAS INTRIGAS

Diógenes da Cunha Lima

Vivendo de sombra e luz,
Ácido lírico e claridades,
Alienado e lúcido a um só tempo,
Grande nas insignificâncias,
Fazes da fantasia medida
Do nosso pobre banquete de lágrimas,
A ilusão da arte da ilusão.
Grand Seigneur, o teu sapato cozido
Em fogo brando é deleite,
Degustável espaguete
De quentes enfiadores umedecidos,
Oh! sugador do tutano dos pregos.
Louvo a tua crônica solidão,
Real poeta submergindo em sonho,
Aventureiro de raízes, marginal,
Oh! Ladrão de chupetas das crianças.
Construístes a tua flor, tua ternura,
De fingida ironia
E bem tratas na surpresa
A mulher, teu plenilúnio.
O bigode cedo acaba, a bengala ética,
Na cabeça o chapéu-coco
A torna amável antiga
Expressão do corpo,
A resposta ao futuro
Reação manhã
Do homem do povo
Contra a vida instituída
E suas múltiplas intrigas.

DOIS POEMAS DE LUIZ RABELO

PARA SEMPRE

Luiz Rabelo

Dentro de mim
onde o meu coração
transborda como um lago
e sofre a tua ausência
esperarei por ti.

Mesmo que explodam os diques
da noite
e se diluam
as luzes
das estrelas.

Mesmo que o sono cresça
que surja a morte
e em mim floresça
a sua treva.

Mesmo que o teu silêncio
jamais seja
interrompido
desprendido
do seu mistério
de chama neutra
vácuo inútil
pássaro morto

Até o derradeiro tempo.

Para sempre.

POEMA SIMPLES PARA UM DIA AZUL NOS TEUS OLHOS

Luiz Rabelo

Um dia te encontrei e eras como a palmeira jovem erguida
numa praia.
Caminhavas com passos lentos.
De repente ficaste imóvel e tangível como um pássaro
vulnerável.
Um instante acendeste e ondeaste ao meu desejo como o
trigo maduro para a ceifa.
Um doce luar nasceu de dentro dos teus olhos.
Um luar frágil e terno como um barco levando pelo vento
E ninguém viu quando fui barqueiro solitário
Naquele dia azul nos teus olhos.
Quando fui como o mar profundo
e minhas ondas subiram tuas dunas de prata
tuas areias molhados de sol
tuas asas de gaivota ferida
tuas conchas abertas para o grito.

TRÊS BALADAS DE GILBERTO AVELINO

BALADA - A NÍVEL DE PRECE

Gilberto Avelino

Conduze no olhar a seiva
da ternura. Com o brando olhar
a paisagem fita, como se a última paisagem
estivesse olhando.

Não sentes, fraterno amigo,
que se tem no adeus
a mais simples e bela
forma de purificação?

Os pontos cardeais -
por onde, sob fortes ventos,
a mente circunvaga,
balizam as estações da vida.

Dá, contudo, ao olhar
a serenidade da esfinge,
ou no arrebatamento
confere-lhe a humildade.

Ante a face de Deus
hás de reacendê-lo,
se fores capaz de governar
o teu olhar assim.

BALADA PARA A VOZ E AS SOMBRAS

Gilberto Avelino

No silêncio da praça abandonada,
já transmudada em escuras ruínas,
entre ainda vicejantes verdes musgos,
vinha chegando a branda voz antiga.
O espaço ocupava em ressonâncias.
E a sua leveza projetava as sombras,
e elas rosas noturnas acendiam.
O domínio havia da voz antiga.
Amplamente se espalhavam as sombras.
E as neblinas construíam partituras
com que a voz a madrugada saudaria.
As leves sombras a morte desafiavam.
Com a clara madrugada chegando,
vai elevando-se a branda voz antiga.

BALADA AO HOMEM DO CAMPO

Gilberto Avelino

A enxada
ao ombro
leva,
e vai
adentrando-se na mata,
de onde se acende ainda
o cheiro
das queimadas.

O sol
eleva-se
e amorna-lhe
a morena pele.

Os pés - indomáveis
arados,
vencem os troncos,
espinhos,
ramas
e as areias.

- Areias guardando
fundas marcas - em círculos
vigorosos,
de preás,
tatus
e de raposas
nos cios.

Os olhos - lavados
das manhãs,
alongam-se sobre as vazantes,
onde em viço
esplendem o milho,
feijão, os jerimuns,
batatas e as melancias,
e luzem melões amarelos.

Deliciam-se o homem
e o fruto,
ante o chão que se incandesce.

O alimento
à sombra das oiticicas,

enquanto a tarde
faz o aboio dos ventos,
trazendo
o cheiro
em floração
de juremas e velames.

Gira
a enxada,
que canta nas areias,
levando
a seiva
às plantas que amadurecem.

A volta
ao descansar da tarde.
A casa.
Acercam o homem
a alegria e o sono.

TRÊS POEMAS DE LUÍS CARLOS GUIMARÃES**POEMA DE MAR E DISTÂNCIA****Luís Carlos Guimarães**

A janela aberta me oferece o mar.
No azul da paisagem nuvem e mar
são castigados pelo vento da tarde.

Na praia branca a mulher arde
sua epiderme ao sol de Setembro,
calma, o olhar perdido no horizonte,
as mãos cavando na areia uma fonte
de sal. O pranto que relembro
fluir dos seus olhos distantes
(quando eu a amava sem presságios
de solidão, desamor, desesperança)
o tempo agora devolve e me cansa
vê-lo amargo, cúmplice de errantes
veleiros esquivos e naufrágios.

TRÊS POEMAS DE LUÍS CARLOS GUIMARÃES**POEMA DE MAR E DISTÂNCIA****Luís Carlos Guimarães**

A janela aberta me oferece o mar.
No azul da paisagem nuvem e mar
são castigados pelo vento da tarde.

Na praia branca a mulher arde
sua epiderme ao sol de Setembro,
calma, o olhar perdido no horizonte,
as mãos cavando na areia uma fonte
de sal. O pranto que relembro
fluir dos seus olhos distantes
(quando eu a amava sem presságios
de solidão, desamor, desesperança)
o tempo agora devolve e me cansa
vê-lo amargo, cúmplice de errantes
veleiros esquivos e naufrágios.

POEMA LÍRICO

Luís Carlos Guimarães

A moça na janela sonha,
os olhos debruçados na tarde,
azuis. Centro, a moça sonha
morrer sonhando, pois arde
em seu rosto uma paz antiga,
uma tristeza de anjo exilado.

A mão no coração pacificado
afoga desesperança, cantiga
de solidão, brisa nos cabelos,
amores defuntos, o encanto
da primeira valsa, luar pelos
pavimentos, a rotina de sonhar,
enquanto as fontes do pranto
deságuam em remansos no olhar.

HERANÇA

Luís Carlos Guimarães

Do pouco ou nada em peixe e pão
Ele saciou a fome da multidão:

sem diminuir a ração de cada um
dividida entre todos, a nenhum

faltou comida tirada da cesta
quase vazia: momento de festa

em que se manifestou o milagre
e tudo o mais que o consagre:

boa nova no horizonte, sua herança:
soma a multiplicação da esperança.

IV

Necrológios

NECROLÓGIO DE OSWALDO CÂMARA DE SOUZA

Por Olavo de Medeiros Filho

Aqueles que privaram com OSWALDO DE SOUZA, receberam as mais largas demonstrações de amizade e carinho, da parte do saudoso Acadêmico. Oswaldo era um homem que cultivava, com grande dedicação, as amizades que selecionava através dos anos. Ele apreciava as cousas boas e simples da existência. Promovia prolongados saráus em sua residência, ocasiões em que eram consumidas finas bebidas e requintadas comidas (Oswaldo era um refinado **gourmet**). Gostava ele também de fumar nos seus inseparáveis cachimbos. Temperamento alegre, otimista, comunicativo, Oswaldo de Souza sabia transmitir aos interlocutores a mais irrestrita confiança, qualidade que lhe foi sempre muito útil quando tratava com pessoas humildes, por ele abordadas em suas pesquisas folclóricas. De trato ameno, Oswaldo também sabia ser enérgico, quando necessário. Viveu um matrimônio feliz, ao lado de d. Maria de Lourdes Friedrich de França, que lhe sobreviveu por alguns meses. Não houve filhos do casal.

A vida pública de Oswaldo de Souza prendeu-se a duas vertentes distintas, que se harmonizavam entre si: a Arte Musical e a Museologia. A seguir, farei um esboço biográfico de Oswaldo Câmara de Souza, incumbência que recebi dos companheiros da nossa Academia de Letras:

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Oswaldo, o terceiro filho do casal Cícero Franklin de Melo e Souza e d. Dionísia Câmara de Souza, nasceu em Natal, na rua das Laranjeiras, a 1º de abril de 1904. Seus avós paternos foram: Antônio José de Melo e Souza e d. Maria Emília de Melo e Souza, senhores do engenho Capió, localizado no município de Papari (hoje, Nísia Floresta RN). Dona Dionísia pertencia à família Raposo da Câmara, radicada no Rio Grande do Norte desde o início do século XVIII e vinda da ilha de São Miguel do arquipélago dos Açores. A família Câmara forneceu uma vasta contribuição à vida política, econômica e intelectual do Estado.

Cícero Franklin era funcionário do Tesouro do Estado, residindo, em 1912, na avenida Rio Branco, no local hoje ocupado pelo edifício Barão do Rio Branco. Nas proximidades dali, funcionava a escola particular de primeiras letras, da professora Amália Benevides, com quem Oswaldo de Souza estudou até os dez anos de idade.

Dona Dionísia também se dedicou à educação artístico-musical do filho Oswaldo, ministrando-lhe as primeiras lições de piano. Depois, o promissor estudante recebeu aulas de piano das professoras Ana Maria Cicco e Cristina Roselli e, posteriormente, foi aluno de Teoria Musical e Harmonia, do maestro italiano Luigi Maria Smido.

Em 1914, a família transferiu-se para a cidade de Areia Branca, neste Estado, importante porto salineiro onde Cícero Franklin exerceu o cargo de Administrador da Mesa de Rendas, por quatro anos, coincidentes com a duração da Primeira Guerra Mundial. Ali, o jovem Oswaldo de Souza recebeu aulas do dr. Francisco Sales, que era o Juiz de Direito da Comarca.

Em 1916, Oswaldo foi interno no Colégio Diocesano Santo Antônio, em Natal, que funcionava na Igreja de Santo Antônio, na rua do mesmo nome. Com o regresso dos pais a Natal, em 1918, Oswaldo passou à condição de aluno externo do referido colégio, onde permaneceu até o ano de 1920. Seguiu então para o Recife, interno no Colégio Americano Batista durante os anos de 1920-21. E 1922, Oswaldo enfrentou os exames preparatórios, no nosso tradicional Atheneu Norte-Rio-Grandense, aprovado pela banca examinadora, o que o colocava em condições de submeter-se ao vestibular universitário.

Em 1919, o pai de Oswaldo construía, em Natal, uma moderna e confortável residência, no bairro de Petrópolis, esquina das atuais avenida Prudente de Moraes e rua Potengi, no mesmo local hoje ocupado pelo “Flat Potengi”.

Finalmente, em 1924, Oswaldo de Souza foi aprovado no vestibular da tradicional Faculdade de Direito do Recife, cumprindo assim o sonho dos pais, que pretendiam que o jovem filho tivesse um glorioso futuro, seguindo as pegadas de um ilustre tio, o dr. Antônio José de Melo e Souza, advogado, político, governador do Estado (1907-1908 e 1920-1924), senador, romancista consagrado, que sob o pseudônimo de Polycarpo Feitosa, escreveu os livros “Flor do Sertão” e “Gizinha”, que o consagraram no mundo das Letras...

OSWALDO DE SOUZA: A VITÓRIA DE UMA VOCAÇÃO MUSICAL

Em março de 1924, Oswaldo de Souza encetou os seus estudos jurídicos no Recife, transferindo-se no ano seguinte para o Rio de Janeiro, onde continuou o curso iniciado em Pernambuco. Em 1926, foi aprovado no vestibular do Instituto Nacional de Música. Em 1928, Oswaldo abandonou o curso jurídico, por ter constatado a sua absoluta falta de vocação para tal atividade. Pode-se bem avaliar a decep-

ção causada aos seus familiares, ao verem o seu promissor rebento desistir de um diploma de bacharel em direito, já tão próximo de ser obtido...

Fiel à sua manifesta vocação, Oswaldo de Souza continuou apenas no Instituto Nacional de Música, onde concluiu o curso em 1932. No Instituto, fora ele aluno dos professores Luís Amabile (piano), Lorenzo Fernandez e Arnaud Gouveia (Teoria Musical e Harmonia).

Desde 1927, Oswaldo de Souza lecionava aulas de piano. Depois de formado, apresentava-se em recitais. Depois, voltou-se apenas para a composição musical, dedicando-se ao processo musical-folclórico. O escritor UMBERTO PEREGRINO, ao focalizar o trabalho musical desenvolvido por Oswaldo de Souza, menciona o fato de que “Difusoras de rádio em São Paulo e Rio divulgaram seu trabalho criativo em torno da música brasileira. Fez época, na Rádio e TV Record de São Paulo (1956) o programa “RETRATO MUSICAL DO BRASIL”, consagrado a temas folclóricos”.

No 2º semestre de 1948, Oswaldo chegava à Bahia, onde permaneceria por três anos e 5 meses, realizando um trabalho de pesquisa musical, no médio-São Francisco, preparando então o livro MÚSICA FOLCLÓRICA DO MÉDIO-SÃO FRANCISCO, que apresenta mais de 500 documentos musicais recolhidos por aquele pesquisador norte-rio-grandense.

O escritor VERÍSSIMO DE MELO, em seu livro PATRONOS E ACADÊMICOS (vol. II), sintetiza as atividades musicais desenvolvidas por Oswaldo de Souza:

“OSWALDO DE SOUZA é nome nacional, respeitado e aplaudido como finíssimo compositor, aproveitando e divulgando excelentemente os motivos mais sugestivos do nosso folclore musical.

Formando ao lado de Vila Lobos, na corrente nacionalista da nossa música, Oswaldo de Souza compreendeu cedo que só existe um caminho legítimo para a sua renovação e projeção: a estilização dos temas tradicionais, que recebemos das fontes européias e africanas e aqui aculturadas pelo nosso gênio caboclo. Esta é a sua seara principal, seu campo de trabalho e pesquisa laborioso e inteligente, mas sobretudo valorizador do patrimônio precioso e rico da nossa música.

Nesse sentido, sua contribuição é uma das mais destacadas da atualidade, o que se confirma pela inclusão, quase obrigatória, de suas composições nos concertos e audições de belcanto, por todo o país. No estrangeiro, igualmente, tem sido consagradora a aceitação de sua música, como já se verificou,

por exemplo, com a interpretação de "ARUANDA", por Wanja Orico, em Moscou; "JURUPANÃ", por Madeleine Grey, em Paris; "PINGO D'ÁGUA", pelo barítono francês Gerar Souzay e outras páginas pelo baixo Bruno Wysui, cantor polonês, nos seus concertos internacionais".

OSWALDO DE SOUZA - O CONSERVADOR DE MUSEUS DO SPHAN

Em 1914, Oswaldo de Souza ingressou como servidor do SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, contratado para o cargo de zelador do Convento e Igreja dos Jesuítas, na vila do Embu, em São Paulo. Por essa época, já se transferira ele do Rio de Janeiro, para São Paulo. Tratava-se de uma construção religiosa do século XVII, pertencente à Cúria Metropolitana de São Paulo. No imóvel, Oswaldo instalou, por iniciativa própria, um museu de Arte Sacra, ali permanecendo nos anos de 1941 a 44. No ano seguinte, conhecia ele a srta. Maria de Lourdes Friedrich de França, com quem contrairia núpcias em 1952.

Sempre vinculado ao SPHAN, Oswaldo orientou a restauração da fazenda Santo Antônio, localizada em São Roque-SP, no decorrer do ano de 1951. Em meados de 1957, foi Oswaldo convocado para instalar um museu no Sítio do Padre Inácio, em Cotia-SP, onde permaneceu por vinte meses. Infelizmente o museu não chegou a ser instalado, por falta de verbas...

Retornando ao Rio de Janeiro, Oswaldo de Souza recebeu, em 1961, o convite que lhe foi formulado pelo então governador do Rio Grande do Norte, Aluísio Alves, para fazer um trabalho de inventário e tombamento dos bens históricos e artísticos do Estado. Chegou ele ao Rio Grande do Norte, na qualidade de Representante do SPHAN, aqui desenvolvendo um profícuo trabalho, pioneiro entre nós.

Os resultados da dinâmica atuação de Oswaldo de Souza acham-se retratados no seu livro ACERVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE, editado em 1981 pela Fundação José Augusto.

Deve-se a Oswaldo de Souza a transferência do Marco de Touros, hoje recolhido à Fortaleza dos Reis Magos; o tombamento e restauração da aludida Fortaleza; o tombamento e restauração da Casa da Câmara e Cadeia de Vila Flor; idênticas providências, com relação à Cadeia de Acari, ao Sobradinho da Rua da Conceição em Natal, à Casa-Grande do engenho Ferreiro Torto, em Macaíba, ao Palácio Potengi, em Natal; o tombamento da Capela do Engenho Cunhaú; o tombamento e restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário,

em Acari; idênticas providências, com relação à Igreja de S. Gonçalo do Amarante; tombamento do Cemitério de Arez. Oswaldo de Souza também levantou o perfil do material iconográfico do Rio Grande do Norte. Examinou as inscrições rupestres existentes no interior do Estado, notadamente no Seridó. Em 1968, Oswaldo de Souza foi nomeado Membro do Conselho Estadual de Cultura. Em 1970, aposentou-se ele do SPHAN. Nomeado Diretor do Museu de História da Fundação José Augusto, nele permanecendo nos anos de 1971 a 74.

Através das andanças pelo País, Oswaldo de Souza foi formando uma valiosa coleção de objetos de arte sacra e popular, com o total de 900 peças. A coleção foi adquirida pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1978, hoje fazendo parte do acervo do Museu Câmara Cascudo.

RECONHECIMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE A OSWALDO DE SOUZA

No dia 28 de dezembro de 1964, Oswaldo de Souza recebia o diploma de Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, na ocasião em que aquela entidade comemorava o 66º aniversário do Mestre Luís da Câmara Cascudo, um grande e fraternal amigo de Oswaldo.

A culminação da vida intelectual de Oswaldo de Souza verificou-se com a sua posse, ocorrida no dia 22 de outubro de 1968, na Cadeira nº 25 da ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, cujo Patrono é Tonheca Dantas (Antônio Pedro Tonheca Dantas), renomado autor de valsas, dobrados, xotes e maxixes. Tonheca pertenceu ao quadro de músicos da nossa Polícia Militar.

A saudação ao novo "imortal" coube ao Escritor Luís da Câmara Cascudo.

Na tarde de 20 de fevereiro de 1995, deixava o nosso convívio o Acadêmico OSWALDO CÂMARA DE SOUZA, vitimado por um choque séptico associado a uma pneumonia, que lhe foram fatais. O corpo do pranteado professor foi levado de sua residência (Rua do Motor, nº 93 - Praia do Meio, nesta Capital) para a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, tendo sido velado por intelectuais, amigos e admiradores. O sepultamento ocorreu no Cemitério do Alecrim, no dia seguinte ao do falecimento.

O mais completo trabalho, incidente sobre a pessoa de Oswaldo, corresponde ao livro OSWALDO DE SOUZA, O CANTO DO NORDESTE, de autoria do escritor CLÁUDIO AUGUSTO PINTO GALVÃO, que aborda principalmente a carreira musical do homenageado. Cláudio foi o biógrafo definitivo de Oswaldo de Souza.

Concluindo este breve necrológio de Oswaldo de Souza, agradeço a incumbência que me foi transmitida pelos confrades da Academia, apresentando-lhes o meu Muito Obrigado.

Natal, 29-10-96

PANEGÍRICO A OTTO GUERRA

Jurandir Navarro

Fui incumbido pela Presidência desta Academia de Letras para fazer o panegírico da figura ímpar e magnânima do Professor OTTO DE BRITO GUERRA, membro dos mais ilustres desta Instituição Cultural.

Honrou-me a incumbência e respeitosamente me reverencio à memória de personalidades tão insigne.

Há uma hierarquia nas idealizações criadas por Deus. O filósofo Aristóteles chamava a atenção para a seqüência, uma relação de valores: éticos, morais e intelectuais.

Na sociedade natalense Otto Guerra estava situado no vértice dessa pirâmide pelas suas qualidades cardinais da sua mente e do seu espírito.

Em 1950 recebeu de Pio XII a Comenda de Canoleiro da Ordem de São Gregório Magno. Foi também legislador.

O homenageado de hoje foi uma figura humana por excelência. Nele gravitavam os eflúvios de uma alma voltada para o Bem. Foi um dos raros em ter absorvido na íntegra a formação religiosa ministrada em Família e na Escola, por haver madrugado no seu espírito o fascínio pelos mistérios sagrados.

A Religião foi a sua meta existencial. Dela foi discípulo fiel até a morte. Qual escada do sonho de Jacó, ele começou a subir os seus primeiros degraus com os anjos na Congregação Mariana de Moços, conduzido ali pela mão amiga de Ulisses de Góes, à época entusiasta líder católico.

Na Congregação encontrou o ambiente cálido cristão, que animava a juventude daquele tempo, nas polêmicas com a Maçonaria, o Protestantismo e a luta aberta contra a hidra do Comunismo ateu. Era o tempo da Igreja Apologética que brandia a sua espada de fogo da dialética contra a heresia impenitente. Foi nesse ambiente de vibrante exaltação cívico-religiosa, que o jovem Otto nutriu amizade duradoura com outros moços da sua idade: Custódio Toscano, Aluizio Alves, Nilo Pereira, Afonso Bezerra, Ulisses de Góes, Seabra Fagundes e o Padre Luiz Monte.

Foi nessa escola de formação moral que Otto Guerra aperfeiçoou o espírito de cidadão probo, reto, responsável e honrado. A Congregação Mariana tinha o seu lema vibrante que ainda perdura: Orar e Agir. Com a força da Oração e o desempenho de uma Ação inteligente, essa plêiade de jovens revolucionou a sociedade natalense, com a criação de jornais, **A Palavra**, **Diário de Natal** e **A Ordem**,

em períodos alternativos, de 1919 a 1965. Assim como a criação da Escola de Comércio, da Caixa Rural e Operária, de Cooperativas e de Sindicatos Contábeis, nascedouro de múltiplas atividades sócio-econômicas, ao mesmo tempo favorecendo a disseminação de empregos e a instrução e educação, de sucessivas gerações, agradecidas ao milagre dessa primavera que cantava o seu canto de ressurreição, qual larva palpitante pressentindo a chegada da borboleta...

Seduzido pela fé que ardia no peito, integrou-se cada vez mais nas atividades da Igreja. Preparado espiritual e intelectualmente, desde cedo conquistou a confiança dos Prelados que o viam versado na doutrina e hermeneuta dos textos bíblicos. Com o chamamento universal do então Pontífice Pio XI, para os leigos atuarem no Apostolado da Ação Católica, a sua participação tornou-se mais eficaz.

Com o passar do tempo ficou bem delineada a doação pessoal dos dois principais líderes do laicato católico: Otto Guerra e Ulisses de Góes. Ulisses, no campo prático das realizações materiais. Otto, na parte doutrinária, de exegese e jurídica. Eles, ao lado dos Padres Miguelinho, João Maria e Luiz Monte, Monsenhor Expedito Medeiros e o Cardeal Eugênio Sales, foram as figuras lendárias da Catolicidade do Rio Grande do Norte.

O magistério foi outra alternativa na vida desse grande riograndense. Moço ainda já ministrava aulas no Curso Médio. Depois, com a criação das Escolas de nível superior, foi docente da Faculdade de Direito, sendo por longo período o seu Diretor. Em reconhecimento ao seu valor, os colegiados superiores o guindaram ao cargo de Vice-Reitor da Universidade. Antes de lecionar a disciplina Direito Civil, ensinou Sociologia Rural e Doutrina Social da igreja, na Escola de Serviço Social. Recebeu a consagração da docência pública quando foi alçado a Professor Emérito, homenagem que a Universidade presta aos professores que deram seu contributo valioso à Instituição.

Otto Guerra exerceu um jornalismo não só de informação, as suas colunas pelos jornais tinham um conteúdo pedagógico e científico. Na imprensa natalense ele escreveu muito. No jornal **A Ordem** colaborou durante o período de 1935 a 1965, trinta anos. Antes escrevera no **Diário de Natal**, da Diocese, alguns artigos esparsos. Na **Tribuna do Norte**, de 1981-90; no **Poty**, 1989; Revista RN Econômico, na década de 1970. Ainda acadêmico de direito escreveu sobre Ruralismo no jornal **Fronteiras**; e Política Familiar, no periódico **Ação Universitária Católica**, ambos do Recife.

Na imprensa natalense durante os períodos acima assinalados, dentre outros escreveu sobre: a seca, o êxodo rural, a ação católica rural, a demografia rural, culturas agrícolas, os vales úmidos, problemas sociais, ruralismo, problemas da pesca, açudagem, cooperati-

vismo, migrações internas, poços e barragens, educação rural, o algodão, açudes, verminose, reideiros e meeiros, crédito agrícola, mortalidade, a questão social, erosão, couros, missões rurais, irrigação, a igreja e o mundo rural, hidrografia, o polígono das secas, arrendamento e parceria, sindicalismo, salário mínimo, círculo operário, porto de Mossoró, indústrias rurais e caseiras, sociologia rural e tantos outros. Esta relação foi tirada do livro "Uma Visão do Semi-Árido" - 55 anos de produção, dos autores Rildecil Medeiros, Terezinha de Queiroz Aranha e Cláudio Augusto Pinto Galvão.

Daí se pode averiguar a sua permanente preocupação com o homem rural. Aplicando a doutrina social da Igreja ele almejava erguer o homem do campo através da Religião, que eleva o espírito e enobrece o coração e pela Educação, que o prepara para a vida.

O seu magistério, ora da cátedra, ora da imprensa, era voltado para a solução dos problemas sociais.

Interessado pelo Social, fatalmente seria seduzido pela Política, como aludiu em substância o Professor Cláudio Galvão, autoridade incontestada da Biografia do ora homenageado. Daí ter participado do Integralismo, filiando-se ao Partido do intelectual Plínio Salgado, agremiação política dissolvida no Brasil com o advento do Estado Novo, de Vargas. Nesse partido participou ao lado de alguns conterrâneos como Manoel Rodrigues de Melo, Luiz Veiga, Genésio Gomes, Luiz da Câmara Cascudo, Walfredo Gurgel, Travassos Sarinho e outros.

Em 1958, se me não engano, candidatou-se ao Senado da República, obtendo em Natal expressiva votação, que quase o elegeu.

Foi Otto Guerra um dos fundadores da Escola de Serviço Social com o então Padre Nivaldo Monte e Aluizio Alves.

No dia do seu nascimento, 01 de julho, a Igreja celebra a festa de São Bernardino Realino, que por coincidência foi também formado em direito. E como Otto, dedicou-se também aos misteres da Religião, à pregação e direção espiritual dos fiéis. Fora São Bernardino advogado operoso, advogando outrossim a causa divina junto aos necessitados.

No dia 16 de março, dia da sua morte, na página destinada à Santa Luísa de Marillac, santa desse dia, há escrito: "Conta uma lenda oriental: dois irmãos queriam construir um monumento que imortalizasse o seu nome através dos séculos. Omar levantou um alto obelisco e nele esculpiu sua imagem e o seu nome, deixando-o no deserto a desafiar os ventos e as tempestades. Aneed, ao contrário, cavou um poço, e plantou palmeiras em volta, para que, nas ardências do estio, os peregrinos encontrassem sombra acolhedora para o seu cansaço, água fresca e tâmaras para matarem a sede e a fome".

O gesto de Aneed se aplica a Otto Guerra que plantou na sua sociedade a semente dadivosa do trabalho, do bem e da virtude.

Como escritor, Otto Guerra publicou alguns livros e outros trabalhos inéditos. Eis os publicados:

A Batalha das Secas, 1950; Divórcio e Reajustamento Familiar, 1983; Tragédia e Epopéia do Nordeste, 1983; Pequenos Aspectos de Política Social e Econômica do Nordeste, 1989; Vida e Morte do Nordeste, 1989; O Problema da Ordem Jurídica e Social do Nordeste, 1989.

Toda essa produção versa sobre a sociologia da região nordestina brasileira. Nela é estudada a situação do homem e da terra, pondo em alto relevo a vida infra-humana daquela sociedade atrasada pela incúria dos responsáveis.

Entretanto, o Professor Otto Guerra não se preocupou somente nos seus estudos com a problemática sociológica do seu Estado. Intelectual que era, pois pertenceu a esta Academia de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico e ao Conselho Estadual de Cultura, além de ter pertencido ao corpo docente da nossa Universidade Federal, e ter sido, ainda, advogado militante, não havia razão para tal limitação.

Daí ter tido outras preocupações intelectuais. A Biblioteca que deixou é uma das melhores do Estado. Toda ela de obras escolhidas.

Na qualidade de religioso militante, pertencente a órgãos da Igreja Católica, foi ele um leitor assíduo dos documentos pontifícios e dos bons livros em geral. O seu espírito oxigenado na atmosfera cristã repugnava a leitura vã e perniciosa. A boa leitura era o seu deleite. Como Sertillanges, advertia à mocidade contra a má leitura que entorpece a alma.

A propósito, sobre a leitura intoxicante, exibo um breve trecho de Victor Hugo, a respeito:

“... Cheio desses cantos vergonhosos, tédio da memória, um velho livro se encontra neste velho armário, esquecido por algum vil transeunte nessa sombra. Romance do último século, obra de ignomínia. Toma cuidado, criança, coração terno que ainda não sofreu! Voltaire, a serpente, a dúvida, a ironia, Voltaire está num canto do teu quarto bendito... Oh! treme! Este sofista bem remexeu os lodaçais! Oh! treme! Este falso sábio desencaminhou muitos anjos! Alerta! Se tua casta mão abrir este livro infame, sentirás depressa Deus morrer em tua alma; não dormirás mais, e teu espírito, tombando no oceano dos sonhos, irá arrancado, como erva dos areais do prazer ao opróbrio, e da certeza à insegurança.”

O mal conduz ao mal. Abismo atrai abismo.

Livros bons, livros ótimos, livros eternos ensinam verdades eternas, disse Riboulet. Shopenhauer dizia só consultar a leitura dos espíritos geniais. E Racine, por duas vezes mergulhou na fonte bíblica e de lá colheu duas pérolas: **Esther** e **Athalie**.

Os bons livros, nunca é demais repetir, elevam o espírito. Os maus livros o envilece.

Era Otto Guerra um homem de simplicidade encantadora. Simples e comedido. Media as palavras. Possuía o áureo equilíbrio do homem superior. Sempre afável e descontraído. Porém, reflexivo, resultado de suas meditações. Isento de vaidades. Nele não havia arroubos no falar nem no escrever. O estilo literário era sóbrio, singelo, seco e claro, estilo de advogado.

O semblante o mesmo para toda ocasião, destituído de pose fotográfica. Era o espelho da sua grande alma. Parecia dizer com Cromwell, dirigindo-se ao seu pintor Copper: "Pintai-me tal qual sou, com minhas verrugas".

Lembrava o conselho de Da Vinci dado a um jovem pintor: "reproduza as coisas da Natureza. Quem pode ir à fonte não vai ao cântaro"

O Doutor Otto por temperamento era um homem recolhido. E só o recolhimento silencioso concretizava o seu devaneio intelectual. É o recolhimento a fonte dos grandes pensamentos. Para Carlyle a palavra faz parte do tempo e o silêncio da eternidade. Gabriel d'Anunzio não falava do "canto sem voz" do Silêncio, inspiração de tantos gênios?

Otto Guerra faleceu já octagenário. Mas a sua vida foi utilíssima. Longa mas sem ter algum lapso de tempo dispersivo. Todos esses anos ele a ocupou beneficentemente. Não dissipou o tempo com banalidades. Todo ele foi empregado para o bem da sua nobre alma e da humanidade. Na expressão de Malebranche, ele ganhou com o suor da frente o pão da alma.

O ato de um homem reflete na sociedade. É o comportamento da solidariedade exposto pelo psicólogo Lahr. Até o pensamento tem a sua influência. Daí a força da oração. Se ela fosse inócua quem perderia tempo em rezar?

O trabalho de Otto Guerra foi salutar para a coletividade que ele serviu: como advogado, como professor, como jornalista, como escritor, como conferencista, como pai, como amigo e como pregador da doutrina de Jesus.

A força benéfica que a todos transmitiu continua latente e viva nos seus conselhos, nos seus escritos e na sua palavra que ecoa, palavra alada nos nossos ouvidos. Pois o justo refulge como a estrela, dizem as Escrituras.

Otto de Brito Guerra, como os grandes homens, deixou-nos um desafio:

Quem o imitará?

Natal, 29 de novembro de 1996

v

Novos Acadêmicos

DISCURSO DE POSSE DE

Sylvio Piza Pedroza

Senhores Acadêmicos:

É a terceira vez que compareço, em caráter solene, à vossa presença. A primeira, em 1956, às vésperas de deixar o Governo, quando quisestes testemunhar apreço ao conterrâneo, que administrando o Estado havia cumprido seu dever apoiando a cultura potiguar. Vosso intérprete foi Otto Guerra, e recebi na ocasião, o título de sócio honorário.

A segunda, foi em 1984, por ocasião do lançamento do livro "Pensamento e Ação", editado pela Fundação José Augusto, que retrata minha vida política. Falou em vosso nome o meu querido amigo Veríssimo de Mello. Agora, mercê de vossa generosidade, vim para ficar. Para integrar-me de vez no convívio dos mais altos expoentes da inteligência do Rio Grande do Norte, guardiões e continuadores do imenso patrimônio de cultura, de que se orgulha a nossa terra. Esta, como dizia Machado de Assis, é a glória que fica, eleva e consola. Em momento que deveria ser apenas de alegria, não posso deixar, no entanto, de registrar a tristeza da perda, em poucos meses, de companheiros que tanto contribuíram em vida para o brilho da Academia.

Os falecimentos de Manoel Rodrigues de Mello, Américo de Oliveira Costa, Otto Guerra, Antonio Soares e, o mais moço de todos, Veríssimo de Mello, foram rudes golpes, que temos de assimilar pois nenhum de nós tem o direito de não prosseguir nos caminhos a nós traçados pelo destino. Curvemo-nos, portanto, ante os misteriosos desígnios da fatalidade, que abateram estes gigantes da cultura potiguar, cujo pensamento e inteligência tantas vezes ilustraram este recinto. Resta-nos permanecer fiéis ao culto e à memória destes amigos queridos, que se foram. Assim o faremos.

O PATRONO

Cumprindo o protocolo, devo falar sobre o patrono da cadeira número 1, que tenho a honra de ocupar. Miguel Joaquim de Almeida e Castro - Padre Miguelinho - protagonista de um dos momentos mais importantes nas lutas pela Independência do Brasil.

Nasceu em 17.09.1768, em Natal, no Bairro da Ribeira, em casa que ficava entre as atuais ruas Silva Jardim e Frei Miguelinho,

conforme constatou a missão encarregada pelo Instituto Histórico e Geográfico de fazer as verificações.

Aos dezesseis anos partia para o Recife, ingressando na ordem dos frades Carmelitas sob o nome de Frei Miguel de São Bonifácio. Mandado aperfeiçoar-se em Portugal, revelou, desde logo, inteligência muito acima da comum, e profundo interesse pelos problemas sociais e humanos do seu tempo. De volta à Pátria, lecionou no Seminário de Olinda onde fascinava os alunos com suas idéias renovadoras e progressistas.

Envolveu-se na revolução de março de 1817, que vitoriosa, constituiu o Governo da República de Pernambuco que, inclusive, enviou emissários à Europa e aos Estados Unidos, na busca do apoio internacional ao movimento. Miguelinho era Secretário de Interior da Nova República. A revolução se propagou às províncias da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, onde André de Albuquerque Maranhão instalou em Natal a chefia do Governo. A reação do governo português foi implacável, sob o comando do Conde dos Arcos e, já em maio, o Recife estava bloqueado pela esquadra comandada por Lord Cochrane e atacada por terra por tropas do exercito lusitano.

Preso, levado para julgamento na Bahia, Padre Miguelinho foi protagonista de um dos momentos mais altos vividos por norte-riograndense em qualquer tempo, quando respondendo perante o tribunal de sangue que devia julgá-lo, e interrogado pelo Conde dos Arcos que insinuava, como maneira de salvá-lo, que talvez não fossem suas as assinaturas apostas no documento da revolução.

“Não, diz Miguelinho com altivez, esta firma que aí se lê é minha, e do meu próprio punho a tracei”. Horas depois era arcabuzado.

O quadro de Antonio Parreira, exposto no salão nobre do Palácio Potengi, fixa este momento de afirmação e grandeza. E, em 1984, Dorian Gray com seu talento renovador retrata o mural existente no prédio da Assembléia Legislativa do Estado, os episódios da Conspiração, Captura e Processo da Condenação do Padre Miguelinho, legando-nos, ainda, um poema heróico sobre o mártir, dos mais belos já escritos em nossa terra.

LEMBRANDO RAIMUNDO NONATO

Em obediência ao rito acadêmico, cabe-me focalizar meu antecessor imediato, Raimundo Nonato. Faço-o com satisfação, não só por se tratar de amigo querido, como por sua personalidade, que evoluindo do nascimento em família humilde, na Serra dos Martins, e passando pelos estudos em Mossoró, tornou-o expoente admirado e

respeitado da cultura potiguar, no qual se alinham os atributos de educador e historiador, com incursões na política e no jornalismo.

Em todos os setores onde atuou deixou Raimundo Nonato traço de honestidade intelectual e de cultural característico de toda uma vida de trabalho, iniciada modestamente na burocracia, e posteriormente estendida à cátedra, à judicatura e às funções públicas.

Vale a pena transcrever o depoimento de Peregrino Júnior, que afirmava:

“É esse Raimundo Nonato, presença humana, viva, palpitante e incomparável do nosso Rio Grande do Norte, no cenário cultural do Rio, onde todos o estimamos e admiramos com imensa ternura intelectual.”

E Sanderson Negreiros, assim o definiu magistralmente:

“Causeur admirável, figura humana que impressiona pela vitalidade e inquietação existencial; memória fotográfica e periespiritual de tudo que viu, sofreu, amou e viveu; fixador paciente de nossa sociologia regional; didata e autodidata das melhores passagens do cotidiano; verve voraz e perspicaz; poeta contador de história e animal bravo perdido na selva carioca; guardião de auroras e também de crepúsculos, incapaz de odiar e voltado para os temas que esgotam o filosofar.”

Guardo até hoje o oferecimento carinhoso que me fez em 1952 de seu livro “Roteiro da Zona Oeste” onde afirma que “estuda os traços da vida de uma região castigada, esquecida, onde a gente supera o meio, por um estranho fenômeno de resistência, de estoicismo e de sobrevivência ao infortúnio.

Sua permanência no Rio de Janeiro não secou as raízes afetivas e culturais que o prendiam ao Rio Grande do Norte. Ao contrário, parece que a terra natal, que nelas vinha presa, trazia em seus torções a inspiração que o levou a produzir tantos documentos históricos, que ilustram nossa memorialística.

Pesquisador incansável, perlustrou vidas como as de Nísia Floresta, de D. Manoel de Assis, de Amaro Cavalcanti, de Henrique Castriciano, ao lado de feitos heróicos, como entre outros, a Revolução de 1817 e a Guerra do Paraguai.

Curvo-me respeitoso e comovido ante a memória desse conterrâneo ilustre a quem sucedo mas não substituo, nesta cadeira que ele tanto dignificou.

PANORAMA DA CULTURA POTIGUAR

Peço vênias para repetir a breve digressão que fiz perante esta Academia em 1984, sobre o panorama da cultura potiguar neste sé-

culo. Evidentemente, não ousaria, pelo risco da omissão involuntária, citar os valores contemporâneos, que tão alto mantêm as tradições de cultura que consagraram nossa província na admiração e no respeito do país, tantos deles presentes neste recinto. Permito-me, no entanto, volver os olhos para um passado não tão distante, do fim do século XIX e início do atual até os dias de hoje; ressaltando vultos da maior eminência, que transcenderam os limites provinciais para se projetar luminosamente no cenário cultural e político do Brasil.

Lembro, em primeiro lugar, Pedro Velho. Abolicionista, republicano, jornalista, tribuno, Governador do Estado, terá sido o primeiro e grande expoente entre os políticos e governantes intelectuais, voltados tanto para a causas pública quanto para os problemas da inteligência. Todas as facetas nele se combinavam, para corporificar a figura singular do chefe incontestado.

Pedro Velho foi contemporâneo de gigantes como o caicoense Amaro Cavalcanti, Deputado e Senador, Embaixador, Prefeito do Distrito Federal, Ministro da Justiça, Ministro do Supremo Tribunal. E ainda Tavares de Lira, cuja trajetória o conduziu de Professor do Atheneu a Governador e Senador, a Ministro da Viação e Obras Públicas e Ministro do Tribunal de Contas da União. Figura poliforme de político, administrador, jurista e historiador, a ele devemos a primeira "História do Rio Grande do Norte". Ferreira Chaves, magistrado, Senador, Governador, Ministro da Marinha e Justiça. Tobias Monteiro, jornalista, e um dos maiores historiadores brasileiros. Almino Afonso, professor, magistrado, tribuno aclamado. Antonio José de Melo e Souza, jornalista, Senador, Governador, romancista sob o pseudônimo de Policarpo Feitosa. E o grande Alberto Maranhão, jornalista, Deputado Federal, duas vezes Governador, figura humana incomparável, patrono das artes e da cultura do seu Estado, que tardou em consagrar e fazer a justiça merecida ao Mecenaz Potiguar.

Discipulo desta notável escola de estadistas e intelectuais, imbuídos de idêntico espírito público, e igualmente voltados para as causas da cultura, foram três membros desta Academia: Eloi de Souza, Juvenal Lamartine e José Augusto. Tive o privilégio de com eles ainda conviver, recebendo dos dois últimos o então jovem Governador as lições de sua experiência e o estímulo dos seus conselhos.

A vida intelectual do Rio Grande do Norte viveu, na época em referência, momentos de grandeza e projeção. Lembro de Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida em Papari, o mais notável vulto feminino das letras brasileiras, cuja vida extraordinária em dois continentes a consagrou como personalidade universal. Em setembro de 1954, quando no Governo do Estado, tive a honra de receber seus restos mortais que o Governo brasileiro mandou buscar na França, no

Cemitério de Rouen, onde havia sido enterrada. Enviados para o município que hoje tem seu nome, foram depositados numa das dependências da Igreja Matriz. Posteriormente, na Presidência de Manoel Rodrigues de Melo, a Academia construiu-lhe o túmulo definitivo no sítio Floresta, onde hoje repousa.

Por outro lado, Auta de Souza, sem sair de sua Macaíba, e limitada pelos problemas de saúde, que tornaram tão efêmera sua vida, deixava na poesia do "Horto" os versos simples, místicos e doloridos, que a consagraram entre os maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Aliás, grandes poetas nunca nos faltaram, sob a inspiração dos nossos mares, das nossas praias, e da paisagem agreste e rude dos nossos sertões.

Destacamos alguns dos mais representativos: Henrique Castriano, culto, viajado, presente em todos os movimentos intelectuais de nossa terra, e que legou a Natal um dos seus símbolos: a Escola Doméstica. Ferreira Itajuba e Gotardo Neto, boêmios a esbanjar talento, em poemas que traduziam sonhos irrealizados. Juvenal Antunes, outro boêmio, sarcástico e irreverente, escrevendo em prosa e em verso, algumas das páginas mais belas e inteligentes aqui já produzidas. Segundo Walderley, ao contrário de outros, viu-se consagrado em vida desde a publicação de "Estrelas Cadentes". Começando como romântico, provavelmente pela influência de seus estudos na Bahia, alçou-se depois ao condoreirismo, de que Castro Alves era o expoente maior.

Guardo como um dos pontos altos de minha passagem pelo Governo o instante emocional em que, uma hora antes de transmitir o cargo ao meu sucessor, entreguei à viúva de Walderley a terceira edição de suas poesias completas, publicadas pelo Estado. É de justiça recordar que coube à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras orientar e dirigir essa edição.

Desejaria que me permitissem evocar de maneira especial o grande poeta, cuja amizade tive a felicidade de merecer através de íntima convivência - Otoniel Menezes, cantor de nossos mares e de nossos sertões, poeta do "Germem" e do "Sertão de Espinho e de Flor", este último no dizer de Mauro Mota "o maior canto que os sertões nordestinos já inspiraram".

Entre tantos outros grandes poetas, que poderia ainda mencionar, destaco Isabel Gondim, Jorge Fernandes, Lourival Açucena, Antonio Soares, Edinor Avelino, Carolina e Palmyra Wanderley, Virgílio Trindade, Ezequiel Wanderley, Berilo Wanderley e Myriam Coeli.

Gostaria de fazer referência especial a Zila Mamede:

A primeira vez que ouvi falar em Zila, foi através de Antônio Pinto de Medeiros, cuja memória espera, ainda, a justiça que merece. Não só pelo valor do poeta e do jornalista, mas, principalmente, por seu interesse na divulgação de obras literárias à frente do Departamento de Imprensa, no meu governo, quando efetivamente demos cumprimento à lei Alberto Maranhão, publicando mais de 50 livros de autores norte-rio-grandenses.

Falou-me Antônio Pinto de uma jovem poeta, que na sua opinião escrevia versos de notável inspiração e força lírica. Perguntei-lhe se já havia material suficiente para confecção de um livro. Daí, surgiu “Rosa de Pedra”, publicado em 1953. Antônio Pinto tinha razão. Era uma revelação de extraordinário vigor, e justiça não tardou a lhe ser feita. Primeiro no Recife, com o depoimento de Mauro Mota e, finalmente, no centro cultural do País, no Rio de Janeiro, quando nada menos que Manoel Bandeira e Carlos Drumont de Andrade, afirmaram enfaticamente que estavam diante de uma das maiores poetisas brasileiras de todos os tempos.

Amiga de Luiz da Câmara Cascudo, Zila ainda achou tempo para tornar-se pesquisadora e publicar o magnífico e apaixonante estudo sobre os 50 anos de vida intelectual do mestre.

Apesar da diferença de idades, fomos amigos enquanto viveu. Enviava-me poemas inéditos, ainda manuscritos, como fez com “Os bois dormindo”, dos melhores que escreveu.

Alguns dos mais belos versos de Zila, referem-se ao mar, que só conheceu aos doze anos de idade, e pelo qual tinha verdadeira obsessão. Na belíssima “Canção do Sonho Oceânico”, diz a certa altura:

Vinde, amados oceanos,
 beijai meus olhos beijai
 soltai-me de vãos navios,
 deixai-me pura, vagar:
 eu só quero a liberdade
 para nela me afogar.

E foi o mar que veio reclamá-la para sempre, no triste dia 12 de dezembro de 1985.

É sempre arriscado falar dos vivos, mas não temo dizer que Marize Castro e Diva Cunha possuem inspiração e talento de sobre, para manter a tradição de nossa província de produzir sempre grandes e inspirados poetas.

Mas para orgulho nosso, não apenas com nomes de grandes homens públicos e de poetas brilham as páginas da história intelectual do Rio Grande do Norte.

No Romance há que destacar Aurélio Pinheiro com seu consagrado "Macau".

Em outros segmentos da vida espiritual podemos lembrar muitos amigos queridos, que o foram também de todos os que aqui estão, e cuja memória paira ainda sobre esta Casa, que tanto honraram: Edgar Barbosa, mestre do nosso jornalismo, estilista, figura humana admirável, definida por José Augusto como "o historiador de nosso civismo"; Hélio Galvão, o jurista e sociólogo do "Mutirão do Nordeste" e das "Cartas da Praia", revelando também em sua "História da Fortaleza da Barra do Rio Grande", pesquisador e historiador, que o colocam como digno continuador de Manoel Ferreira Nóbrega, Rodolfo Garcia, José Moreira Brandão Castelo Branco, Nestor Lima, Vicente de Lemos, Felipe Guerra e Aduato Câmara.

Recordo ainda Nilo Pereira que foi, no dizer de Veríssimo de Mello, o humanista integral. Nascido em Ceará Mirim, radicou-se no Recife, onde exerceu carreira de jornalista mantendo coluna diária no "Jornal do Comércio". Ocupou cargos políticos, sendo eleito deputado estadual e várias vezes Secretário de Estado.

Estilista, conferencista e professor universitário, sua obra literária, constituída por dezenas de livros, foi marcada pelo amor ao Nordeste e principalmente ao Rio Grande do Norte, e às suas origens no Ceará Mirim, das quais nunca se desligou.

Amigo e confidente de Cascudo teve a satisfação de convidá-lo várias vezes para proferir conferências em Natal. Uma de suas últimas obras foi a biografia de José Augusto.

Devo citar, ainda, dois eminentes médicos norte-rio-grandenses também homens de cultura e notáveis realizações; Januário Cicco, que sem jamais ocupar cargos públicos, conduzido principalmente por seu idealismo, transpôs todos os obstáculos para legar-nos o Hospital das Clínicas e a Maternidade; que tem seu nome. Onofre Lopes, é outra figura admirável a quem tanto devem a medicina e a cultura em nosso Estado, quer na Universidade do Rio Grande do Norte da qual foi o grande artífice e impulsor, quer nesta Academia, quer no Conselho Estadual de Cultura.

Ressalto, como dever de justiça, que a atividade cultural do Rio Grande do Norte recebeu a partir da década de 60, dois notáveis instrumentos propulsores.

Além da Universidade - a que se deve grandes mudanças no panorama da criação literária, artística e científica, como centro natural de expansão do ensino da pesquisa e dos valores espirituais da comunidade - é imperioso mencionar a Fundação José Augusto, criada no fecundo Governo do nosso confrade Aluísio Alves, em 1965. Ela institucionalizou a ação do Estado no apoio às artes e à cultura

em todos os seus aspectos. Sua atuação se tem desenvolvido com exemplar devotamento e isenção, tornando-a credora do respeito e da admiração de todos.

Que me seja relevada a audácia desta digressão, onde apenas afloremos superficialmente o vasto campo da cultura, de que sois legítimos representantes.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Nenhuma exposição sobre meu relacionamento com a cultura potiguar seria sincera e honesta sem falar de Luís da Câmara Cascudo. Voltaire afirmava que “a amizade de um grande homem é benefício dos deuses”.

Eu tive este privilégio.

Tudo começou quando voltei à minha terra, nos idos dos anos 40. Foi decisão pessoal, aparentemente inexplicável, que surpreendeu a sociedade na qual convivia no Rio de Janeiro. Casado, recém-formado em Direito, destacando-me na prática do tênis e do pólo, parecia ter à frente, na então capital do País, vida marcada pelo sucesso. Tudo, porém, de repente, passava a dar-me a impressão do vazio. Parecia-me estar vivendo fora do ambiente ao qual realmente pertencia. E voltar ao Rio Grande do Norte se impôs como solução, que adotei como movido por força irresistível. Tinha 24 anos, e considero a decisão como a mais acertada da minha vida. Ao deixar o Estado, 14 anos depois, após servir à terra e à gente como Prefeito de Natal, Deputado, Presidente da Assembléia Legislativa, Vice-Governador e Governador, - podia considerar cumprido meu destino. O resto chegou por acréscimo, como dizem as Escrituras. A parte importante, a parte real, porém, vinha comigo, na lembrança inapagável dos dias idos e vividos, das alegrias e dissabores. De algumas incompreensões, mas de muitas amizades, cimentadas no cotidiano do serviço público e no convívio dos conterrâneos, que me abriam suas portas e seu coração.

Logo depois de chegar a Natal, veio-me às mãos um dos primeiros livros de Cascudo - “Histórias que o Tempo Leva” escrito em 1924, aos 24 anos de idade. Dele recorro, até hoje, o conto “As Lágrimas do Capitão-Mor”, rolando dos olhos de Pedro Mendes de Gouveia, Comandante do Forte dos Reis Magos, em 8 de dezembro de 1633, ao ver subir ao mastro do forte conquistado a bandeira da Holanda. Quis conhecer o historiador.

PRIMEIRO ENCONTRO

Recordo até hoje, com emoção, o primeiro encontro, quando a diferença de nossas idades se media por vinte anos. Recebeu-me como se nos tivéssemos encontrado na véspera.

Falou-me de meu Pai, de quem tinha sido amigo, e de meu avô Fabrício Pedroza - Fabrício Moço - Intendente de Natal, cunhado de Pedro Velho. Relembrou o entrelaçamento dos Pedroza com os Albuquerque Maranhão.

Fez com que me sentisse consciente de ter nas veias o sangue daqueles pró-homens da história potiguar, de Augusto Severo, do grande Alberto Maranhão - o Mecenaz, com o qual futuras comparações tanto me orgulhariam. Foi encontro marcante, único, definitivo. E nunca mais deixei de conviver com Cascudo.

Com ele, aprendi ser o folclore fonte inesgotável de exaltação da história do povo, de suas artes plásticas, de sua música, acompanhando o desenvolvimento da atividade coletiva.

Percebi como era possível e lógico sentir-se tradicionalista dentro da sua época, sem abjurar o conforto e sem esquecer o progresso diário e as conquistas tecnológicas.

Com Cascudo, senti que o Brasil precisava manter sua fisionomia nacional baseada na cultura popular, sem descurar ou diminuir a divulgação da cultura geral, nos sentidos universitário e universal do termo.

Sempre achei que devíamos sentir o povo, não como a entidade abstrata, luminosa, que aparece na retórica das praças e dos parlamentos, mas como elemento humano, real e imediato, na sua trajetória cotidiana, nos seus sonhos, nas suas alegrias, nas suas amarguras, nas suas esperanças.

Quando Prefeito de Natal participei em 1948 de um Congresso de História na Cidade de San Juan, capital de Porto Rico. Uma das recomendações finais do encontro foi de que fosse cultivada a memória das cidades capitais do continente Latino-Americano e nelas se nomeasse um historiador oficial.

Em meu regresso assinei decreto que criava o cargo de Historiador da Cidade de Natal, e nomeava Luís da Câmara Cascudo para exercê-lo em função honorífica e gratuita.

Em 1947 encomendei a Cascudo a História da Cidade do Natal, com a 1ª edição empreendida pela própria Prefeitura. Tornou-se um clássico do gênero. Segunda edição foi publicada pela Editora Civilização Brasileira, em 1980, também já esgotada.

Ênio Silveira assinala no prefácio da 2ª edição que o historiador e o poeta estavam juntos, inseparáveis nessa crônica de amor e bem querer.

Já no Governo do Estado em 54, solicitei a Cascudo escrever a História do Rio Grande do Norte. Eram decorridos mais de 30 anos do livro de Tavares de Lira e muito havia a acrescentar.

Entre as centenas de depoimentos sobre a vida e obra de Cascudo, escolhi dois para citar nesta ocasião.

Américo de Oliveira Costa no seu clássico “Viagem ao Universo de Luís da Câmara Cascudo”, nos leva ao mundo do Mestre e o retrata com estilo impecável sob todos os aspectos, descrevendo com carinho e riqueza da personalidade e a universalidade da obra. Diógenes da Cunha Lima fez-lhe o retrato de corpo inteiro do livro “Câmara Cascudo, um brasileiro feliz”, definindo-o, magistralmente, como o homem que fala a linguagem da sabedoria universal com sotaque nordestino.

Voltando a morar no Rio de Janeiro, jamais perdi contato com o Mestre. Em novembro de 1973, num destes fins de tarde, onde se acentuam o vazio e a solidão das grandes cidades, escrevi-lhe esta carta, que trago ao vosso conhecimento.

5/11/73

Cascudo, mestre e amigo querido

Acabo de ler o discurso, em que o Ministro Passarinho faz justiça consagradora à sua vida e obra.

Na verdade juntos, entre outras aventuras, procuramos o por-do-sol, fizemos discurso às estátuas silenciosas de nossa cidade de Natal em noites de luar, abandonamos por vezes, Você as labutas do escritor, e eu as hipocrisias, do gabinete do Governador para regermos e ouvirmos Beethoven. Defendemos o símbolo do Pelourinho, ou saímos à procura de marco histórico de São Roque. Percorremos anônimos e felizes os bairros populares para assistir aos folguedos da Náu Catarineta e do bumba-meu-boi. Estes e tantos outros momentos passados em sua companhia foram os mais autênticos e marcantes de minha vida. Sabe Você que o retorno ao Rio e o ingresso no mundo do negócios internacionais, constituem apenas alternativas de uma carreira, da qual o destino participa, muitas vezes soberana e caprichosamente. Na idade em que os anos começam a contar em dobro, sinto-me, no entanto, cada vez mais ligado às minhas origens, à terra e à gente à qual um dia procurei servir com humildade e orgulho. Sou realmente, e cada vez mais, o menino que voltou correndo de Londres para os moirões das porteiras, às praias de águas mornas, e ao dorso dos cavalos nas tardes viris das vaquejadas. Um dos

filhos de seu Fernando, pioneiro e idealista, plantador de indústria e cidades - nada mais quero ser -

E a Você, que é a própria terra, volto e voltarei sempre: em pensamento quando distante, ou subindo os degraus para bater à porta amiga - rever no vestibulo a chave de historiador da Cidade de Natal e beijar a mão do mestre e pai.

Até breve.

Sylvio.

Acho não ser preciso acrescentar mais nenhum detalhe sobre nosso relacionamento.

Em solenidade realizada ontem à tarde, aproveitei o reencontro com a minha terra, que a Academia me proporcionou, para entregar ao Memorial Câmara Cascudo, construído pela iniciativa de nosso confrade, Paulo Macedo, toda a minha coleção de livros do Mestre, além de outros documentos que estavam em meu poder.

Acredito que este é o lugar certo para esta documentação, à disposição dos estudiosos de sua vida e de sua obra.

NATAL

Gostaria de dizer duas palavras sobre a nossa cidade.

Eu não podia entender na década de 40 que Natal plantada sobre as dunas, entre o oceano e o Rio Potengi, vivesse de costas para o mar, afastada do seu fascínio. Havia acesso apenas a duas praias: a do Meio, ou do Morcego, a que se chegava por uma ladeira, e, a Areia Preta. Na margem esquerda do Potengi, a Redinha com único e precário acesso pelos velhos e líricos botes à vela, que saíam do Canto do Mangue. Isto mesmo apenas no período do verão, pois no resto do ano ficavam ignoradas como se esta não fosse a cidade ensolarada, aberta à carícia marítima em todas as estações. Por isso mesmo, quando o destino me conduziu em plena mocidade à Prefeitura, tive a preocupação obsessiva de integrar a cidade ao mar. Daí os planos no sentido de conquistar a região da Limpa, entre a praia do Meio e o Potengi.

A Avenida Circular fazia parte do plano de urbanização de Natal, preparado pelo engenheiro italiano Giacomo Palumbo, a pedido do então prefeito Omar O'Grady, no progressista governo de Juvenal Lamartine em 1930.

A construção da Avenida, feita com recursos da venda dos lotes à sua margem, teve sua primeira fase concluída em apenas cinco meses, e foi certamente a obra mais importante do meu período como

prefeito. Além da abertura de novas praias, ela uniu fisicamente a cidade ao monumento que é seu maior símbolo, o Forte dos Reis Magos, mudando radicalmente a mentalidade natalense, e coroando a vocação congênita de Natal de completa integração com o mar na glória de suas praias inigualáveis.

GOVERNO DO ESTADO

Pela importância que atribuo a esta oportunidade de falar perante a elite intelectual de minha terra, desejaria, antes de terminar, reafirmar a filosofia moral e política que orientou meu comportamento à frente do Governo do Rio Grande do Norte.

Dirigindo-me aos conterrâneos, dizia-lhes, ao assumir a investidura, que em primeiro e altíssimo plano, colocávamos nosso dever perante os norte-rio-grandenses, com a consciência de que o exercício do mandato de Chefe de Estado, impunha responsabilidades acima das limitações e contingências das injunções partidárias.

Proclamávamos que o Governo jamais estaria alheio aos apelos marcados pelo signo superior das conveniências da coletividade. E que uma fronteira intransponível e sagrada sempre se elevaria frente ao Governador, quando na concorrência com os interesses de qualquer facção se colocassem os do bem comum.

Assegurávamos manter no estado ambiente de liberdade e garantias, alheio e imune o Governo às influências de qualquer natureza no respeito aos direitos e prerrogativas dos conterrâneos, sem distinções, e nem exceções.

Não seria fácil nem tranqüilo tal itinerário para quem, imbuído da dignidade dessas convicções, se dispunha intransigentemente a percorrê-lo. Não tínhamos dúvidas de que a estrada seria penosa, repleta de sacrifícios, dificuldades e decepções. Talvez a recompensa tenha vindo no fato de termos podido fazer, ao fim do Governo, sem sombra de contestação, a afirmativa:

“Desconhecem-se em território norte-rio-grandense quaisquer formas de perseguição ou coação.”

E agora, decorridos quase quarenta anos, as provas de carinho e de compreensão, que venho recebendo de todos os segmentos da nossa sociedade, representam o testemunho de que agindo de acordo com minhas convicções, e obedecendo aos ditames da consciência, trilhei o caminho certo.

Deve dizer que vejo na escolha do intérprete da Academia para me saudar, nova prova do vosso carinho. Disse Aristóteles, “entre amigos não há necessidade de fazer justiça”. Alvamar Furtado de Mendonça, figura humana admirável, representando o que existe de

melhor na cultura de nosso Estado, é mais que amigo. É participante e testemunha constante de minha vida e, principalmente, do meu relacionamento com nossa Província. Conhece como ninguém as forças telúricas que me prendem à terra, o orgulho de ter podido servi-la, as preocupações permanentes com seu desenvolvimento e a melhoria das condições de vida de sua gente obstinada e acolhedora, forte e generosa.

Sabe, Alvarado, que estou convencido, como Proust, de que as coisas construídas ao longo do caminho com dedicação e fé, permanecem indestrutíveis. Por isto também hoje estou aqui. Para em vosso convívio recuperar o tempo passado no Rio Grande do Norte, certamente o mais precioso de minha vida.

Senhor Presidente,

Ao deixar minha terra para percorrer os largos caminhos do mundo, despedi-me dos norte-rio-grandenses com palavras, com as quais gostaria de encerrar meu pronunciamento.

Dizia, então:

“Convivemos com os homens simples, artífices anônimos do nosso progresso e da nossa grandeza; com os vaqueiros nos campos largos e nos moirões das porteiras; com os pescadores, nas nossas praias inigualáveis, de volta das longas jornadas no mar; com os lavradores heróicos, tenazes no tamanho da terra tantas vezes ingrata, negando-se ao benefício das colheitas; com os mineradores, a arrancar das asperezas do solo novos elementos de riqueza e recuperação econômica; com os trabalhadores do sal e da carnaúba; com os criadores das belezas rústicas do artesanato popular e os operários das fábricas e usinas; com as expressões integrantes e propulsoras do comércio e indústria, e com os que constituem e representam nosso patrimônio de inteligência, arte e cultura.

“A todos encaramos como forças atuantes da terra, dentro de seus setores de profissão, trabalho e influência, cada qual significando parcela característica na composição moral, espiritual e material do complexo organismo do Estado. Jamais nenhum deles faltou com sua solidariedade ou sua ajuda, sempre que o Governo lhes pleiteou cooperação”.

“A seu serviço continuaremos - onde quer que estejamos, dentro ou fora de seu território, exercendo cargo público ou como simples particular, - a trabalhar para o seu progresso e sua grandeza, e a propagar as qualidades de sua gente obstinada e acolhedora, forte e generosa.”

Finalizando, resumiria em uma só frase toda esta longa digressão, com a qual, confiante em vossa amizade e compreensão, certamente coloquei à prova vossa paciência. E repetiria as palavras do

poeta seiscentista português Antônio Ferreira, citado por Cascudo na introdução da História do Rio Grande do Norte.

“Eu desta glória só fico contente, que a minha terra amei e a minha gente.”.

Natal, Outubro de 1996

SAUDAÇÃO DO ACAD. ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA AO NOVO ACAD. SYLVIO PIZA PEDROZA

Senhores Acadêmicos

Em princípio, procurei evitar que minhas palavras recebessem Sylvio Piza Pedroza nesta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Nossa amizade se prolonga por mais de 50 anos, ensejando um certo ar de suspeição ao que eu possa dizer nesta hora, em que as emoções ocupam quase todos os espaços.

Mas a solução se definiu pela minha vontade de não me omitir neste momento e pela escolha do homenageado.

Já tantas vezes o saudei em outras oportunidades, que me julgava tolhido pela ausência de originalidade no que dissesse. Mas, deixemos isso de lado. Estamos diante de uma vida especial.

Felizmente, não se repete o que ocorreu com seu tio-avô Alberto Maranhão, que descobriu a alma desta cidade, marcou seu perfil político nos anos de seu governo. Traçou os bairros de Tirol e Petrópolis de forma ampla, dando à cidade uma empatia que chegou aos nossos dias. Construiu um belo teatro e projetou praças que encantaram os primeiros anos deste século até que administrações insensatas as mutilaram. Traços esses que ainda hoje permitem uma visão urbanística que nos impressiona.

Quando deixou o governo, foi-se embora para o Sul. Caiu, ingratamente, no esquecimento dos poderes públicos, sobrevivendo das poucas lembranças guardadas pelo povo. Teve um fim quase ignorado lá para os lados de Parati, no Estado do Rio, como modesto fiscal do Instituto do Açúcar e do Alcool.

Não souberam preservar a memória da sua administração, marcada pela fidalguia, o bom gosto, numa época identificada pela "belle époque" e pelo Parnasianismo.

Ao contrário, Sylvio está sempre presente. Tornou-se um exemplo de bom governante, reformador de nossos costumes políticos. Amou sua cidade, integrando-a aos novos tempos.

Pelos seus anos de governo, experimentou momentos difíceis, mas usou uma maneira diferente de encarar os fatos, habilmente, sem deixar seqüelas.

A humilde professora do interior ou deserdado soldado destacado em qualquer remoto município, não mais ficaram a mercê do chefe político, que demonstrava a força de sua autoridade transferin-

do ou demitindo, quando não mais atendessem seus interesses eleitores. Passaram a viver em paz.

Anteriormente, como Prefeito, encontrou uma cidade com cinco bairros: Petrópolis, Tirol, Alecrim, Cidade Alta e Ribeira e devolveu-a com treze.

Lembro-me de uma visita de escritores e jornalistas pernambucanos, destacando-se Silvino Lopes, Andrade Lima Filho, nosso conterrâneo Nilo Pereira, radicado no Recife há muitos anos, e Gilberto Osório de Andrade. Quando regressaram ao Recife, exaltaram nos jornais pernambucanos sua administração. Apontaram seu exemplo aos prefeitos do Recife.

Sylvio Pedroza não foi simplesmente um político, era também um esportista.

Talvez isso explique as suas qualidades pessoais, as suas diferenças dos políticos comuns. Fora campeão de tênis pelo Fluminense e campeão de pólo pelo Itanhangá, no Rio de Janeiro. O esporte sempre foi uma constante em sua vida. Sabia ganhar ou perder com a mesma elegância, o mesmo estado de espírito. Não se entregava apenas aos esportes de elite, era conduzido por uma força telúrica quando participava das vaquejadas, como derrubador de gado. Ostentava com orgulho a calosidade que esse esporte lhe deixara na mão direita. Não dispensava também o futebol de praia, despreocupado e sem discriminação de qualquer espécie.

Era governador, quando certo dia viajou para João Pessoa, onde foi recebido por José Américo de Almeida, acompanhado de seu Ajudante de Ordens. Sylvio, prontamente, agradeceu as deferências, dizendo jocosamente: - Governador, estou sensibilizado com sua gentileza, mas quem está aqui agora não é o governador do Rio Grande do Norte. Sou apenas um simples vaqueiro que vem derrubar gado no seu Estado.

Convidou, certa vez, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, dentro de uma programação cultural, para pronunciar duas conferências em Natal. Na primeira, Sylvio o saudou. Na segunda, ausentou-se. Desculpou-se depois alegando que na mesma hora da Conferência estava vencendo os tenistas pernambucanos que visitavam nossa cidade.

Por essas e outras, no testemunho de Nilo Pereira, Gilberto Freyre dizia que Sylvio não se deixava ficar "encatarrado" em seu gabinete, como um acaciano ou um Conde de Gouvarinho, que como Ministro da Educação pretendia salvar Portugal mais com palavras e frases feitas do que com ação, repudiando a vida esportiva, exclamando: "Nunca trocarei a cruz pelo trapézio".

Quase é desnecessário falar na Avenida Circular, sua grande realização como Prefeito, enfrentando incompreensões as mais estúpidas, quando justamente procurava fazer com que Natal deixasse de dar as costas para o mar, integrando-a na sua maravilhosa visão marinha.

Hoje, apesar do longo desinteresse dos poderes públicos, por insensibilidade ou por falta de amor à cidade, ainda é uma perspectiva de Natal que descontrola a respiração dos que a contemplam pela primeira vez.

Estamos saudando um homem público que usou um caminhão da Prefeitura para percorrer os bairros pobres da cidade e os hospitais, onde Oriano de Almeida tocava Chopin, nesse palco improvisado e itinerante, alcançando os ouvidos de gente humilde com boa música.

Nesse aspecto cultural, poucas vezes se tem falado no triste fim de uma concha acústica, que construiu no seu governo em logradouro público, e que logo se transformou numa ruína pelo desuso, pelo descaso.

Ou aquele gesto, quando da pavimentação de uma das ruas do Alecrim, não permitindo que se derrubasse uma árvore que se antepunha ao fluxo de trânsito, sem comprometê-lo. Ainda não se falava em ecologia.

São esses flashes” que realçam uma mentalidade, um novo modo de aproveitar as oferendas de uma cidade que as mantinha ocultas à espera de uma sensibilidade que as descobrisse.

Porque esquecer aquele comportamento em fim de expediente, saturado de política paroquial, de pedidos absurdos e pretensões pessoais incômodas, levando-o a deixar o Plácio para se encontrar com Luís da Câmara Cascudo, e juntos saíam a procura do mais belo pôr do sol de Natal. Encontrando-o, finalmente, visto do patamar da Igreja do Rosário, por sobre o estuário prateado do rio Potengi. Este lirismo não era gesto de homens comuns.

Tantas coisas a dizer de nossas vidas nesses longos anos de existência, que consolidaram uma amizade e fortaleceram uma admiração. Havia um sentimento partilhado entre amigos, que nos concedia os espaços para ouvir Bing Crosby, ou as canções românticas de Frank Sinatra, que já começavam a surpreender os auditórios com as suas melodias favorecidas pelo “long-play”, que por essa época substituíam os roufenhos discos de cera.

Há poucos dias, conversando com Oriano de Almeida, ele me recordou os momentos em que ouvia Brahms e Tchaikovski, em companhia de Sylvio Pedroza.

O rádio ainda predominava nesses dias, e começavam as lamúrias das telenovelas e a expectativa, de logo à noite, em horário nobre, ouvir a voz de Eron Domingues no "Reporter Esso", transmitindo as dramáticas notícias da política nacional, culminando com o suicídio de Getúlio Vargas.

Em 1950, instala-se no Brasil a TV Tupi, a primeira da América Latina. Bill Halley, combinando o "rhythm and blues" com o "Country" e o "Western", lançava "Rock around the clock", trilha sonora do filme "Sementes de Violência", título emblemático de uma época de agitação juvenil que dominava o mundo inteiro. Surgiram os mitos da época: Elvis Presley e James Dean.

Realmente, a década de 50 foi uma fase surpreendente. A rebelião sem causa da juventude, que tomou conta das grandes cidades dos Estados Unidos e Europa, contrastava com a bonançosa existência em nossa província.

Vivia-se, entre nós, sem atropelos ideológicos. Certas amenidades davam-nos um ar de descontração. As preocupações que dominavam outros mundos eram transmitidas pelos jornais, rádios, que integravam uma mídia que não tinha os recursos de hoje.

O jornalista Sanderson Negreiros, em artigo que se preocupava com a visita que Sylvio Pedroza fizera a Natal, retrata uma pitoresca visão da juventude que se movimentava no decurso dos anos de seu governo. Começa evocando "os anos felizes da década de 50" na expressão do poeta Luiz Carlos Guimarães. E depois, uma grande angular, retrata: "Era o mundo vasto mundo, onde todos nos chamávamos drummondrianamente Raimundos, onde o namoro tinha o apelo ainda de piscar o olho, e era antecedido por funções litúrgicas chamadas flerte. Todos queríamos assistir aos filmes para nos tornarmos atores sentimentalões; dançar bolero, usar gravata borboleta; assobiar na rua; ler os existencialistas franceses; declamar Manoel Bandeira; não perder os programas de auditório da Rádio Poti; sair de papangu no Carnaval; usar trunfa no cabelo; ir à mantinê do Aero Clube; ficar fazendo a vigília das tardes de domingo em frente ao cinema Rio Grande, permanecer conversando potoca, miolo de quartinha e lero-lero no Grande Ponto até a manhã sangrar a aurora por cima dos morros do Tirol".

Reportando-se ainda ao momento em que Sylvio deixou o Estado, já entrando no limiar da segunda parte da década de 50, continua: "Pois nessa época, Sylvio Pedroza deixava Natal, o que nunca deveria ter feito. Pois um homem do seu jaez - expressão dos anos 50 - não devia ter se exilado de suas origens, as raízes sertanejas que o levaram até a estudar em Londres, mas descortinam nele um sertanejo altamente traquejado em qualquer grande salão do mundo".

Por fim, conclui: “Ele Sylvio, que atravessou tantos Cabos Não, e fez circunavegação em todos os oceanos índicos da vida, sabe que sua história não foi em vão”.

Inesquecíveis reuniões em torno daquela frondosa tamarineira, que motivara o pátio mourisco da residência 1.009, da Hermes da Fonseca, de estilo colonial hispânico, onde residia Sylvio Pedroza.

Dias memoráveis na Semana Santa, na Fazenda São Joaquim, de onde regressávamos a Natal num velho Mercury azul, solfejando *It's been a long, long time*. Vivíamos assim, nos intervalos dos compromissos políticos, sem comprometer responsabilidades. Ao contrário, traçava perfis de comportamento existencial, valorizados pela alegria de viver, tornando as formalidades mais leves e renovadas.

A memória e as emoções não me permitem omitir, naquela vivência, a presença nobre de Dona Branca Pedroza. Num certo dia, quando era conduzido por ela numa charrete para conhecer a propriedade, contornando um tranqüilo açude, ouvi de sua parte uma quase confiança, com acentuada nostalgia, que a Fazenda São Joaquim e Londres eram os dois pólos da preferência de seu marido Fernando Pedroza.

Era o cenário familiar de Sylvio Pedroza, de onde recebia a educação que forjou sua personalidade.

Pirangi foi sem dúvida uma das belas visões daquele tempo. Praia quase selvagem que encantou Sylvio Pedroza numa manhã de domingo, nos derradeiros anos da década de 40.

Luiz da Câmara Cascudo, vez por outra, aparecia com seu inseparável charuto, sua simpatia humana, sua gargalhada fácil, em meio de conversas bem humoradas. Fez questão de datar seu livro “Literatura Oral”, publicado em 1952 pela Editora José Olímpio, legendando-o nos originais - “Iemanjá em Pirangi, 6 de março de 1949”. Bons e inteligentes dias.

Nessa altura muitas coisas foram ditas sobre o homem, o amigo, a figura política, que o identificaram. Sem isso, não teríamos um retrato de corpo inteiro, quando muito uma foto 3x4.

Evidentemente, nestas palavras de recepção não pode faltar uma justificativa para a concepção desse título acadêmico.

Lembramos aqui “Definições”, registro de fatos e aspectos de seu governo, e depois “Pensamentos e Ação”, que retratou sua administração em bom estilo, se constituindo uma radiografia de momentos, depoimentos, mensagens que deram contornos ao seu jeito de olhar e fazer política. Indiscutivelmente, marcos de seu itinerário pelos caminhos da vida pública.

Temos a considerar o excelente ensaio “Política e Cultura”, apreciando, em dois discursos de forma sensível e com reconhecida

competência analítica, duas notáveis figuras de nosso horizonte cultural: Pedro Velho e Luís da Câmara Cascudo.

Ainda na fase municipal, não esqueceu o movimento teatral.

O “Correio da Manhã”, do dia 23 de março de 1974, publicou um artigo de Paschoal Carlos Magno, exaltando sua presença nesse setor, particularizando seu apoio aos estudantes, quando se sobressaíam Marcelo Fernandes, Valdemar Bandeira, Áurea Cavalcanti, Marta Barbosa, Luís Maranhão, Newton Navarro, Rui Bezerra, Ivonete Galhardo, Maria de Lourdes Correia e Clotilde Correia.

O articulista mencionou entusiasmado, em primeira mão, o decreto-lei em que Sylvio Pedroza isentou de impostos e taxas os espetáculos teatrais.

Isentando, totalmente, dos impostos municipais, por dez anos, os hotéis ou casa de apartamentos, ou edifícios de escritórios, que fossem construídos e reservassem, no andar térreo, um teatro com capacidade mínima para 800 espectadores. Favores que alcançavam os cinemas, desde que estes realizassem espetáculos de palco.

O decreto tinha dimensões tais, que Paschoal Carlos Magno pergunta: “Por que não haverá outros Sylvios Piza Pedroza em cada cidade do Brasil”?

É lógico não faltam, em outro estilo, os aplausos de Meira Pires, que encontrou no teatro sua própria vida.

Convém ressaltar que tínhamos uma lei estadual de 1900, sancionada por Alberto Maranhão, que permitia a publicação de obras dos intelectuais conterrâneos, que não foi percebida durante sua vigência.

Mais de 50 anos depois, Sylvio Pedroza sancionou outra lei, concedendo prêmios literários a serem outorgados, anualmente, pelo Estado, que seriam avaliados e distribuídos pelo Instituto Histórico e Geográfico, Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e Sociedade Brasileira de Folclore, abrangendo diversos gêneros e alcançando um longo e largo estuário cultural.

Estimulou a fundação da Faculdade de Odontologia e Farmácia, Direito e Medicina, além de projetar a Faculdade de Filosofia, mais tarde integradas à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Suas preocupações culturais levaram-no, guiando um velho jipe, em companhia de Luís da Câmara Cascudo, por sobre dunas quase intransitáveis, ao primeiro marco chantrado no litoral brasileiro, em 1501, nas proximidades de Touros, no intuito de preservá-lo.

No último dia do seu governo, em atitude emocionante, testemunhado por Nilo Pereira, Manoel Rodrigues e Edgard Barbosa, entregou á viúva de Segundo Wanderley um volume compendiando sua

obra, sob o título “Poesias”, editado pelo Estado. Iniciativa que a memória do nosso grande poeta há muito tempo reclamava.

Quando Prefeito, levou Cascudo a publicar a “História da Cidade de Natal”, concedendo-lhe, por decreto, o título de “Historiador da Cidade”. E quando Governador, foi publicada a “História do Rio Grande do Norte”.

Já havia entre Sylvio Piza Pedroza e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras um certo parentesco cultural, ressaltado por Otto Guerra, que o saudou na outorga do título do Sócio Honorário desta Instituição, quando foi ressaltado a doação que ele fez do terreno onde está edificada esta Academia.

Em certa altura, Otto Guerra diz: “Nunca menos de 50 publicações de autores conterrâneos se fizeram no seu governo pela Imprensa Oficial, constituindo o mais valioso estímulo para quantos ou, pela pobreza pessoal ou pela escassez de recursos do meio, de outra forma nunca ou dificilmente poderia ter aparecido”.

Há pouco tempo, no Rio, tive ocasião de ler alguns de seus trabalhos, que me eram mostrados. Observei, então: Sylvio, você nos furtou o bom escritor que seria se tivesse se dedicado à literatura. Ao que ele respondeu: “Essa boa redação só acontece quando o assunto é a minha terra”.

Voltando as suas iniciativas de Prefeito, localizou um valioso documento se deteriorando nos porões da Prefeitura, o “Plano Palumbo”, que o inspirou na Construção da Avenida Circular. Na ocasião, transformou-o num imenso painel apostado numa das paredes da Prefeitura. Esse projeto devemos ao arquiteto italiano Giacomo Palumbo, durante a administração do Prefeito Omar O’Grady e no Governo de Juvenal Lamartine. Como sempre, desse Projeto, hoje, não se tem notícia.

A verdade é que Sylvio Pedroza foi mais humanista do que político. Por isso mesmo não colheu resultados políticos que seriam merecidos e proveitosos ao Estado.

Hoje, é homenageado pelo que fez, pelas modificações que levou aos nossos costumes políticos, respeitando a liberdade alheia, não desmerecendo a dignidade de ninguém, do mais simples ao mais importante dos cidadãos. Daí ter merecido o conceito de velho jornalista pernambucano Silvino Lopes, que visitou Natal naqueles tempos - Sylvio “olha a vida horizontalmente e assim, não vê pequenos nem grandes”.

Luis da Câmara Cascudo definiu-o; “Vejo-o sempre, acima do tempo e da idade, menino, rapaz, homem, sempre dentro de uma perspectiva valorizadora. É uma alegria ser seu contemporâneo”.

Do que eu estou dizendo, o muito que faltou será completado pela memória dos outros.

Neste instante, uma grande alegria nasce da presença, neste salão, de Nelma e Sylvio, que tão bem se completam na terna compreensão da vida.

Volto, assim, às formalidades essenciais ao acontecimento oficial, expressando, em nome desta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, a honra que temos em receber Sylvio Piza Pedroza como nosso confrade. A nossa Instituição se enriquece com este momento.

Natal, outubro de 1996

DISCURSO DE POSSE DE ORIANO DE ALMEIDA

Tarde memorável de dezembro - quando Diógenes da Cunha Lima decidiu convocar a sessão determinando a chamada de um novo acadêmico, com a missão de ocupar a cadeira que pertenceu ao mestre Luís da Câmara Cascudo.

Enélio Lima Petrovich lembrou meu nome - Veríssimo de Melo referendou a idéia. E numa só voz - uníssona e generosa - 34 acadêmicos sancionaram o meu novo destino no mundo das Letras.

E assim, como num sonho de olhos abertos, estou diante deste belo auditório animado pelo radioso semblante de nobres damas e ilustres cavalheiros de nossa comunidade, contemplando esta magnífica assembléia liderada por Diógenes da Cunha Lima, autêntico herdeiro da Poesia Simbolista, e DD. Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

E diante de meus olhos, vejo os pilares mais sólidos da estrutura cultural- política - social do Rio Grande do Norte.

Vejo ainda a solidária presença dos caros acadêmicos, que, com o seu prestigioso aval, permitiram que eu pudesse estar, neste momento, sendo recebido como um de seus pares, na sua honorável Academia de Letras.

Eis-me aqui, pronunciando o discurso que tornará real o meu sonho, conduzindo-me à cadeira que pertenceu a um dos brasileiros mais notáveis deste século - Luís da Câmara Cascudo.

Na verdade, é um raro privilégio, concedido a um felizardo cidadão - o de se tornar imortal... antes de ser mortal.

Não há dúvida que me sinto um tanto orgulhoso, e - por que não dizer? - um tanto vaidoso, ensaiando os primeiros passos de minha integração neste Parnaso das Belas Letras, onde terei a grata missão de representar Luís da Câmara Cascudo, na medida em que é possível representar um expoente de tal magnitude, na área da cultura mundial contemporânea.

É um compromisso que envolve muito Afeto. E muita Responsabilidade. Afeto - para com o meu caro amigo Cascudinho. Responsabilidade - para com o meu caro mestre Câmara Cascudo.

E seguindo o roteiro tradicional de solenidades acadêmicas como a de hoje, direi inicialmente breves palavras relembrando Luís Fernandes - o patrono da cadeira que teve Luís da Câmara Cascudo como seu primeiro ocupante.

Jurista e historiador, por coincidência Luís Fernandes também recebeu na pia batismal, o mesmo nome... Luís.

Por outra curiosa coincidência, nasceu num sítio em Caraúbas, chamado "Sabe Muito". E, talvez para fazer jus ao berço de origem, Luís Fernandes nasceu agraciado pela virtude de estudar muito... para "saber muito".

E tudo indica que na escalada de sua vida, acabou alcançando o degrau do notório saber - a começar no dia em que recebeu o diploma de Ciências Jurídicas, da Academia de Direito, do Recife.

Em 30 anos de atividade na magistratura, Luís Manoel Fernandes Sobrinho - assim é o seu nome completo - dedicou à vida pública do Rio Grande do Norte, não só a capacidade profissional, mas também o exemplo do caráter, honesto, imparcial, tranqüilo, defensor convicto da Justiça e da Lei.

De Juiz a Promotor, de Deputado Estadual a Chefe de Polícia, Luís Fernandes atinge o patamar mais elevado de sua trajetória - modesta mas iluminada - no momento em que é designado Desembargador do Tribunal de Justiça, do Estado, despedindo-se das lides forenses, 6 anos depois, ao se aposentar em 1915.

Sem vaidades ou ambições de notoriedade, passa a desenvolver sua curiosidade inata de pesquisador, empregando o seu tempo na busca de informações.

E como um Sherlock Holmes da História Colonial do Rio Grande do Norte, vai descobrindo novas pistas, esclarecendo dúvidas, elucidando acontecimentos ainda obscuros, para reavivar na memória de seus contemporâneos, fatos e personagens que já se tornavam quase esquecidos, como Jerônimo de Albuquerque Maranhão, Pedro Velho, Antônio Felipe Camarão e tantos outros.

Sendo um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, seus estudos e ensaios eram publicados, desde 1904, nos primeiros números da Revista Cultural do referido Instituto.

Em 1935, aos 80 anos de idade, morre em Natal, Luís Fernandes.

Um ano depois - 1936 - nasce a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Numa justa homenagem ao valor pessoal e intelectual do Jurista-historiador, seu nome é reverenciado como patrono da cadeira nº 13, na qual Luís da Câmara Cascudo veio a ser o primeiro acadêmico fundador.

Depois desta breve introdução, convido os caros ouvintes para uma viagem sentimental através do tempo, seguindo o nosso itinerário.

rio de lembrança e homenagem pelos caminhos do mestre Câmara Cascudo.

Certamente, muitos aqui presentes conheceram João Alfredo Pegado Cortez, figura de prestígio em Natal, autor expressivo de livros de sucesso, na época, tais como “Cinza de Coivara” e “Beco da Quarentena”.

Ele tinha uma vocação, ou melhor dizendo, uma atração irresistível pela Monarquia, sendo um exímio perito em decifrar árvores genealógicas de antigas famílias brasileiras.

Assim, veio a descobrir que, ele próprio, também tinha raízes aristocratas... descendente dos nobres Miramontes. E como tal, dizia ser o Conde de Miramontes!

Construiu sua casa com arquitetura inspirada no estilo de um velho Castelo Medieval, com sua torre característica, incluindo a defensiva murada de ameias.

Situado no então longínquo Tirol, tendo como áreas circunvizinhas os verdes campos gramados do tradicional e elegante Aero Clube de Natal, uma noite, ali no Castelo do Conde Miramontes, fui promovido a Duque... em cerimônia a que não faltou o leve toque nos ombros, com a ponta da espada, bem como a sugestiva faixa simbolizando o meu novo título de alta nobreza - Duque D'Almada!

Ajoelhado diante do mestre Câmara Cascudo, nessa noite investido no posto de Chanceler-Mor, ou 1º Grão-Vizir daquela Corte imaginária, em dois minutos virei aristocrata... e, evidentemente, ao som festivo de exclamações, brindes e palmas, parecendo uma orquestra de sonoras gargalhadas, onde se destacava a de Câmara Cascudo, como um instrumento de sopro, um tanto estridente, mas... muito bem afinado...

O melhor, daquele belo sonho de uma noite de verão natalense, provavelmente ainda embalado por uma dose extra de vinho, saí do Castelo convencido de que me tornara, realmente, um nobre - Sua Alteza Real, o Duque D'Almada - personagem descoberto por Câmara Cascudo, nos arquivos de sua imaginação romântica, ou de seu profundo conhecimento da ciência heráldica, principalmente a referente a Portugal.

Na minha otimista ilusão, insuflada pela cumplicidade divertida do “chanceler-mor” Câmara Cascudo, aquele meu ancestral Duque D'Almada, bem poderia ter sido um nobre português que, emigrando para o Brasil em fins do século XIX, se transformara no Duque D'Almada - o meu ilustre bisavô lusitano.

É claro que essa bonita estória, com sintoma de Carochinha, não passa de pura fantasia do sonho de uma noite de verão natalense, em tempos idos - aqueles belos tempos, quando, por um simples

toque com a ponta da espada nos ombros, Câmara Cascudo podia transformar um modesto plebeu, num complicado Duque... mas, como ele próprio costumava dizer - “é mentira... mas é gostoso...”

De fato, belos tempos eram aqueles distantes tempos ídos, quando uma simples conversa de 10 minutos com o Mestre, também podia transformar o mau aluno ignorante, em bom aluno ilustrado.

Até que essa alquimia não era assim tão complicada - bastava uma boa conversa, alegre, descontraída... E a transformação acontecia.

O nosso Mestre-Alquimista era um conversador extraordinário, fenomenal. Como dizem os franceses - um brilhante “causeur”.

Era magnético, e sua palavra, irresistível. Em certos momentos, de maior entusiasmo e inspiração, ele falava sem parar, e quase sem dar chance a que outro falasse... não porque o outro não tivesse o direito de abrir a boca para expressar sua opinião, mas porque reconhecia ser mais inteligente permanecer calado... ou seja - melhor ouvir do que falar.

Na verdade, diante do mestre Câmara Cascudo, era mais inteligente não falar a esmo, para não perder aqueles instantes de ouro, ouvindo o que ele tinha a dizer, porque era sempre um assunto sobre o qual, só ele mesmo, poderia ir a fundo e esplanar plenamente.

Enfim, conversar com Câmara Cascudo constituía um modo muito especial e agradável de aprender. Era como folhear um livro... e mais do que um livro, diríamos - uma enciclopédia - onde havia sempre uma resposta para o que se perguntava, mesmo que se tratasse de uma pergunta um tanto rara e capciosa, assim como, por exemplo: “qual a idade daquele velhinho chinês chamado Dalal Lama, que mora naquelas altas montanhas geladas do Tibet?...”

Ou ainda: “qual a população de Adis-Abeba, capital da longínqua e misteriosa Etiópia?...”

Positivamente, Câmara Cascudo não era, de modo algum, falso-modesto. Desprovido de qualquer pedantismo ou vaidade estéril, tinha consciência de sua personalidade ímpar, e cultura acima do comum. Honestamente, não escondia o prazer íntimo de demonstrar que... assim era. E isso contribuía, em parte, para o situar sempre em posição de relevo, junto a seus contemporâneos.

Admirado e respeitado, lá uma vez ou outra poderia surgir uma voz isolada mais dissonante e, evidentemente, menos credenciada,

tentando lhe estabelecer comparação com... Gilberto Freire, por exemplo.

Ora, talento não se mede com fita métrica e, embora trilhando às vezes caminhos mais ou menos paralelos, os expoentes da sabedoria humana não podem ser comparados, pois, eles são únicos, ocupam os seus espaços definidos, específicos. Nascem com a sua quota determinada, de influência, ação e poder. A grandeza de Beethoven nada tem a ver com a de Mozart, assim como a de Michelangelo não tem nada a ver com a de Leonardo Da Vinci.

Desse modo, a contribuição cultural de Luís da Câmara Cascudo é incomparável. No terreno que abordou para plantar a semente de sua inteligência, até hoje permanece como um campeão invicto, soberano absoluto.

Quando muito, o mestre terá deixado uma legião brilhante de fiéis, continuadores de sua obra imensa, que ultrapassa mais de 100 livros, sem contar as incontáveis publicações em revistas e jornais de todo o Brasil, e de muitos outros países.

Mas, ao falar de fiéis seguidores de seus ensinamentos, um nome, pelo menos, entre tantos outros, não pode deixar de ser mencionado - o de Veríssimo de Melo.

E, sem perigo de errar, podemos afirmar que Veríssimo foi o seu aluno dileto.

Se no Impressionismo musical francês Maurice Ravel seguiu o caminho do mestre Claude Debussy - no Folclore brasileiro, Veríssimo de Melo seguiu o caminho do mestre Câmara Cascudo.

Onde estivesse, destacava-se a sua personalidade forte e carismática.

Não era arrogante, mas não se diria que fosse um temperamento modesto, acomodado. Longe disso. Ele sabia, no momento necessário, modular o seu tom mais brando e simpático, para um timbre metálico, absolutamente indiscutível.

Com a segurança de quem sabe o que diz, não aceitava facilmente ser contestado. Sua convicção atingia seus leitores e ouvintes curiosos e atentos.

Cronista atraente, ao mesmo tempo simples e erudito - claro e sábio, durante muitos anos o leitor de jornal, na cidade do Natal, ganhou diariamente o régio presente de uma leitura versátil e interessante, concentrando em poucas linhas, os mais surpreendentes e inéditos assuntos.

Era a famosa crônica intitulada "Acta Diurna" que, atualmente, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande de Norte vem reunindo em volumes especiais, para que as novas gerações de leitores

possam tomar conhecimento deste manancial de informações e sabedoria.

Com o passar do tempo, vim a perceber dois pólos bem nítidos de sua personalidade - o sério e o humorístico - o “mestre” Câmara Cascudo, e o “colega” Cascudinho - pois, às vezes, parecia tão natural e comunicativo, que dava mesmo a impressão de ser um simples “colega de turma” - o mestre identificava-se com o aluno... e era como se também estivesse aprendendo, enquanto ensinava.

Ela amava a Vida - e a Vida lhe retribuía esse amor, através da legião de amigos e admiradores que o cercavam.

Como bem o definiu Diógenes da Cunha Lima era “um brasileiro feliz”.

Não perdia a oportunidade de extravasar o seu bom humor, como se voltasse ao tempo da “peraltice” de menino rico e mimado...

Aliás, para a alegria geral e felicidade de todos... ele encontrou um parceiro ideal - laureado com distinção e louvor em 4 provas da mais alta linhagem - Fidalguia, Fidelidade, Cultura e Travessura - o Senhor Prefeito da cidade, e Exmo. Governador do Estado - Sylvio Piza Pedroza!

E, a propósito, estou revendo na lembrança, um fim de tarde tranqüilo e ameno, dos tempos de Natal cidade amável e pacata - Cascudinho e Sylvio levando para visitar o Teatro Carlos Gomes, um jovem tenente da Marinha, pertencente à guarnição de um navio de guerra, na ocasião fundeado na Base Naval. Assim que viu um piano livre ao palco, o jovem oficial animou-se para tocar o “Clair de Lune”, de Debussy.

De repente, um forte estrondo interrompe os suaves acordes da bela melodia... - Inspirado pelo seu antigo modelo de menino peralta, Cascudinho não resistira à tentação de empurrar uma das tábuas de um cenário encostado na parede, com a intenção deliberada de interromper o que ele estava considerando um verdadeiro assassinato do “Clair de Lune”.

Em meio ao susto e gargalhadas, o simpático “pianista-naval” desiste de exibir a sua “performance”, e deixa o piano em paz... novamente livre e desimpedido.

Devo então enfrentar a insistência do “peralta” Cascudinho, para tocar o “Clair de Lune”. Mas, consegui escapar e não toquei, inclusive, para não deixar ainda mais assustado o corajoso marujo do navio de guerra, no entanto... tímido pianista da suave melodia de Debussy.

Mas, para não deixar incompleta a narrativa deste alegre e “estrondoso” episódio musical, ocorrido naquela tarde pacata e amena, devo esclarecer que, para empurrar a pesada tábua do cenário encostado na parede, o nosso “mestre-peralta” Cascudinho teve que solicitar a indispensável colaboração do braço atlético de seu parceiro ideal - o campeão de tênis, Prefeito e Governador - Sylvio Piza Pedroza!

Uma noite, cheguei no laboratório cultural do Mestre-Alquimista, mas, em vez de perguntar, ele é que me surpreendeu com uma pergunta:

“Você sabe que o vatapá é uma invenção culinária baiana que emigrou para a África?... justamente o contrário do que todo mundo vinha dizendo até agora... que era uma invenção africana que os escravos tinham trazido para a Bahia...”

Saí de lá valorizando aqueles nossos pioneiros mestres-cucas baianos, e com o apetite aguçado para saborear aquela novidade de um vatapá nativo... o que era praticamente impossível, dado o adiantado da hora - 10 horas da noite!... - naqueles bons tempos, hora em que a cidade já dormia, tranqüilamente, na santa paz do Senhor!

Mas, numa janela da Praça 7 de Setembro, havia sempre luz acesa.

Era a janela da sala de estudo e trabalho do mestre - lendo, escrevendo, meditando ao embalo da rede, baforando o seu inseparável charuto.

Era a melhor hora de aproveitar uma boa conversa, depois de sair da sessão das 8 no Cinema Rex e, sem perigo ou sobressaltos, atravessar as ruas silenciosas, aspirando o doce aroma da noite, com fragrâncias de jasmims... que, na época, eram os únicos responsáveis pela “poluição” nos ares de Natal!

Naqueles belos tempos “perfumados...” vocábulos como “assalto e atropelamento” eram raros, talvez mencionados uma vez por ano... se tanto. Era mais fácil temer a aparição de um fantasma noturno... o que me faz lembrar, certa vez, o mestre Câmara Cascudo justificando o ateísmo dos jovens iniciantes das leituras.

“É natural” - disse ele - “Eu mesmo tive a minha fase de herege, para mostrar que já era adulto, e bastante lido... mas, quando eu voltava sozinho, tarde da noite, caminhando a pé pela Jundiá, uma rua bem escura, sombreada pelas mungubeiras, eu apressava os passos e me pegava com todos os santos, me benzendo e rezando para chegar logo em casa, com medo de me deparar com uma alma penada do outro mundo!”

Nesse tempo, o jovem Cascudinho ainda morava na aprazível chácara ancestral de seus pais, situada na Jundiáí, bairro do Tirol. Quando vim a conhecê-lo, já era morador da Praça 7 de Setembro - vizinho do Palácio do Governo. Nas esquinas mais próximas - a Prefeitura, o Armazém Lagreca, a Farmácia do doutor Torres... o famoso professor de Química no Atheneu.

Mas, o Câmara Cascudo que eu vi, pela primeira vez, foi numa sala de aula do recém-fundado Instituto de Música - o sonho dourado do Maestro Waldemar de Almeida que, afinal, se tornara realidade naquele ano de 1932, no Governo de Bertino Dutra, sendo Secretário da Educação o Professor Severino Bezerra.

Instalado na Ribeira, num bonito casarão amarelo de janelas brancas, complementava a harmoniosa vizinhança arquitetônica com o Teatro Carlos Gomes, o Colégio Pedro II, Grupo Escolar Augusto Severo e Escola Doméstica.

No quadro de ensino, Waldemar de Almeida - diretor e professor de piano; Tomazzo Babini - violoncelista italiano, remanescente do saraus musicais promovidos no Palácio pelo antigo Governador Alberto Maranhão; Dulce Walderley, Donana Maria Cicco, Lélia Petrovich - representavam o time das professoras de piano mais tradicionais da cidade; José Monteiro Galvão - violinista de formação carioca.

E... coroando o brilhante elenco docente... Luís da Câmara Cascudo - professor de História da Música!

Imagine-se, meus caros ouvintes!... Naqueles dias distantes da década de 930: em Natal, Luís da Câmara Cascudo - ensinando Música, enquanto em São Paulo, outro luminar da Cultural nacional - Mário de Andrade - também estava exercendo a mesma profissão...

Inicialmente, a classe era limitada a 3 alunos, adolescentes de 12 a 14 anos - Aldo Parisot, Túlio Tavares, e... Oriano de Almeida...

O Câmara Cascudo que eu vi, pela primeira vez, naquela primeira aula de História da Música, era ainda bem moço, na faixa dos 30 anos, compleição robusta, rosto largo de traços retos e regulares, cabeleira espessa, olhos intensamente azuis, voz firme de timbre levemente metálico, falando de um tema que, mesmo nos dias atuais, não será dos mais familiares, para a maioria das pessoas - "A Música Grega".

Lembro bem daquela primeira aula, na qual, além da Acrópole, do Olimpo, deuses mitológicos, cítaras, aedos e rapsodos, tomei conhecimento de que os sons, na música da Antiga Grécia, eram representados por meio de sinais que, só alguns milênios mais tarde se transformariam no "dó ré mi fá sol lá si", das notas musicais usadas em nosso tempo.

Eu, Aldo e Túlio, vimos logo que o nosso professor não era daqueles tipos ameaçadores e, naturalmente, passamos a chamá-lo de Cascudinho. Às vezes, pensando estabelecer maior aproximação e intimidade, tentávamos ir um pouco além da nossa humilde condição de simples alunos, querendo “balançar o coreto...” Mas o Professor acionava logo o seu timbre mais metálico, e restabelecia a disciplina, um tanto ameaçada.

Curioso, é que depois daquela primeira aula com o jovem professor Cascudinho, no decorrer do tempo, nunca mais ouvi ninguém, por esse mundo afora, falar de Música Grega!...

Neste ponto de nosso itinerário sentimental pelos caminhos de Câmara Cascudo, chegamos a um fato interessante, talvez quase desconhecido, referente a um grupo de jovens finalistas do curso ginásial no Atheneu Norte-Rio-Grandense, a esse tempo funcionando, gloriosamente, no seu velho prédio de janelas ogivais, situado na subida da Junqueira Aires, no trecho da balaustrada que, ainda hoje, lá está, resistindo heroicamente, ao impacto das avassaladoras picaretas, e... se balaustradas têm memória, aquela da Junqueira Aires, certamente, ainda lembrará do velho Atheneu de janelas ogivais...

Mas, voltando ao encontro daqueles jovens finalistas ginásianos - eles eram leitores estreados e deslumbrados de... José Lins do Rêgo, Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, Humberto de Campos - e pretendiam ser os futuros poetas e escritores famosos do Brasil!

Para desde logo irem treinando sua adaptação à fama futura, eles imaginaram e fundaram a sua Academia de Letras do Atheneu Norte-Rio-Grandense, seguindo os moldes convencionais da Academia Brasileira de Letras, com patronos e sessões, discursos e debates, só não constando no programa dos estatutos, o famoso “chá das 5”, tão apreciado pelos imortais cariocas, sendo substituído pela inócua água de coco... bem mais condizente com as brisas cálidas nordestinas.

Quando soube dessa novidade - que até parecia uma ousadia, ou mesmo um desafio da juventude risonha, aos sisudos literatos da terra, que não tinham pensado antes em criar a sua Academia - imediatamente o mestre Câmara Cascudo entrou em ação, alertando os conterrâneos intelectuais mais expressivos, para uma atitude decisiva sobre assunto de tal relevância.

E assim, surgia a Academia de Letras do Rio Grande do Norte, enquanto, por conseqüência, desaparecia a Academia de Letras... do velho Atheneu de janelas ogivais. Seus esperançosos acadêmicos seguiram seus rumos, e se transformaram em médicos, engenheiros,

advogados, mas, certamente, nunca perderam aquela sua juvenil atração pelo reino encantado dos poetas e prosadores da Literatura universal.

A breve existência da Academia de Letras do Atheneu ficou imortalizada numa foto, em cuja linha de frente e destaque de honra vemos Luís da Câmara Cascudo ao lado do professor Celestino Pimentel.

Entre os jovens acadêmicos "athenienses"... lá estão, compenetrados e engravatados:

João Wilson Mendes Melo
 Raymundo Nonato Fernandes
 Artur Moreias Dias
 José Batista Emerenciano
 Wilson Miranda
 Geraldo Fernandes de Oliveira
 Rivaldo Pinheiro
 José Arruda Câmara
 Severino Monte
 João Cândido Filho
 - Ao todo, 25 aspirantes à glória da imortalidade literária.

Explicar, analisar, comentar Luís da Câmara Cascudo, sem repetir o que já tenha sido dito, é tarefa quase impossível.

Não dezenas, mas, talvez centenas de estudiosos já disseram, escreveram e continuam dizendo e escrevendo sobre a sua obra monumental.

Zila Mamede - trabalhou intensamente vários anos, tentando sistematizar sua bibliografia.

Com uma clareza e simplicidade admirável, Diógenes da Cunha Lima escreveu "Câmara Cascudo - um brasileiro feliz", no qual sintetiza, de modo completo e definitivo, o aspecto versátil do ser humano, e do mestre fabuloso.

O livro de Américo de Oliveira Costa - é uma coletânea inteligente e objetiva, que abrande os ângulos mais marcantes do pensamento cascudiano.

Enquanto, Gumercindo Saraiva - num trabalho minucioso de pesquisa, conseguiu reunir dezenas de escritos esparsos sobre Música e, tal um garimpeiro, trazer à tona o que muitos, talvez, ainda não soubessem: o Câmara Cascudo musicólogo.

Com a magia de sua câmera fotográfica, Carlos Lyra - preservou para a posteridade, gestos, atitudes, expressões fisionômicas do

mestre - rindo, sério, sentado, em pé, discursando, lendo, escrevendo.

E como um sentinela, alerta e delicado, Enélio Lima Petrovich - através do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, promovendo sessões especiais, publicando livros, comemorando datas significativas, mantém cada vez mais viva e atuante a chama cultural do grande mestre.

Possivelmente, Luís da Câmara Cascudo representa um capítulo inédito no panorama da Cultura universal.

Mais citado como folclorista e historiador, seu espírito, porém, não se acomodava simplesmente a um determinado setor da Cultura. O horizonte de sua imaginação criadora era mais abrangente, e ávido de amplitude para chegar ao conhecimento e análise do Homem e seus problemas, no espaço material e social que o cerca.

Poeta e professor - antropólogo e humanista - escritor musicólogo - cronista orador - conferencista sociólogo - pensador jornalista - entretanto, o seu talento multiforme nunca se afastava da viga mestra fundamental - a pesquisa - porque Câmara Cascudo, na sua essência, era antes de tudo, o pesquisador profundo e curioso.

Vinha daí o ponto de partida para o desdobramento e desempenho de toda sua atividade intelectual. Nada lhe escapava à curiosidade. Para estudo e definição, estava sempre procurando, e acabava sempre descobrindo o mistério da vida e das coisas - da asa multicolorida de uma borboleta... ao chapéu de couro de um vaqueiro.

Como Fernando Pessoa - que precisava de 4 poetas diferentes, para liberar toda a Poesia que lhe inundava a alma - Câmara Cascudo tinha a seu dispor, várias lâmpadas mágicas de Aladim, para liberar os gênios que assumiam o controle escrito do seu pensamento, rápido e eclético.

Assim, encontramos o gênio "poeta" - escrevendo "Canto de Muro", o gênio "historiador" - contando a "História da Cidade do Natal", o gênio "folclorista" - descobrindo os "Vaqueiros e Cantadores".

Mais do que "um provinciano incurável" - como o definiu Afrânio Peixoto - vemos em Câmara Cascudo "um saudável provinciano internacional".

Ele não precisava de trens, navios ou aviões. Das janelas do seu refúgio de estudo e trabalho, podia ver o Potengi ao longe, as dunas brancas, o verde mar, as jangadas, levando sua imaginação e fantasia além do horizonte distante, pelos caminhos dos continentes.

Diríamos também que Câmara Cascudo era um “filósofo jovial”, passeando pelas ruas de Natal, como Sócrates e Platão pelos jardins de Atenas.

Sorrir - estudar - escrever - parecem ter sido os 3 pontos básicos de sua filosofia.

Efetivamente, sua presença irradiava a alegria do bom humor, e o brilho da inteligência. Com ele, era impossível acontecer uma reunião monótona.

Durante todos os dias de sua vida, foi um leitor atento e infalível, o que, felizmente, não chegou a lhe comprometer seriamente a visão.

Escrever - era a sua diversão predileta, a própria energia do seu “tonus vital” - escrever sobre todos os temas, sobre todos os momentos do dia-a-dia, sobre todos os personagens do presente ou do passado, nos quais assinalasse um traço mais expressivo, merecedor de registro.

E assim, dentro de sua filosofia, ele parecia feliz, porque estava fazendo o que gostava e queria fazer.

Era simples, sem ser simplório. Original, sem ser excêntrico. Tinha o seu modo de vestir e falar. De conviver e compreender.

Vivia na sua “torre de marfim”, mas não proibia a quem quisesse subir até lá. E personagem do mundo inteiro, muito importantes, ou... pouco importantes, subiam os batentes cimentados de sua “torre” na Junqueira Aires, a qualquer hora, menos... de manhã, quando o “provinciano internacional” estava aproveitando o sono, que não tivera tempo de dormir à noite... porque andava viajando pelas maravilhosas estradas do mundo.

Em suma, era um cidadão, fascinante. E o fascínio domina, quando o relembramos, correndo o risco de permanecermos falando, esquecidos do relógio, sem vontade de parar.

Mas, estou prevenido contra este risco. E assim, vou terminando de ler as últimas linhas do meu discurso, que, talvez tenha sido menos um discurso, e mais uma palestra evocativa, de um tempo bom e feliz, quando a presença do mestre, parece que clareava nossas idéias, e nos tornava mais confiantes... mais inteligentes...

Também estou prevenido, reunindo forças para conter a grande emoção que me aguarda, ouvindo as palavras de saudação do meu amigo fraterno - Enélio Lima Petrovich - palavras que sei ditadas pela sua eloquência e generosidade, constituindo o meu mais precioso salvo-conduto, para transpor as arcas desta honorável Academia de Letras, indo ao encontro da cadeira vaga nº 13, na qual, espero de Deus a competência para cumprir a missão de representar o meu

caro amigo Cascudinho - o meu caro mestre Câmara Cascudo - o meu caro filósofo jovial Luís da Câmara Cascudo.

E a todos os meus ouvintes, nesta noite memorável de setembro, sou grato pela atenção dispensada.

Natal, 12 de setembro de 1996

SAUDAÇÃO DO ACAD. ENÉLIO LIMA PETROVICH AO NOVO ACAD. ORIANO DE ALMEIDA

Vivemos, nesta noite de luz e de som, instantes de alegria e emoção, num misto de saudade e bem-querer. Sobretudo, de conagração cultural, no aplauso, com justiça, a alguém que, pelos seus méritos de inteligência e erudição, passa a integrar, humilde e gloriosamente, este respeitável templo da Literatura Potiguar, onde se irmanam e se confraternizam os dignitários da sabedoria do humanismo.

A Casa dos Imortais, portanto, embora ainda evocando a memória - não muito distante no tempo - dos que já foram "libertados pela Lei da Morte", para lembrar Camões (Manoel Rodrigues de Melo, o construtor deste palácio, Otto de Brito Guerra, Américo de Oliveira Costa, Antonio Soares Filho e, por último, Veríssimo de Melo), cumpre, nesta hora noturna e quase primaveril, mais um sério e grande compromisso.

Mensageiro da amizade, peregrino do saber, é recepcionado, jubilosamente, com esta magna solenidade, ORIANO DE ALMEIRA, sucedendo, na cadeira nº13, ao mestre fundador LUÍS DA CÂMARA CASCUDO. E ninguém melhor...

Sabe-se que as academias de letras, bem as definem os dicionaristas, "são sociedades ou agremiações com caráter científico, literário ou artístico. O local de reunião dos acadêmicos".

Daí, enfatizarmos: entidades desse nível podem e devem prestar relevantes serviços ao Estado e ao país, contribuindo, de forma decisiva, para o seu progresso sócio-econômico.

Sem cultura, qualquer nação sucumbe.

Vale, por isso, o conceito de Carlos Lacerda:

"Preciso dizer que a mais urgente reforma a fazer no Brasil, aquela que tornará possíveis e úteis as outras, é a que visa a valorizar a inteligência e o caráter."

(In "O Poder das idéias" - pág. 139-3a.ed).

A "Academia", pois, nascida da Escola de Platão, discípulo de Sócrates, como organismo espiritual, se incorpora à comunidade, como o marisco ao rochedo, na disseminação das letras e das artes. Valoriza a própria cidadania, à luz dos princípios democráticos.

Oportunas, então, se nos afiguram também as palavras do saudoso escritor Alceu de Amoroso Lima, na inauguração do Centro Cultural do Brasil - o novo edifício da Academia Brasileira de Letras, a 20 de julho de 1979, de cuja festa participamos.

Ei-las:

“O primeiro dever de uma Academia de Letras é defender o passado, a dignidade das letras, da cultura como um todo; é a defesa dos valores morais sem preço, da liberdade criativa e, através dela, da distribuição da Justiça.”

Quanto à nossa, exerce a sua árdua e sublime missão, desde 14 de novembro de 1936 (já sexagenária). Idéia e ação de seu criador, Luís da Câmara Cascudo, *primus inter pares* da cultura norte-riograndense.

Diga-se, ainda, neste preâmbulo de saudação protocolar:

- Dois requisitos primordiais sobrelevam-se, para o impresso no seu quadro de acadêmicos.

Sim, neste sentido, quem os aponta e ressalta é Diógenes da Cunha Lima, nosso presidente:

1º- Ser autor de livros; 2º- possuir idoneidade moral.

Sem dúvida, esta Academia jamais foi nem será o apanágio ou a tutela da ignorância e da improbidade.

E após estas digressões “ab-initio”, o que, na verdade, nos traz, aqui, é saudar, em nome desta entidade, o novo acadêmico, manifestando-lhe as boas vindas dos eminentes colegas e, por que não? - do próprio Rio Grande do Norte, tão bem representado pelas fisionomias que emolduram este salão nobre.

Antes, porém - convenhamos - afluem as expressões do nosso agradecimento.

Oriano, o seu gesto amigo, fraternal, convidando-nos para saudá-lo, tocou profundamente o coração. A alma genuflexa.

Aceite a gratidão de quem tanto aprendeu a admirá-lo, a seguir os seus ensinamentos, acompanhando, *pari passu*, a sua trajetória no mundo da música e da literatura.

Alfredo de Musset já dizia:

“Foi a música que me fez crer em Deus”. E Ludwig Van Beethoven afirmava:

“A música é uma revelação mais excelsa do que toda a sabedoria”.

Acreditamos ser este o pensamento que o domina.

O exemplo de sua vida, humilde e honesta, esteja convicto Oriano de Almeida, nos entusiasma e nos sensibiliza sobremaneira.

Essas as compensações do cotidiano. A felicidade que chega e se percebe, a todos nos contagiando.

&&&

Agora, o que dizer, essencialmente, através de uma breve saudação de praxe, sobre o Acadêmico Oriano de Almeida?

- Quisera que Deus tivesse nos concedido o dom da concisão, para focalizar e espargir, com amplitude, os aspectos de sua existência e de suas obras, consagradoras e fecundas.

Sem adotar, todavia, a conduta de muitos que atingem o exagero de louvações cortejadoras e pueris, cabe-nos pôr em evidência, com sobriedade, alguns ângulos existenciais que ornaram a personalidade do ilustrado acadêmico, ora empossado.

Calderón de La Barca nos ensina que "o valor é filho da prudência e não da temeridade".

E à sombra dessa assertiva do genial dramaturgo espanhol, seremos mesmo prudentes.

Ora, já se vão mais de três anos - a 20 de abril de 1993, gravamos uma conversa com Oriano de Almeida. Esta uma parte do seu depoimento:

"Nasci em Belém e me criei em Natal. Considero-me bi-cristão. O Veríssimo me disse que eu era biestadual.

Foi aos 5 anos, já me lembro, brincando com o piano, em nossa casa, em Belém.

Meus pais gostavam de ouvir música e minha mãe era pianista. Meu pai fora ator de teatro. Uma voz de tenor. Pela minha vocação, chamaram uma professora.

Depois deles, Waldemar de Almeida foi, realmente, o primeiro grande mestre".

Mais adiante Oriano pondera:

"Tinha eu 17 anos. Terminei o Atheneu e fui muito moço para o Rio estudar medicina. Chegando lá, sabe o que aconteceu?

- Comecei a tocar piano. Fiz as primeiras aparições, ganhando um dinheirinho. Não ficando 6 anos a estudar medicina, preferi a música".

Como Carlyle, talvez pensava o jovem Oriano:

"Acertou quem disse que a música é a língua dos anjos".

Entre as suas grandes emoções, salienta:

"Ao responder "O céu é o limite", em São Paulo - TV-Tupi - 1958, sobre Chopin, dei um concerto no Teatro Municipal. O teatro estava tão cheio que havia gente no palco e 200 cadeiras extras em torno do piano.

Quando estava calmamente interpretando Chopin, eis que choveu em cima do piano. Eram pétalas de rosa multicores jogadas pela assistência".

Destacou ainda Oriano de Almeida:

"Na capital da Polônia, Varsóvia, participei de um concurso, em 1949. Fui classificado com diploma de Honra. Prosseguiram as sucessivas turnês - Itália, França, Suíça, Espanha, dezenas de cidades dos Estados Unidos, Montevideu, Argentina, Paraguai. Enfim, Europa, América do Norte e do Sul."

Aí, lhe indagamos:

E as suas memórias?

Respondeu, em tom irônico, sorridente:

"Ainda não sei, porque já estou perdendo a minha infância."

Conclui-se, dessa forma, quanta sensibilidade impregna-se na alma deste novel acadêmico, honra atual da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Com tantas honrarias, na idade em que os meninos se divertem em brincadeiras triviais, preferiu aprimorar os seus dotes e conhecimentos pianísticos. Mais tarde, no Rio de Janeiro, com Magdalena Tagliaferro, sobre quem escreveu magnífico livro, por nós editado e lançado, em 1993, no Rio, Salvador, Recife e Natal. Edição esgotada.

Eclético, exímio intérprete de Bach, Beethoven, Debussy, Mozart, Ravel, sobretudo Frederic Chopin, aderiu à Escola Romântica.

Anteriormente às excursões ao exterior, percorreu o Brasil, apresentando-se em cerca de 200 concertos.

Autor de uma centena de peças para piano e algumas dezenas para voz e também piano, de sua autoria são os "Prelúdios Potiguares", aos quais dedica grande afeição, pois nasceram de fonte tradicional nordestina.

Durante mais de 20 anos, integrou a Rádio MEC, escrevendo e dirigindo programas de música. Ali, interpretou e gravou a obra completa de Chopin.

Sobre ele, escreveu Heitor Alimonda, titular da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro:

"Oriano de Almeida, há tanto tempo querido amigo e colega. Meu primeiro curso com Magdalena Tagliaferro foi em São Paulo - 1941. Depois, no Rio, até 1945, quando viajei para New York.

Todos esses anos convivemos, soldamos verdadeira amizade e, creio, muita admiração, à sombra daquela personalidade ímpar - a Dona Magdalena.

Aos poucos, a vida de cada um de nós nos levou de cá para lá. O tempo passou e cada um de nós marcou sua

carreira à sua individualidade, às suas aspirações, às suas paixões.

E o Oriano contemplativo, sonhador, poeta mesmo, da música e da vida, ficou na lembrança viva, sempre.”

Por sua vez, o prof. Germano Machado, da Universidade Federal da Bahia, em 25 de outubro de 1993, no lançamento de “Magdalena a dona Magdalena”, em Salvador, enfatiza:

“Exaltando em 1º lugar, Oriano-Magdalena, depois Oriano-Chopin, procurei captar-lhe, de sua essência, pontos ressaltadores, porque não o biógrafo, tantas e tais suas facetas em arte. Na terceira vertente, como em terceiro movimento, distingo que, como artista, como homem, como personalidade, Oriano de Almeida, um brasileiro de zênite, tem o tamanho artístico-espiritual de um continente, como sua pátria brasileira.”

Ah, quão emocional a mensagem de Luiza Maria Dantas Calvacanti, sua eterna aluna e admiradora:

“Oriano, você é música. Você é arte. Arte é vida. É amor. Já imaginaram um mundo sem arte, sem música, sem som?

Mas Deus criou o som, que é divino.

Conheço Oriano pianista, compositor e escritor.

Oriano de Chopin, de Liszt, de Beethoven, de Mendelssohn, de Waldemar de Almeida. Oriano de Oriano.

Gostaria de, neste momento, ser Joseph Elsner para fazer-lhe uma cantata, como ele fez para Chopin.

Talvez em Lilian e em Iris Bianchi estão muito de suas inspirações.” (22-12-93-IHG/RN).

Aliás, eis o que transmitiu a sua esposa Iris:

“Querido Oriano:

Lamentando muito não poder estar presente a essa significativa e merecida homenagem que você recebe hoje, tornando-se membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, faço de Enélio, nosso fraterno amigo, o portador de minha admiração e respeito pelo imenso artista que você é. Meus agradecimentos pelos muitos momentos de encantamento e êxtase que seu piano e sua música me deram e sempre me darão.

Abraço com carinho e afeto de Iris”

De Silvio Pedroza, velho confrade, esta a palavra:

“Oriano é o homem e o artista que, em boa hora, a Escola Nacional de Música, através de seu plano de intercâmbio cultural, entre Rio e Rio Grande do Norte, foi

buscar em seu exílio voluntário, na ensolarada Natal, para lançar seu livro "Magdalena dona Magdalena". Quero dizer-lhe, Oriano, em nome de todos os presentes, que a força de sua carreira, a mensagem de sua arte, transmitida principalmente à juventude, o exemplo de sua personalidade e de seu carisma, estão vivos e permanentes na memória artística de nossa terra. Quero também lembrar-lhe a lição de Proust, de que as coisas que construímos ao longo da vida, com dedicação e fé, permanecem indestrutíveis e podem sempre ser recuperadas. A procura do tempo passado será, portanto, e sempre, a procura de nossa verdade." (Rio - 17-09-93).

Realmente, "Oriano é um dos maiores nomes da música erudita nacional. A sua história está em livros, revistas, programas de concertos. Como podemos, desde logo, perceber, há em Oriano de Almeida um estofo de um grande memorialista.

Ele se impõe diante de nós e se revela tão digno de nossa admiração, como escritor, como sempre o foi pianista e compositor.

Não estamos diante de um artista que se quer mostrar, também, intelectual. Mas de um autêntico homem de letras, durante tantos anos embutido no artista e que, só agora, nos vagares da merecida aposentadoria, encontra tempo e oportunidade de se expandir em textos vivos, ágeis, cheios de flagrante e verdade humana", conforme o escritor, amigo e acadêmico pernambucano Lucilo Varejão Filho.

Mas, agora, de novo, o próprio homenageado fala a respeito do mestre Câmara Cascudo:

"Um sábio, simples e jovial. Gostava de Cascudo. Grande amigo. Tão amável. Ele despertou em mim essa veia de pesquisa, de história. Estou sentindo a energia sentimental dele. A capacidade intelectual sei que é difícil. A paixão pela cidade de Cascudo é a mesma". (Tribuna do Norte - 26-11-94)

O saudoso Veríssimo de Melo, o nosso Vivi inesquecível, lendo e escrevendo para deleite dos santos, certa vez perguntou-lhe:

- O que pensou em saber que iria substituir Cascudo na nossa Academia de Letras?

Oriano respondeu:

"Se é mesmo verdade o que dizem, é possível sonhar de olhos abertos".

E você tem medo da morte?

De pronto Oriano comenta:

“Eis um assunto que não tenho pensado. Mas, se um dia (remoto) for convidado a fazer turismo no “outro mundo”, espero conhecer Carlitos e Greta Garbo”. (Tribuna do Norte - 04-11-95).

“Um talento reconhecido”, como assim o considerou, em entrevista de 29 de agosto findo (Tribuna do Norte), a jornalista Rosa Lúcia de Andrade.

É que ocorreu, naquela data, o lançamento do seu livro “Um pianista fala de música”, em nosso quase secular Instituto Histórico e Geográfico, ao qual Oriano de Almeida pertence, como sócio efetivo, desde 27 de março de 1984.

Um livro de 142 páginas (edição CEJUP - Belém do Pará), onde Oriano focaliza vários temas, em cores vivas e estilo ameno e fascinante.

Lendo-o, como quem se extasia com o luar ou o pôr-do-sol, sentimos conviver com um Bach, Chopin, Vivaldi, Mendelssohn, Magdalena Tagliaferro, Debussy, Vila Lobos e tantos luminas da música clássica e maravilhosa.

Dedica-o, carinhosamente, à sua filha Lilian, ao genro Thomas e aos netos Nicolás e Lucas Provençal, residentes no Canadá.

Neste ensejo, digno de referência outro livro: “A Música através dos tempos” - 1991, com apresentação do acadêmico e consócio Jurandir Navarro, aqui presente, na qual se lê este trecho:

“Hoje, ele vive as suas memórias de virtuose do teclado. Goza o ócio merecido de que falavam os romanos, numa vida plácida, escrevendo para a posteridade lições magníficas do gênero artístico que o encantou, transmitindo aos mais moços a doce sabedoria haurida dos seus estudos e da sua inspiração criadora.”

Se Oriano de Almeida nos presenteou esses livros, já está composto “Paris - nos tempos de Debussy”, e, para muito breve, “Do inverno ao outono (o jovem Chopin)”. Edições do nosso Instituto Histórico e Geográfico. Há, ainda, inéditos, contos, poesias e reflexões.

O “Grupo Corpovivo”, ao comemorar 10 anos, em maio findo, prestou-lhe significativa homenagem, e os seus bailarinos, à frente Diana Fontes, dançaram ao som da música de Oriano de Almeida.

Mas, a seguir, façamos uma pausa. Por alguns minutos silencia a nossa voz, já bastante emocionada.

Outra voz, mais sentimental e terna, ressoará na amplidão e beleza deste ambiente de escol.

No ato I, cena I, da ópera “Barbeiro de Sevilha”, fomos buscar esta frase:

“O que não vale a pena dizer-se, canta-se”.

Ouçamos a saudação filial de Lilian:

“Queridos amigos, reunidos na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, na linda cidade de Natal:

Neste dia de hoje me uno a vocês em espírito e coração para homenagear este grande Mestre que é meu pai.

Oriano - seu nome já soa como ouro, sinal talvez da intensa luminosidade que se manifestaria em sua vida desde a infância.

O menino de cabelos dourados e grande talento musical deu lugar ao jovem pianista de sonoridade única. Compositor de melodias fluidicas, a maturidade encontrou Oriano ampliando sua capacidade expressiva. E ao músico de grande cultura aliou-se o escritor.

Escrevendo, papai circula com graça e maturidade pelo mundo dos grandes Mestres da Música, justamente por também ser um deles. Nascido no reino dos poetas, transmite sentimentos com simplicidade e infinita poesia. Seu último livro “Um pianista fala de Música” é um caleidoscópio de fatos e emoções, sempre surpreendente em seu belo colorido.

Quando criança, sempre ouvi dizer que papai era capaz de produzir sons divinos, mesmo quando tocando em pianos precários e inóspitos. Como que arrancando leite das pedras, pudesse transmutar as dificuldades terrenas e expressar uma verdade maior, divina.

E é assim também que percebo Oriano: como um espírito luminoso que, mesmo encarnado nesta nossa Terra, parece ainda pertencer a uma esfera maior, transcendental. Uma esfera que engloba a fragilidade e sabedoria dos seres que, com as asas da sensibilidade, voam perto demais da luz.

O pai Oriano sempre foi terno e amoroso. E sempre incentivou as expressões do meu espírito. Pai coruja, mandou emoldurar desenhos que fiz aos 4 anos. Quando resolvi cursar História, papai apoiou integralmente minha escolha. Enquanto, alguns anos depois de formada, quis abandonar um emprego seguro no Arquivo Nacional e me dedicar ao ensino de Yoga, papai também apoiou integralmente minha decisão. Por acreditar em meu sonho, papai ajudou-me a realizá-lo.

O avô Oriano nos encantou, a mim e a Thomas, com sua habilidade em penetrar de forma delicada o mundo mágico da criança. Observá-lo brincando e conversando com os netos Nicolas e Lucas foi para nós verdadeiro deleite.

Entre nós, pai e filha, existe afinidade emotiva: sentimos de modo parecido. E se a distância física marca nossa vida, uma grande proximidade espiritual caracteriza nosso relacionamento.

E hoje, separados pelas águas do Pacífico e pelas circunstâncias da vida, nos unimos na eterna fluidez da Música e no pulsar de nossos corações.

A música de papai iluminou minha vida como um raio de sol. A sua Canção de Lilian, composta na ocasião do meu nascimento, é um dos mais lindos presentes que já recebi.

E hoje, retribuindo esta graça, ofereço esta minha modesta interpretação da nossa canção.

*Ao meu querido Mestre e Pai Oriano,
Com amor da sua
Lilian."*

No mundo que hoje se vive e se sofre, são raros estes instantes de júbilo e de emoção. De luz e som, num misto de saudade e bem-querer.

Repetem-se, neste arremate, as mesmas palavras exordiais, desta saudação.

Felizes estamos nós, reunidos, nesta romaria lírica e telúrica, assistindo, espontânea e fraternalmente, à posse de Oriano de Almeida, na cadeira nº 13, sucedendo ao fundador, inolvidável, Luís da Câmara Cascudo, eleito que fora, à unanimidade, em assembléia geral dos acadêmicos, de 15 de dezembro de 1994.

Acadêmico Oriano de Almeida:

Esta a nossa saudação, em nome deste Palácio da Cultura Literária Norte-Rio-Grandense. "Casa Manoel Rodrigues de Melo", aprovada em assembléia geral de 2 de abril de 1993.

Tentamos, Acadêmico Oriano de Almeida, registrar e enaltecer, fielmente, sem quaisquer resquícios de afetação ou de sentidolouvaminheiro, o seu testemunho de vida, modesta e profícua, numa perspectiva alvissareira para a contemporaneidade e o porvir. A sua imagem de humanista e sábio, como lição maior, intérprete perfeito da música erudita. Samaritano das coisas boas e belas desta existência tão fugaz.

Releve-nos, se o limite de nossa capacidade não alcançou os fins propostos.

Tudo, porém, compreenda Acadêmico Oriano de Almeida, brotou da junção mente e espírito, sob a égide de uma amizade voluntária e respeitosa.

Esta Casa, agora e sempre, é sua, para honra, grandeza e projeção da Cultura potiguar e brasileira.

Todos nós o acolhemos, ad perpetuam rei memoriam.

Seja bem-vindo, sob as bênçãos de Deus

Natal, 12 de setembro de 1996

VI

Colaboração dos Amigos da Academia

السلامة العامة
والصحة العامة

HOMENAGEM PÓSTUMA A OTTO GUERRA

Por Múcio Vilar Ribeiro Dantas

“O homem é um resultado, uma conclusão e um produto das circunstâncias que o envolvem, circunstâncias de clima, de alimentação, de ocupações, de Religião, de Política, de Arte, de Cultura”. (EÇA DE QUEIROZ, Correspondência de Fradique Mendes).

Nesta síntese admirável de um dos maiores escritores da língua portuguesa, vemos surgir, palavra por palavra, renascendo do pó, do vento, das nuvens, a imagem do grande homem que foi **Otto Guerra**, em vida e amor, e que é exemplo, símbolo e saudade, nessa extensão imorredoura do espírito de nossa gente e de nossa terra.

Alguém disse, com muita propriedade, que *“a vida é uma bela saudade”*. E é essa saudade que nos faz remexer no baú das lembranças e de lá retirar, do álbum de recordações, o instantâneo do nosso primeiro encontro com essa figura cativante, de apóstolo e evangelizador.

Lembramos bem. Foi em 1951. Mal saído da Faculdade de Direito do Recife, fomo-lhe apresentado, ou melhor identificado – pois o seu convívio aberto e fraternal dispensava apresentação – pelo velho mestre e sábio desembargador, professor e jusfilósofo **FLORIANO CAVALCANTI**, admirável e saudoso amigo, com quem conversávamos na companhia do professor **EDGAR BARBOSA**, artista da palavra e estilista do mais puro quilate. Esse encontro aconteceu, no pátio do Tribunal de Justiça, hoje sede da OAB. Para gáudio nosso, eles deitaram raízes e ocuparam lugares cativos em nosso coração, e o passar dos anos só fez multiplicar o apreço que lhes devotamos, à medida que mais lhes descobríamos os méritos e virtudes. E, mais adiante, na Faculdade de Direito da velha Ribeira, cultivávamos, a cada manhã, nos jardins da Cultura, as flores da Poesia, as raízes da Filosofia, os ditamos da Sabedoria, os fluidos da Fé, os mistérios da Religião, os imperativos do Direito, os postulados e os métodos do Saber e da Educação.

Quanta saudade! Que belíssima saudade!

Da mesma forma a quem, no sopé da montanha, volta os olhos para o Alto, e se vê e se sente transubstanciado em matéria e espírito, essa proximidade fez-nos edificar ante o talento, a grandeza e a bondade de **Otto Guerra**.

PAUL CLAUDEL, disse, ao término da leitura das obras do autor de *UNE SAISON EN ENFERN*: “Muitos escritores me instruíram. Só Rimbaud me construiu”. Parafrazeamos o Iluminado.

Dos que exerceram o magistério superior, cremos que poucos, pouquíssimos como nós, experimentaram as benesses e os favores de sua atmosfera espiritual, profundamente sábia e humana. Daí a razão, única talvez, que nos fez aceitar, sem reflexão e também sem relutância, a ingente tarefa e não menos excelsa honra, de evocar a figura e louvar a missão de quem foi, durante oitenta e três anos, em nosso chão, serras e vales, o legítimo intérprete da sagrada palavra do Senhor, e o mais autêntico anatomista da alma. Tentaremos falar-lhe a respeito.

Os atributos que ornaram o perfil do verdadeiro advogado podem estar sintetizados na probidade, diligência, delicadeza e discrição. Eis, sem maiores reboços, os pilares da personalidade de **Otto de Brito Guerra**. E, se o quiserem ver ainda, como se tivesse servido de modelo a *RUY*, que se leia na **ORAÇÃO AOS MOÇOS**:

“Legalidade e liberdade são as tábuas de vocação do advogado. Nelas se encerra, para ele, a síntese de todos os mandamentos. Não desertar a justiça nem cortejá-la. Não lhe faltar com a fidelidade, nem lhe recusar o conselho. Não transfundir da legalidade para a violência, nem trocar a ordem pela anarquia. Não antepor os poderosos aos desvalidos, nem recusar patrocínio a estes contra aqueles. Não servir sem independência à justiça, nem quebrar da verdade ante o poder. Não colaborar em perseguições ou atentados, nem pleitear pela iniquidade ou imoralidade. Não se subtrair à defesa das causas impopulares, nem à das perigosas quando justas. Onde for apurável um grão, que seja, de verdadeiro Direito, não regatear ao atribulado o consolo do amparo judicial. Não proceder nas consultas, senão com imparcialidade do Juiz nas sentenças. Não fazer da banca balcão, ou da ciência mercatura. Não ser baixo com os grandes, nem arrogante com os miseráveis. Servir com altivez aos ricos e os indigentes com caridade. Amar seu lugar, estremecer o próximo, guardar fé em Deus, na verdade e no bem.”

Tão nobre apostolado teve em **Otto Guerra** um fiel pregador, com a palavra falada e a escrita estilizada. Fomos testemunha dessa missão, todos os que tiveram a ventura de conhecê-lo e seguir-lhe as pegadas nos caminhos do Direito. Porém isto deve ficar escrito e, em voz alta, também ser dito, e que o ouçam os demais, para memória

dos contemporâneos e exemplo aos pósteros, e que sirva de diploma a seus filhos, como quinhão maior da herança paternal – **Otto de Brito Guerra** foi um apóstolo do Direito. Ensinou o **Direito** com a **Fé**, e pregava a **Fé** com o **Direito**.

Um dos atributos mais notáveis de sua personalidade foi a cativante faculdade de fazer amizade. Sempre fomos amigos, desde que o conhecemos, e, de repente o admiramos. Nascidos ambos em Mossoró, ele e eu, naquele instante de nosso encontro primeiro, parece que o destino se incumbiu de nos fazer, não apenas contemporâneos, mas sobretudo conterrâneos, pela marca de chão que imprimimos em nossas vidas. A amizade, que gera a confiança recíproca, fez-nos falar freqüentemente dos casos pessoais, jubilosos ou tristes e das nossas causas particularmente difíceis. Trocávamos confidências e confessávamos impressões. Religiosos praticantes – desta religião que se nos infiltra através do leite materno, se purifica no amor do próximo, e se transubstancia no culto ao Criador – acolhemos os triunfos que, para ele, foram inúmeros, e sempre merecidos, sem orgulho nem vanglória.

É essencial, no entanto, que se distinga a bondade. Há a bondade que se fez e há a bondade que se sente. A bondade feita quase sempre é uma atitude, a bondade sentida vem do âmago, tem raízes, irradia das seivas do ser, e antes de beneficiar os outros, consola o nosso próprio coração, de onde emana, brota e paira. Essa a bondade de **Otto Guerra** que se aninhava e se reproduzia em sua alma sensível, generosa, fértil e prolífera.

Com seu coração, ele fez seu auto de fé. Jamais exerceu a vida, a profissão e a missão, procurando êxitos materiais, bens ou fortuna. Se, por temperamento, já não era ambicioso, o transcorrer dos anos fê-lo um incapaz no mundo dos negócios e no mercado das ambições. Seu trabalho foi todo intelectual, seu ofício todo solidário, sem desejo de remuneração, de ganho ou de lucro fácil, ou de qualquer natureza. Outro homem com igual perspicácia e cultura, com as magníficas qualidades de caráter e honradez, mas com espírito objetivo e sem a natural timidez, teria galgado todas as posições, construindo patrimônio inavaliável, porém menos feliz, menos realizado, menos em paz consigo mesmo.

Ele não sabia nem queira a fé apenas como instrumento de realização pessoal, de purificação intelectual, de ascensão aos mais altos patamares da perfeição espiritual, se esse trajeto tivesse de ser percorrido sozinho, sem repartir com sua geração o pão e o vinho da solidariedade divina e da bondade humana, através da ação, da pregação, da divulgação da Doutrina Social Cristã, que se estratifica no

mandamento maior que é a rocha que sustenta todo o edifício da Igreja: “*amai-vos uns aos outros, e ao próximo como a vós mesmos*”.

As várias faces de inteligência polivalente e cósmica fizeram dele um ser participante, convocado por todos os segmentos criativos da sociedade, para as múltiplas tarefas da organização, direção, comando e objetivos do saber e da cultura social e política.

A valiosíssima contribuição para as grandes metas sociais pode ser medida pelas atividades em setores fundamentais, importantes e vitais, para o desenvolvimento sócio-político da comunidade, da sociedade e da civilização. Nas três profissões que exerceu com intenso brilho e invulgar vocação – jornalista, professor e advogado – foi mestre consumado, e o exercício simultâneo e concomitante de todas elas, completa a formação desse tipo emblemático que é o intelectual, o que usa as profissões para o aperfeiçoamento do espírito, do ideal, do saber e da inteligência. **Otto** foi aquilo que se convencionou chamar de um intelectual da mais completa gama e do mais puro jaez.

OTTO – O JORNALISTA

Jornalista, desde os tempos de estudante, foi por toda longa e fecunda existência um gladiador da palavra, um esgrimista da frase, um combatente sempre a postos na defesa da fé, nas pugnas pelo desenvolvimento do Nordeste, na busca de soluções para enfrentar as calamidades climáticas, no combate às secas, não só para mudar os ciclos da natureza, com descobertas artificiais, mas sobretudo no sentido de minimizar os dolorosos efeitos e as catastróficas consequências para o **homem e seu ambiente**, naquilo que ele tem de mais ingente e irrefugível, que é a sobrevivência de familiares e da geração. Foi um admirável e incansável lutador no combate à fome, esse inimigo maior da raça e da criatura, que dizima multidões, condena povos à escravidão, à exploração e ao extermínio, e reduz o ser, imagem e semelhança de Deus, a um objeto, um animal inferior e um acidente na paisagem e na natureza.

A luta contra a seca, a fome, a miséria e a pobreza, a marginalização da criatura e a transformação em **pobre total**, pobre de bens e de espírito, foi o traço mais marcante de sua rica personalidade, e usou toda a riqueza da alma para salvar da dor extrema o corpo dilacerado e esqualido dos sem terra, sem pão, sem lar, sem amor, sem esperança e sem destino.

A luminosa missão no jornalismo teve o apogeu no jornal **A ORDEM**, que circulou por quase trinta anos (1935-1963), e que o teve como redator-chefe e diretor. Seus artigos e editoriais, eram transcri-

tos em jornais de Fortaleza, João Pessoa, Maceió e Porto Alegre, e esse jornal projetou o nome de nosso Estado no País e no Exterior. Foi fundador, ao lado de D. EUGÊNIO DE ARAÚJO SALES e de D. NIVALDO MONTE, da emissora da Educação Rural, colaborando com comentários especiais sobre temas do campo, da agricultura, da família, da propriedade e da religião. A atividade jornalística abrangente, variada e vasta, fê-lo articulista do **DIÁRIO DE NATAL** e do jornal **TRIBUNA DO NORTE**, sempre aos domingos, e no Suplemento Literário, e da inesgotável fertilidade ainda sobravam artigos para o jornal católico **A VERDADE**, o Boletim da Arquidiocese de Natal, e revistas especializadas, abordando freqüentemente os temas palpitantes do momento, e os assuntos de sua permanente predileção e competência – a Seca, a Doutrina Social da Igreja, o Direito, a Sociologia e a Família.

Os seus artigos eram lidos por expressivo número de leitores, não só pela propriedade de linguagem e singeleza de estilo, mas sobretudo pelas colocações lúcidas, objetivas, simples e desataviadas de termos rebuscados, mas de uma clareza de interpretação e de uma força de argumentação que beiravam o saber evangélico, a visão profética, a experiência humana e a vocação divina.

OTTO – ADVOGADO E PROFESSOR

Otto Guerra foi um dos pontos culminantes de nossa orografia forense. Advogado de militância inquebrantável e perene, defendia com entusiasmo as difíceis e sofridas causas dos desassistidos e desamparados, dos pobres sem terra e sem teto, dos excluídos, como ele os chamava, escravos brancos de uma aristocracia rural decadente, de um imperialismo sufocante e de um capitalismo, selvagem, corrupto e corruptor.

O exercício da advocacia para ele era o cumprimento de uma missão que lhe fora destinada, engrandecida pela formação profissional, aliada a uma vocação liberal que sentia latente na inteligência e na consciência, aprimorada nas leituras e nos exemplos colhidos no lar e na história e que lhe nortearam o itinerário de líder, intelectual, religioso e social.

Ele foi um advogado nato, evocava para si todas as causas que vinham carregadas de conteúdo social, de direitos elementares ao homem sobre a terra dada por Deus para que cada um realizasse a posse, construísse a morada, criasse a família e plantasse sonho, esperança e futuro.

E tudo **Otto** o fez com solidariedade, urgência, dedicação, devoção e amor. Tinha pressa em realizar as tarefas para as quais se sentia predestinado e, certamente, leu em ÉMILE LITTRÉ:

“Quem deseja fazer emprego sério da vida deve sempre agir como se fosse viver por muito tempo e comportar-se como se fosse morrer proximamente.”

Mais do que advogado de pessoas isoladas, de questões individuais e ações solitárias, em que se disputam interesse personalistas, foi defensor espontâneo, voluntário e impertérito de classes, de reivindicações coletivas, de organizações e comunidades, onde o social sobrepairava ao individual, onde todos tinham fome e sede de Justiça, de Paz, de Amor e de Eternidade.

Eram um **homem solitário** na mais ampla, abrangente e gregária concepção da palavra. Desde a **“Associação de Apoio às Comunidades do Campo”**, passando pela **“Pontifícia Comissão de Comunicações Sociais”**, até a **“Comissão sobre Direito das Crianças, Adolescentes e Deficientes”** da OAB, pertenceu a todas elas, prestando serviço gratuito, pondo o talento, a palavra e a ação a serviço de Deus e do Homem. Um dos mais belos e gloriosos episódios de sua vocação aconteceu em 1948, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, quando foi orador da Sessão Magna de Instalação do **Congresso Eucarístico Nacional**, pronunciando conferência pública sobre o tema *“A Eucaristia e a Ordem da Pessoa Humana”*, projetando seu saber e missão, nacional e internacionalmente. Em 1959, foi alçado à condição de **Comendador da Ordem de São Gregório Magno**, por designação do Papa Pio XII.

Portou em toda a carreira de advogado militante, consultoria gratuita a religiosos e paróquias, quer pessoalmente, quer escrevendo artigos de fundo, respondendo consultas no *Boletim da Arquidiocese de Natal*.

Na profissão de advogado, manifestava especial predileção pelo **Direito Civil**, especialmente o **Direito de Família**, onde se destacava pela orientação e assistência que oferecia aos necessitados de justiça, de paz, de amor, de harmonia e de convivência. Aí ele ensinava o Direito e a Liberdade, e como professor ensinava a Liberdade e como advogado defendia o Direito. Essa sua dupla atividade fê-lo viver episódios memoráveis, dentre os quais se destacou o nunca assaz citado ato de bravura com que enfrentou as milícias ditatoriais quando se atreveram a prender estudantes considerados subversivos. Nesse momento, levantou-se o professor e advogado, pronunciando a frase perfeita e colocando-se como obstáculo físico aos prepotentes:

“Na minha Faculdade só entra quem fez vestibular”.

Quando a **ditadura militar**, chamada de **Revolução**, chegou ao esperado e desejado fim, ele pode declamar com toda a força da alma o verso do querido poeta e íntimo de Deus, o imortal MURILO MENDES:

“Voltem de novo os lírios do vale em lugar dos fuzis!”

O professor **Otto Guerra** foi, em sua época, o mestre perfeito, aquele que melhor e mais intimamente se comunicava com os alunos, e transmitia os conhecimentos com uma simplicidade e naturalidade que empolgava os discípulos. Discorria os temas mais profundos e controvertidos com uma cultura e erudição de quem penetrou o âmago da natureza e o segredo da vida, e com aquele **saber da experiência feito**, que confirma a beleza, verdade e sabedoria do verso camoniano.

Ensinou o Direito, a Ciência Social, a Doutrina Cristão, a Filosofia e a Arte de Viver, com um acervo de conhecimentos hauridos na biblioteca particular, de cerca de vinte mil volumes, onde morava dia e noite, em que plantava, colhia e reciclava formidável bagagem literária, guardada nas estantes, nos arquivos e na mente criadora, verdadeiro dinamismo a gerar idéias, impulsionar novos conceitos, burilar frases e dar outras formas e estilos ao eterno pensamento humano.

Ele chegou à perfeição ao confirmar conceito preciso de GIUSEPPE TONIOLO, catedrático da Universidade de Pisa, professor de WERNER SOMBART, quando cunhou em uma só frase, todo o ideal, espírito e corpo da Justiça:

“De cada um conforme suas possibilidades, a cada um conforme suas necessidades.”

O saber brotava-lhe da alma e dos subterrâneos da consciência como uma árvore de fundas raízes, e corria tranqüilo e manso como uma caudal na planície, espalhando as águas e o limo que colmatam, fecundam, germinam, criam, alimentam e renovam a natureza e o homem.

Professor emérito, ministra aulas em todos os graus de ensino, com a mesma simplicidade de quem debatia uma tese entre colegas, de tal sorte que se confundia com os discentes, em cuja companhia se sentia mais natural e mais à vontade, considerando-se sempre um eterno aprendiz.

Ensinou em quase todos os colégios religiosos da capital. Foi um dos fundadores da **Escola de Serviço Social de Natal**, posteriormente integrada à Universidade, e ali ministrou a **Doutrina Social da Igreja**. Essa mesma matéria, professou no Instituto de **Teologia e Pastoral da Arquidiocese de Natal**, no curso superior do **Seminário** e no **Curso de Teologia** dos Irmãos Maristas (extensão da PUC do Paraná).

Foi professor da Faculdade de Direito – Diretor durante dez anos; e, a seguir, Vice-Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por dois mandatos; da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, ensinando Geografia Humana, e professor de Sociologia da Fundação José Augusto. Integrou com brilhantismo o Conselho Estadual de Cultura e exerceu o honroso e nobilitante título de Consultor da Pontifícia Comissão de Comunicações Sociais, em Roma.

O INTELLECTUAL E ESCRITOR

A fusão, em um só ente, de todas essas atividades da inteligência, jornalista, advogado e professor, só poderia plasmar e gerar o escritor, um operário intelectual, autor de mais de vinte livros, de estudos e ensaios, tratando dos temas do dia-a-dia, do quotidiano mágico que transformava o semi-árido em vale, a seca em paisagem verde, a dor em esperança, a terra em paraíso, na visão encantatória do eterno apaixonado pela sua gente, pela sua terra e pelo seu ideal.

A síntese maravilhosa da personalidade do escritor vinha-se estratificando desde a adolescência com os primeiros escritos para jornal, as primeiras entrevistas, as primeiras pesquisas, os primeiros discursos e conferências em todas as instituições a que se filiou, às que se ligou por convocação de amigos e admiradores, e por espontânea militância, pois em todas essas atividades ele sempre foi um ativista de vanguarda, um fiel escudeiro do Senhor, e verdadeiramente, um peregrino de Deus.

A Congregação Mariana, de fundo essencialmente religioso, terá sido a associação pioneira a que se vinculou, atraído pela vocação e adesão às causas justas, educativas, construtivas e formadoras de líderes e de personalidades, e lá se ligou ao Professor Ulisses de Góis, sua grande admiração e amizade.

Sentindo o chamamento do ideal sócio-político, identificou-se, à primeira vista, com o Integralismo, movimento de ação solidária que depois sofreu distorção de caráter doutrinário. O que o atraiu no Integralismo, por seu assinalado dístico *Deus, Pátria e Família*, foi, sobretudo, o conteúdo ideológico e a inspiração nacionalista, aliado a um elenco de pensadores liderados nacionalmente por ALCEU DE AMOROSO LIMA, da mais alta significação literária e eminência filosófica, além de acendrado catolicismo, e aqui, no Estado, por CÂMARA CASCUDO, o mundialmente famoso esgrimista da palavra, escavador da história e escafandrista da origem, migração e fixação do homem ao *habitat* e ao território humano.

Nascido em 1912, com apenas vinte e um anos, em 1933, já se formara em Direito, na Faculdade do Recife, célebre por ser uma usina de idéias, para onde todas as correntes de pensamento, escolas filosóficas e doutrinas políticas, convergiam como afluentes desse caudaloso rio em que se encontravam as revelações e navegavam as revoluções, instrumentos maiores e mais fortes de realização dos ideais de transformação, conquista e nascimento de uma civilização inspirada e plasmada na paz, na felicidade e na plenitude da criatura humana, feita à imagem e semelhança do Criador.

Ali conviveu com ÁLVARO LINS, LUÍS DELGADO, JORSÉ CARLOS DIAS, OTACÍLIO ALECRIM, GILBERTO OSÓRIO, GONDIM FILHO, ANDRADE BEZERRA, GERVÁSIO FIORAVANTI, MÁRIO NEVES BATISTA, MÁRIO PESSOA, ARNÓBIO TENÓRIO, ERNANI SÁTIRO e tantos outros que enriquecem a vida acadêmica e a tribuna pública do Nordeste, com sede em Recife, e na **Faculdade de Direito do "Parque 13 de maio"**, famosa por sua participação revolucionária desde o **Movimento Abolicionista Brasileiro**.

Suas ideais floresceram adubadas pela seiva que fluía dos escritos de intelectuais da estirpe de EUCLIDES DA CUNHA, tendo sido "Os Sertões", a paixão literária maior, o catecismo cívico e o breviário social. Paralelamente a essas descobertas, ia aperfeiçoando a formação religiosa e filosófica no convívio com os jesuítas, no Recife, cuja ordem passou a freqüentar diariamente ao Colégio Nóbrega, com acesso pleno à famosa biblioteca da Congregação, onde tomou conhecimento das Encíclicas e se aprimorou nos estudos, sob o aconselhamento do célebre Padre FERNANDES.

A fome e sede de saber cresciam-lhe a cada dia, e devorava todos os livros ao alcance, ajudado por uma memória prodigiosa. Via tudo o que era favorável à filosofia e concepção do mundo. Também lia o que lhe era contrário ao conceito de vida e ideal, pois sempre teve como lema a metodologia dialética esteeda no axioma:

"Para se combater uma idéia é preciso conhecê-la."

Ídolos e companheiros, mestres e parceiros, foram-lhe EUCLIDES DA CUNHA, OLIVEIRA VIANNA, ALBERTO TORRES, LEONEL FRANCA, PLÍNIO SALGADO, ALCEU AMOROSO LIMA, ÁLVARO LINS, JACKSON FIGUEIREDO, ELOI DE SOUZA, HERÁCLIO VILAR RIBEIRO DANTAS, AFONSO BEZERRA, NILO PEREIRA, FLORIANO CAVALCANTI, CÂMARA CASCUDO, SEABRA FAGUNDES, CUSTÓDIO TOSCANO, HÉLIO GALVÃO, NAZARENO AGUIAR, JOÃO WILSON MENDES MELO e muitos outros. No campo específico das pesquisas sobre fome, secas e fenômenos climáticos que abalaram o semi-árido, partilhava dos estudos e pesquisas de RODERIC CRANDALL, RALPH SOPPER e CARPER BRÜNER. E acima

de todos, e com especial devoção e fé, iluminavam-lhe o caminho, o pensamento mais alto e puro de PAULO VII e JOÃO PAULO II, que lhe consolidavam o dogma da fé e o estimulavam na peregrinação, que já era um caminho feito de verdade e vida e o tornavam uma espécie de apóstolo, artesão da paz, patriarca e profeta, uma autêntica personagem bíblica. Conhecia profundamente a obra de JACQUES MARITAIN, THOMAS MERTON, PAUL VALÉRY, GEORGE BERNANOS, LÉON BLOIS, GIOVANNI PAPINI, GASTON COURTOIS, JEAN GRÉLOT, FEDERICO SCIACCA, PIERRE BLANCHARD.

Escreveu mais de vinte volumes, cerca de mil artigos para jornais, dentre eles, destacando-se *“A Batalha das Secas”*, *“Divórcio e Reajustamento Familiar”*, *“O Serviço Social na Era Atômica”*, *“O Idoso e sua Problemática”*, *“Tragédia e Epopéia do Nordeste”*, *“Vida e Morte do Nordestino”*, *“Problemas da Ordem Jurídica do Nordeste”* etc. Os livros foram sobretudo resultado de leituras, experiências e vivências com vários segmentos sociais, e, principalmente, uma brilhante herança intelectual de, pelo menos, quatro gerações de estudiosos, parentes em linha reta, notadamente o avô e o pai.

Não o fascinava a política partidária, não em face do ordenamento jurídico, mas pela prática adulterada pelo despotismo dos latifundiários, pela exploração dos traficantes do poder, pelo aliciamento do contingente eleitoral, pela corrupção e pela força policial a serviço dos caudilhos e turiferários do poder, e, com as novas técnicas da mídia eletrônica, pelos demagogos, mistificadores e camelôs da seara político-partidária. Fez uma tentativa frustrada para cargo eletivo, disputando uma cadeira ao Senado, mais como protesto aos estilos vigentes, de que como caçador de títulos ou posições para realização pessoal ou conquista de prestígio e poder.

Após a passagem para o outro lado do mundo, muitos conterrâneos falaram sobre sua vida, pregação, exemplo, ideal e morte, cada um ressaltando o ângulo mais impressionante e atuante de sua personalidade plétórica e polifacética. VERÍSSIMO DE MELO salientou em **Otto** a condição de **único fundador vivo**, em março deste ano, da **Academia Norte-rio-grandense** de Letras, e de um pensamento operário da **Igreja Católica**, dos problemas econômicos e sociais, da Universidade da Cultura como membro do **Conselho Estadual da Cultura**.

O deputado federal e professor NEY LOPES DE SOUZA, em artigo intitulado *“O Artesão da Paz”*, salienta-lhe a condição de professor que ensinava o Direito brasileiro citando os mesmos princípios em outros países, o que demonstrava vasta erudição e o colocava

entre os mestres do Direito Comparado, atestando-lhe sabedoria e talento.

O nosso atual presidente da OAB-RN, Professor **ADILSON GURGEL**, em dois memoráveis artigos, *“Um exemplo a ser seguido”* e *“Um santo Otto Guerra”*, cinzelou um perfil clássico e acabado, em beleza da obra e vida de **Otto Guerra**, cinzelou um perfil clássico e acabado, em beleza e perfeição da obra e vida de **Otto**, do qual transcrevemos um tópico, modelo de síntese de deslumbrante maestria: *“Dr. Otto, Comendador da Igreja Católica, praticou a recomendação do Apóstolo dos Gentios. Ele foi o batalhador incansável contra as secas do Nordeste; foi o homem humilde, honrado, honesto e trabalhador; foi o perpétuo defensor dos direitos humanos; foi o companheiro de d. Selda durante sessenta anos (estaria comemorando o aniversário neste dia 19 de março de 1996); foi o pai carinhoso de uma numerosa prole de treze filhos; foi o cristão autêntico e verdadeiro, devoto de Nossa Senhora e profundo conhecedor da doutrina da Igreja; foi o entusiasta do Movimento de Cursilhos da Cristandade; foi o escritor de muitos livros; foi o nosso companheiro de todos os domingos nesta **Tribuna do Norte**; foi o advogado militante e o valoroso auxiliar da Ordem dos Advogados do Brasil/RN até agora, quando compulsoriamente afastado pela doença que o vitimou”*.

O professor e procurador aposentado **HENRIQUE BATISTA JÚNIOR** escreveu sobre *“DOUTOR OTTO, meu Mestre e Amigo”*. O professor e político **JOÃO FAUSTINO** disse que ele foi o santo canonizado pelo povo que acompanhou a trajetória de sua vida, e revelou que **Otto** escreveu o prefácio de um dos seus livros sobre atividade parlamentar, e que esse texto é uma verdadeira relíquia pelos argumentos e citações da obra de **PIO XI**, com relação à Ação Católica; pelas referências a **ELOY DE SOUZA**, analisando as secas no Nordeste; pelas alusões à **CNBB**, enfocando o problema social brasileiro; pelas referências ao *“Documento de Puebla”*, enfatizando o engajamento do leigo; e notadamente pela interpretação da obra de **PAULO VI** e **JOÃO PAULO II**, referindo-se ao problema da terra.

O jornalista **NILSON PATRIOTA** em seu *“Juízo sobre um homem de fé”*, conclui dizendo que *“homens dessa estatura é que nos induzem, só com o seu exemplo, a certeza de que, apesar de todos os desastres, dos desastinos, que diariamente assistimos no âmbito das relações humanas, neste nosso País e no mundo, não mais será possível à Humanidade regredir à barbárie”*.

MOISÉS DE LIMA, em *“Patrimônio Inestimável”*, fala sobre a biblioteca de **Otto**, tesouro literário que sediará um instituto e fundação.

FERNANDO ANTÔNIO GONÇALVES, professor universitário em Pernambuco, compara-o ao bom samaritano da parábola do Nazareno, no artigo: *“Otto Guerra, a Deus”*.

JURANDYR NAVARRO, membro da Academia Norte-riograndense de Letras, viu em *“Otto Guerra, a marca do equilíbrio”*, e assevera: *“dentro da Igreja, embora leigo, a sua opinião valia igual a de um Bispo, e que na época, da Igreja Apologética, fase tumultuária em que seitas se antagonizavam duelos com as espadas de fogo da dialética, Otto era o representante legítimo da escola cartesiana que preconizava o equilíbrio racional como moderador da Fé e da Razão”*.

CLÁUDIO GALVÃO destaca a sua produção literária, em número e qualidade, em forma de substância, citando o discurso proferido por HÉLIO GALVÃO, que saudou **Otto** na sua posse na Academia Norte-riograndense de Letras. Dá ênfase especial à sua vocação para os estudos da problemática da seca e do semi-árido, vocação que é, ao mesmo tempo, uma tradição de família.

O professor, escritor e jornalista, JOÃO WILSON MENDES MELO, disse que a herança moral e o legado de vida exemplar e de trabalhos intelectuais, são a riqueza que ele deixa aos pósteros, e que, na vida de **Otto Guerra**, há toda uma geração como testemunha e uma quase eternidade para admirar, louvar e quando possível imitar.

O professor MOACYR DE GOIS, fala da simbologia muito forte que marcou a vida de **Otto**, na época da ditadura, *“defendendo os perseguidos, sem perder sua identidade de líder católico e de Comendador da Santa Sé. Otto lutou pela liberdade de oprimidos e injustiçados, foram eles cristãos ou comunistas. Foi exemplo de coragem e de fidelidade a uma concepção política pluralista”*.

O deputado VALÉRIO MESQUITA chamou-o de *“O Apóstolo das Encíclicas”* e entendeu que ele desempenhava o papel e lhe parecia o décimo terceiro Apóstolo, aquele que não é visto mas está sempre presente aos Conselhos e à Ação Católica.

Faltou a palavra embelecida de estilo, ritmo, cadência, ternura, erudição e sapiência, do seu grande amigo AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA, morto dois meses depois, e já doente no desenlace de **Otto**. Como não há obra perfeita e completa, pois sempre há algo para dizer depois de dizer tudo, o necrológio de **Otto** estará sempre inacabado, sobretudo pela ausência do *requiem* que lhe dedicaria nosso pranteado Américo.

Vamos parar. O retrato do homem jamais será acabado. Feliz de quem pode acrescentar-lhe um traço, mesmo apenas um só. A realidade é inesgotável.

NILO PEREIRA, falando sobre “José Américo, o escritor e o homem público” disse: - “Não é perfeição que buscamos num homem, no anjo decaído, expulso do paraíso; é antes a imperfeição tornada em heroísmo à medida que fazemos da vida, passo a passo, um ato de amor, uma liturgia do coração”. Isto se ajusta, com propriedade e precisão, ao que foi **Otto Guerra**

Otto nos lembra uma página de extraordinária beleza, de BERTRAND RUSSEL, em sua *Autobiografia*:

*“Três paixões, simples, mas avassaladoras, me dominaram a vida: o desejo de amar, a busca do saber e a insuportável piedade pelo sofrimento humano. Três paixões, como vendavais, me lançaram aqui e ali, em rumo desordenado, sobre as profundezas de um mar de angústias, beirando o desespero. Busquei o Amor, primeiro por trazer consigo o êxtase – êxtase tão imenso que, muitas vezes, teria de bom grado sacrificado todo o resto de meus dias por algumas horas de felicidade. Busquei-o depois para alívio da solidão – a terrível solidão na qual uma trêmula consciência vê, dos confins do mundo, o frio, imponderável e imenso abismo. Busquei-o, enfim, porque na união do amor vislumbrei, em mística miniatura, um esboçar da **visão do paraíso** imaginada por santos e poetas. Foi o que busquei e, embora talvez pareça bom demais para um ser humano, foi – finalmente, o que encontrei.*

Com idêntica paixão, busquei o saber. Quis entender os corações dos homens. Quis saber por que brilham as estrelas. E tentei captar o significado da potência pitagórica na qual o número sobrepuja o fluxo. Disso, um pouco, mas não muito, consegui.

Amor e saber, no que me foi possível, elevaram-me aos céus. Mas, sempre, tristeza e pena traziam-me de volta à terra. Ecos dos gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas pelo opressor, velhos indefesos – cargas odiadas pelos filhos – e todo um mundo de solidão, pobreza e dor, caricatura do que deveria ser a vida humana. Desejo aliviar o mal mas não consigo, e também eu sofro.

Foi essa minha vida. Valeu a pena vivê-la e a viveria novamente, se me fosse dada a oportunidade”.

Chegamos ao final. Perdão por não termos dito tudo de belo , de grandioso e de exemplar, sobre a personalidade, vida e obra de **Otto**. É muito difícil dizer tudo sobre **Otto Guerra**, porque ele é grande demais, e está muito recente a mudança para uma das moradas da Casa do Pai. Faltam palavras, apesar da exuberante riqueza do idioma português para esboçar-lhe o retrato falado. Para ele, realmente, em talento e bondade, e em tudo o mais que dos autos consta e de que em vida demos testemunho, cabe a frase de GUIMARÃES ROSA:

“Alguém que é melhor que as palavras possíveis da gente.”

A última palavra, a derradeira frase, para ornar-lhe a lápide, seria o epítáfio que se lê no túmulo do maior dos gênios de Florença:

“Macchiavelli – Tantum nomen.”

Escreveríamos então: **OTTO GUERRA – basta o nome.**

(Conferência pronunciada pelo professor Múcio Vilar Ribeiro Dantas, no dia 29-8-96, na Semana de Estudos Jurídicos da UNIPEC no auditório da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, em Natal).

30 ANOS DE ECONOMIA E CONTABILIDADE 16.12.65 – 16.12.95

Geraldo Guedes de Moura*

O tempo parece não ter passado para aquele grupo de jovens, que no início dos anos sessenta, com idealismo obstinação, tomou a decisão de ingressar nos cursos de Economia e Contabilidade da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais de Natal, encampada pela UFRN em 1972.

A instalação da Faculdade em 1972 só foi possível graças ao trabalho e desprendimento pessoal dos professores Ulisses Celestino de Gois, Hélio Mamede Galvão (1º diretor), João Wilson Mendes Melo (2º diretor), Otto de Brito Guerra. Seu funcionamento se deve aos professores José Henrique Bittencourt, Dirceu Victor de Holanda, Túlio Augusto Fernandes de Oliveira, Francisco Dantas Guedes, Tarcísio Natividade Medeiros, Padre Heitor de Araújo Sales (hoje, Arcebispo de Natal), José Ferreira de Souza Sobrinho, Raimundo Nonato Silva, Reginaldo Teófilo da Silva, Waldemiro Fonseca e Cunha, Paulo Pinheiro de Viveiros, Severino Lopes de Oliveira, Rosemiro Robson Silva, Everton Dantas Cortez, Sinfrônio Sabino Costa, José Nazareno Moreira, Gilvan Trigueiro, José Augusto Peres, Getúlio Alves da Nóbrega e João Humberto de Vasconcelos.

As dificuldades foram imensas para a instituição, quer do lado de sua direção e corpo docente como também para os que integravam o corpo discente. A efervescência social que tomava conta do país e, particularmente, desta região (anos sessenta) deve Ter sido a grande fonte inspiradora para a ultrapassagem de todos os obstáculos, bem como, par a conquista final.

Aulas interrompidas pela falta de energia, livrarias e bibliotecas com pouco material bibliográfico, professores ministrando aulas a título de colaboração (sem um salário condigno) e muito mais, contudo, fazia decair o entusiasmo do grupo.

No dia dezesseis de dezembro de 1965, no Teatro Alberto Maranhão, sob a presidência do magnífico Reitor da UFRN, Professor Onofre Lopes da Silva, com as presenças do nosso Paraninfo e Diretor da Faculdade Prof. João Wilson Mendes Melo e corpo docente, aconteceu o tão sonhado momento de glória para aquele grupo de jovens formandos, integrantes da 1ª turma de bacharéis em Ciências Econômicas (Economistas): Antônio Tiago Gadelha Simas Netto, Carlos Alberto Chaves, Ezequiel Epaminondas da Fonseca, Fernando

* Economista, Professor e Consultor de imprensa.

Antônio Barreto Paiva, Geraldo Guedes de Moura, Gilza da Nóbrega Fernandes, Hugo de Andrade Dutra, Ianis Ramalho Cortez, João Batista Gomes da Câmara, José Fernandes Salsa P. Rocha, José Galvão Gondim, Jomar de Andrade Alecrim, Manoel Corcino da C. Filho, Marcos César Formiga Ramos, Marcos Luiz da Cunha Santos, Marcos Toscano de Araújo, Maria do Carmo Doca, Maria Lúcia de V. Travassos Sarinho, Maurício Dias, Nilo Ezequiel da Fonseca, Pedro Fernandes Cabral de Macedo, Pedro Lopes Cavalcanti e Sebastião Figueiredo da Silva.

1ª Turma de Bacharéis em Ciências Contábeis (Contadores): Antônio Diógenes Fernandes, Eufran de Oliveira Souza, José Alcir B. Cavalcanti, José Carlos Gurgel, José Luiz Galvão, Martinho Paiva Sidon e Otacílio Maurício Damasceno.

Marcado o tempo da colação de grau, em que pese as críticas ou ceticismo que se tenham levantado quanto à qualidade daqueles cursos pioneiros em nosso Estado, o futuro provou que aquele grupo de "idealistas" (dirigentes, professores e alunos), estava apenas se preparando para novas e sucessivas vitórias, e não precisa ir longe para mostrar o óbvio, pois, decorridas três décadas, basta ver de forma sumária, o que cada formando, de sessenta e cinco, ostenta no seu "Curriculum Vitae". A turma se dispersou a partir da colação de grau, naquela memorável noite (16.12.65), contudo, cada um no seu campo de trabalho, no Setor Público (esferas Federal, Estadual e Municipal) e Setor Privado, deu o melhor de si. Na transformação Econômico-Social deste Estado, não existe projeto que um integrante da primeira turma não tenha participado. Alguns colegas de turma chegaram, também, a brilhar no cenário nacional, passando a servir a instituições governamentais e do setor privado.

Neste momento de alegria, não podemos deixar de fazer um registro sentimental por aqueles professores que já partiram para o plano espiritual e, particularmente, pelos companheiros de turma Manoel Corcino (Bilé), Gilza da Nóbrega Fernandes e Jomar de Andrade Alecrim, todos havendo honrado a profissão que abraçaram.

Agora, mais amadurecidos, olhando para o passado, que parece que foi ontem, nos sentimos, ainda, em condições de contribuir com essa experiência profissional com o que a sociedade está a demandar.

Que as nossas últimas palavras sejam de agradecimento a Deus e ao grupo de iluminados homens que fizeram a instalação dos dois cursos : Economia e Contabilidade.

Nossa homenagem maior ao nosso Diretor Prof. João Wilson Mendes Melo, que administrou a Faculdade durante 8 anos, vencendo todas as dificuldades, até ser encampada pela UFRN, secretários

João DAVID e ABÍLIO Fonseca de Sousa, e ao corpo docente, em particular.

Transcrevemos o contido na plaqueta escrita pelo professor Túlio Fernandes nas Bodas de Prata da turma em 1965: O MAGISTÉRIO.

“A frente do sacerdote se verga para o cálice consagrado. A do lavrador, para a terra. A do que espalha o grão da verdade, para o sulco so aberto nas consciências novas. E todos três recebem ordens sacras. Todos concorrem para a fecundação divina do Universo. A hóstia, o arado, a palavra correspondem aos três sacerdócios do Senhor. Mas a suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade. O lavrador deste chão devia amá-lo de joelhos”.

(Rui Barbosa, Escritos e Discursos Seletos, pág. 650, Ed. José Aguiar, 1960).



“OS PARTOS DA FANTASIA” EM DIÓGENES DA CUNHA LIMA

Hilberto Barbosa Filho*

“O real perdeu de longe para a alta fantasia”, diz o poeta norte-rio-grandense Diógenes da Cunha Lima, em *Tempo persona*, um dos poemas de *Os Pássaros da Memória*, coletânea publicada no Rio de Janeiro, pela Lidador, em 1994.

Anterior ao *Livro das respostas* (1996) e posterior a *Lua quatro vezes sol* ((1996). *Instrumento dúctil* (1975), *Corpo breve* (1980), *Natal, poemas e canções* (1982) e *Poemas versus prelúdios* (1983), *Os pássaros da memória particulariza*, na poética deste potiguar, a figuração do tempo enquanto elemento motivador, perspectivado em suas nuances cronológicas, metafísicas, psicológicas, lúdicas, eróticas e emocionais. Tudo, na cristalização de uma linguagem onde a expressividade lírica alia o sentido plástico da imagem ao virtuosismo de uma dicção caracteristicamente contida, econômica e, não raro, musical.

Como entrevê nos versos referidos, conta mesmo nesta lírica a fantasia criadora e toda a sua capacidade de tocar o real naquilo que ele contém de encantatório, de enigmático, enfim, de disponibilidade poética, aberto ao gume da palavra ritmada e ao imaginário que sabe construir imagens das cenas mais banais, a exemplo do que podemos ver num texto como *Tempo etilírico*:

O bêbado sobre o monte
Mijando estrelas
Na linha do horizonte.

O sóbrio não vê talvez
No equilíbrio do ébrio
O brilho da lucidez.

E *Os pássaros da memória*, Diógenes da Cunha Lima percorre, assim, seus roteiros poéticos, tecendo o calendário dos meses, através de um jogo verbal em que a palavra, sempre ajustada no compasso do ritmo e explorada em suas camadas significativas, preserva no seu tempo o tempo inconfundível da percepção poética.

Há, nestes poemas de Diógenes, algo do minimalismo oriental a exigir, do olhar sobre as coisas, qualquer sutileza, seja lúdica seja filosófica, seja circunstante seja essencial, que as torna incomuns, singulares, inusitadas...

* Hilberto Barbosa é crítico literário e poeta.

Eis o que enuncia a voz poética em **Tempo eros**:

A amante terna
 Nua conduz a lua
 Minguante entre as pernas.
 Milagre sob o ventre
 Onde o rubi do púbis
 É o sol nascente.

Ao tempo do calendário, na sua cronologia sucessiva e linear, o poeta associa o tempo da alma, sem as suas prefixações quantitativas, precisamente para fazer falar outras inquietações, isto é, as inquietações específicas do labor estético, pois “Enquanto a tristeza lavra/Na vã colheita o poeta/Recolhe o mel das palavras”. Ou, para além do dado reflexivo da metalinguagem, vê-se a outros tempos jungido o tempo memorial, com toda a sua carga de afeto e magia:

O rio ágil vem
 Molhar o silêncio
 Da margem.
 Festa de imagens marinha

Redes de peixes pescadores
 Compõem a noite à noitinha.

Não só há algo do minimalismo oriental nesta poética. Diríamos também que ela traz algo da poesia primitiva, sobretudo naquilo que ela possui de ritual (observe-se o primeiro poema em que mês a mês o tempo vem poeticamente recriado), de mágicos, de simples, mesmo que a estas notações não fuja a surpreendente possibilidade dos “partos da fantasia”, para remetermos a uma bela expressão de Grabner, em seu clássico **Os pássaros da memória** corporifica uma espécie de mapeamento dos matrizes emocionais, peculiares a quem se dispõe a recortar a carne das coisas, atento, contudo, a sua dimensão lírica, o que decerto pode envolver até, como sugere Gilberto Mendonça Teles, em sugestivo prefácio de aproximações rosianas, a condição esotérica.

Preferimos não ir a tanto, aderindo, porém, a idéia de que há muito da visão, entre lúdica e mágica, do Guimarães Rosa, de **Tutaméias**, no Diógenes da Cunha Lima que ora apreciamos. Outros nomes ainda nos vêm para realçar as aproximações poéticas. Talvez Manoel de Barros e algo do seu surrealismo impactante. Talvez o Mário Quintana, com seus *insights* lúdicos, com suas apreensões desconcertantes. Mas o certo é que Diógenes da Cunha Lima é ele mesmo. Expressão mínima para um conteúdo intenso. Econômica em aridez. Lirismo sem hipertrofia. Lirismo fotográfico, mas também lirismo que pensa:

A vida não serve
Que alma é longa
E o corpo breve.

Com uma obra já consolidada, Diógenes da Cunha Lima responde, ao lado de nomes, como Luís Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro, Jarbas Martins, Marize Castro, entre outros, pela mais efetiva poesia do Rio Grande do Norte na contemporaneidade.

VII

Os Poetas Bissexto

NOTA EXPLICATIVA

As pessoas que exerceram esporadicamente a literatura, em especial a poesia, são denominadas poetas bissextos.

Como em toda parte, registramos no Rio Grande do Norte muitos trabalhos de valor, em vocações que os seus autores não cultivaram e alguns até delas desdenharam.

Iniciamos neste número da Revista a publicação desses ensaios de poesia que chegaram às nossas mãos.

Segue-se, pois, o soneto de um imortal que se dedicou a outros ramos do saber e da literatura, MANOEL BENÍCIO FILHO que, ao seu tempo, teve atuação brilhante na magistratura, juiz e desembargador dos mais conceituados pela justiça que praticou e pela redação fundamentada e escorreita de suas sentenças.

Vamos saborear o seu SAUDADE.

Não há notícia de outros versos de sua autoria.

Saudade

Neste exílio sombrio em que me vejo,
Por silêncio tristonho amargurado
Solto um canto sentido e magoado
Vendo longe o porvir do meu desejo

Lanço os olhos ao céu e num adejo
Busca minh'alma exul Paiz amado
E nele ponho um beijo delicado
Um beijo amigo, um amargurado beijo.

Fitando o céu de cima desta serra
Divizo no horizonte em minha terra
Uma estrela luzir na imensidade.

E ao ve-la assim, no engaste azul brilhar
Lembro de minha mãe o santo olhar
Por seu filho chorando de saudade.

*Soneto de Benício Filho
Aos 16 anos de idade.*



Re

Vol